

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

**ENRAIZAR-SE: CULTIVANDO PAISAGENS INTERNAS DURANTE A PANDEMIA
DA COVID-19**

BEATRIZ CRISTINA VALENTINI GRIGORIO

ORIENTADORA: PROFESSORA RAQUEL ALVARENGA SENA VENERA

COORIENTADORA: PROFESSORA MARILUCI NEIS CARELLI

JOINVILLE – SC

2025

BEATRIZ CRISTINA VALENTINI GRIGORIO

ENRAIZAR-SE: CULTIVANDO PAISAGENS INTERNAS DURANTE A PANDEMIA
DA COVID-19

ECHAR RAÍCES: CULTIVANDO PAISAJES INTERNOS DURANTE LA PANDEMIA
DE LA COVID-19

ROOTING YOURSELF: CULTIVATING INNER LANDSCAPES DURING THE
COVID-19 PANDEMIC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, Linha de Pesquisa: Patrimônio, Memória e Linguagens, da Universidade da Região de Joinville - Univille - como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, sob orientação da professora Raquel Alvarenga Sena Venera e co-orientação da professora Mariluci Neis Carelli.

JOINVILLE – SC

2025

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

| | |
|-------|--|
| G857e | <p>Grigorio, Beatriz Cristina Valentini Enraizar-se : cultivando paisagens internas durante a pandemia da Covid-19 / Beatriz Cristina Valentini Grigorio; orientadora Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera; coorientadora Dra. Mariluci Neis Carelli. – Joinville: UNIVILLE, 2025.</p> <p>127 f.: il.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville)</p> <p>1. Jardinagem. 2. Paisagens internas. 3. Covid-19. 4. Pandemia. 5. Patrimônio cultural. I. Venera, Raquel Alvarenga Sena (orient.). II. Carelli, Mariluci Neis (coorient.). III. Título.</p> <p>CDD 635.965</p> |
|-------|--|

Termo de Aprovação

“ENRAIZAR-SE – CULTIVANDO PAISAGENS INTERNAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19”

por

Beatriz Cristina Valentini Grigório

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
Orientadora (UNIVILLE)

Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli
Coorientadora (UNIVILLE)

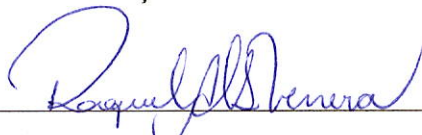
Profa. Dra. Yolanda Flores e Silva
(UNIVALLI)

Profa. Dra. Juliana Miranda da Silva
(Pós-Doc /UNIVILLE)

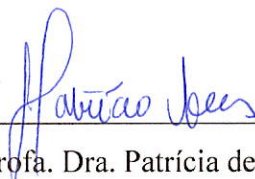
Profa. Dra. Nadja Carvalho Lamas
(UNIVILLE)

Profa. Dra. Roberta Barros Meira
(UNIVILLE)

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.



Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
Orientadora (UNIVILLE)



Profa. Dra. Patrícia de Oliveira Areas
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

Joinville, 26 de fevereiro de 2025.

Agradecemos a toda a equipe docente do PPGPCS, por acolher todas as intercorrências ao longo do processo de pesquisa.

Aos familiares que acolheram nosso cansaço e foram nosso colo ao longo da jornada.

À FAPESC, pelo apoio à pesquisa “Patrimônio cultural: para quê e para quem? Um estudo interdisciplinar sobre a função do patrimônio na sociedade contemporânea”, edital Chamada Pública FAPESC Nº 15/2021.

Aos entrevistados, que disponibilizaram seu tempo e confiaram sua história à nossa pesquisa.

A todos, nosso muito obrigada!

Dedico este trabalho à Beatriz de 2017 que iniciou o tratamento daquilo que foi nomeado na época como um quadro de depressão e transtorno de ansiedade generalizada. Que se sente um estorvo cada vez que entra em um crise depressiva, não tem coragem de buscar ninguém e busca uma última força para escrever pedindo ajuda. E, que em mais de uma crise, viu no mestrado uma motivação para seguir.

Dedico à minha querida orientadora prof^a Raquel, que pegou pela minha mão e me mostrou que é possível o deleite na pesquisa acadêmica. Bem como a coorientadora prof^a Mariluce, que me mostrou o belo caminho da pesquisa em paisagem.

Dedico ao primeiro grão de terra que sujou minha mão e começou de forma singela, uma revolução na minha vida.

E sobretudo dedico àqueles que têm sido meus braços e pernas, amigos e familiares, me levando pelos jardins da vida, em solos firmes e lamacentos. Especialmente a pessoa que mais me motivou no caminho acadêmico, um anjo que foi colocado na minha vida, a quem chamo de mãe!

Resumo: A conexão com a natureza através das plantas é uma prática ancestral. Conhecimentos medicinais, rituais religiosos e manifestações de afeto exemplificam como a humanidade demonstra essa ligação. Os jardins, apesar de sua natureza sazonal, revelam como um grupo interage com seu ambiente. No contexto pandêmico, a jardinagem foi amplamente utilizada como forma de bem-estar, permitindo a criação de paisagens internas e muitas histórias em torno delas. Essa prática, que demanda atenção e paciência, não apenas melhora a qualidade de vida de seus adeptos, mas também reflete identidades culturais e pessoais, ocupando um lugar de destaque em muitos patrimônios culturais ao redor do mundo. Com base nesse panorama, esta pesquisa propõe-se a compreender as narrativas de pessoas que, no contexto da Covid-19, escolheram a jardinagem como forma de preservar-se, transformar-se e/ou curar-se. Valorizando as histórias de vida e a escuta ativa, utiliza a perspectiva das narrativas como patrimônio cultural, fundamentando-se em Paul Ricoeur e abordagens qualitativas, com entrevistas semi-estruturadas captadas pelo método bola de neve. A pesquisa inicia discutindo o conceito de paisagem, posicionando-a no campo do patrimônio cultural e locando a participação das paisagens na vida das pessoas. O impacto terapêutico da jardinagem evidenciado por estudos prévios, como o de Feitosa *et al*, foi central no enfrentamento das adversidades do isolamento social para várias pessoas, refletindo inclusive na economia. Nas etapas seguintes, a pesquisa aborda a transformação das narrativas e da escuta em bens culturais, considerando as subjetividades e contextos culturais envolvidos. As entrevistas realizadas com cinco participantes revelam como a prática da jardinagem possibilitou superar sentimentos de desamparo, promovendo saúde emocional e ressignificando a relação dos sujeitos com seus espaços cotidianos, partindo do contexto pandêmico. Conclui-se que a jardinagem, em tempos de crise global, transcendeu sua função estética, configurando-se como um elemento de autocuidado e preservação de memórias. Resgatando histórias individuais e coletivas, o estudo contribui para a valorização das práticas cotidianas enquanto formas de patrimônio cultural, reafirmando sua importância na construção de paisagens internas e no fortalecimento de identidades em tempos de adversidade.

Palavras-chaves: Memórias, Paisagem Interna, Jardinagem, Covid-19, Análise de Conteúdo

Abstract: The connection with nature through plants is an ancestral practice. Medicinal knowledge, religious rituals, and manifestations of affection exemplify how humanity demonstrates this bond. Gardens, despite their seasonal nature, reveal how a group interacts with its environment. In the pandemic context, gardening was widely used as a means of well-being, allowing for the creation of internal landscapes and many stories surrounding them. This practice, which demands attention and patience, not only improves the quality of life of its practitioners but also reflects cultural and personal identities, occupying a prominent place in many cultural heritages worldwide. Based on this perspective, this research aims to understand the narratives of people who, in the context of Covid-19, chose gardening as a way of preserving, transforming, and/or healing themselves. Valuing life stories and active listening, it adopts the perspective of narratives as cultural heritage, based on Paul Ricoeur and qualitative approaches, with semi-structured interviews conducted using the snowball sampling method. The research begins by discussing the concept of landscape, positioning it within the field of cultural heritage, and emphasizing the role of landscapes in people's lives. The therapeutic impact of gardening, evidenced by previous studies such as Feitosa et al., was central to coping with the adversities of social isolation for many individuals, even reflecting on the economy. In subsequent stages, the research addresses the transformation of narratives and listening into cultural assets, considering the subjectivities and cultural contexts involved. Interviews with five participants reveal how the practice of gardening enabled them to overcome feelings of helplessness, promoting emotional health and redefining their relationship with everyday spaces within the pandemic context. It concludes that gardening, in times of global crisis, transcended its aesthetic function, establishing itself as an element of self-care and memory preservation. By rescuing individual and collective stories, the study contributes to the appreciation of everyday practices as forms of cultural heritage, reaffirming their importance in the construction of internal landscapes and the strengthening of identities in times of adversity.

Key words: Memories, Intern Landscape, Gardening, Covid-19, Content Analysis

Resumen: La conexión con la naturaleza a través de las plantas es una práctica ancestral. Los conocimientos medicinales, los rituales religiosos y las manifestaciones de afecto ejemplifican cómo la humanidad demuestra este vínculo. Los jardines, a pesar de su naturaleza estacional, revelan cómo un grupo interactúa con su entorno. En el contexto de la pandemia, la jardinería fue ampliamente utilizada como una forma de bienestar, permitiendo la creación de paisajes internos y muchas historias alrededor de ellos. Esta práctica, que requiere atención y paciencia, no solo mejora la calidad de vida de sus practicantes, sino que también refleja identidades culturales y personales, ocupando un lugar destacado en muchos patrimonios culturales del mundo. Con base en este panorama, esta investigación se propone comprender las narrativas de personas que, en el contexto de la Covid-19, eligieron la jardinería como una forma de preservarse, transformarse y/o curarse. Valorando las historias de vida y la escucha activa, utiliza la perspectiva de las narrativas como patrimonio cultural, basándose en Paul Ricoeur y enfoques cualitativos, con entrevistas semiestructuradas realizadas mediante el método de bola de nieve. La investigación comienza discutiendo el concepto de paisaje, ubicándolo dentro del campo del patrimonio cultural y resaltando la participación de los paisajes en la vida de las personas. El impacto terapéutico de la jardinería, evidenciado por estudios previos como el de Feitosa et al., fue central para enfrentar las adversidades del aislamiento social para muchas personas, reflejándose incluso en la economía. En etapas posteriores, la investigación aborda la transformación de las narrativas y la escucha en bienes culturales, considerando las subjetividades y los contextos culturales involucrados. Las entrevistas realizadas con cinco participantes revelan cómo la práctica de la jardinería les permitió superar sentimientos de desamparo, promoviendo la salud emocional y resignificando la relación de los sujetos con sus espacios cotidianos, partiendo del contexto pandémico. Se concluye que la jardinería, en tiempos de crisis global, trascendió su función estética, configurándose como un elemento de autocuidado y preservación de memorias. Rescatando historias individuales y colectivas, el estudio contribuye a la valorización de las prácticas cotidianas como formas de patrimonio cultural, reafirmando su importancia en la construcción de paisajes internos y el fortalecimiento de identidades en tiempos de adversidad.

Palabras clave: Memorias, Paisaje Interno, Jardinería, Covid-19, Análisis de Contenido

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Diagrama Método Bola de Neve | 16 |
| Figura 2 - Rita Wainer - Ilustração sobre o isolamento social causado pelo coronavírus - 2020 - Ilustração Digital - Instagram | 18 |
| Figura 3 - Pablo Picasso - Guernica - 1937 - Óleo sobre tela - 776 cm x 349 cm - Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid na Espanha | 25 |
| Figura 4 - Jean-Baptiste Debret - Caboclo - 1820 - Aquarela sobre papel - 22,00 cm x 27,20 cm - Museu Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro, RJ) | 27 |
| Figura 5 - Johann Moritz Rugendas - Índios Flechando uma Onça - 1830 - Óleo sobre tela - 91,00 cm x 66,00 cm - Itaú Cultural | 28 |
| Figura 6 - Maria Graham - Vista da Baía de Guanabara (detalhe) - 1824 - óleo sobre tela - 190,00 cm x 353,00 cm - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (SP) | 29 |
| Figura 7 - Abigail de Andrade - A Hora do Pão - 1889 - óleo sobre tela - 70,00 cm x 50,00 cm - Itaú Cultural | 30 |
| Figura 8 - Classificação das paisagens culturais pela Unesco | 37 |
| Figura 9 - Sítio Roberto Burle Marx Exemplo do primeiro tipo de paisagem | 38 |
| Figura 10 - Jardim Paleobotânico do Município de Mata - RS Exemplo do segundo tipo de paisagem | 38 |
| Figura 11 - Floresta Sagrada de Osún - Osogbo, Nigéria Exemplo do terceiro tipo de paisagem | 39 |
| Figura 12 - Mapa da Entrevista de Ruth | 58 |
| Figura 13 - Mapa da Entrevista de Daniele | 67 |
| Figura 14 - Mapa da Entrevista de Daiane | 76 |
| Figura 15 - Mapa da Entrevista de Mateus | 82 |
| Figura 16 - Mapa da Entrevista de Lucélia | 92 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2. SEMEANDO PAISAGENS CULTURAIS, NARRATIVAS E FORMAS DE VIDA - ABORDAGENS NO CAMPO DO PATRIMÔNIO CULTURAL..... | 21 |
| 2.1 Paisagens em construção: conceituação do termo..... | 22 |
| 2.2 Paisagens e os contextos patrimoniais..... | 35 |
| 2.3 Paisagens vividas - participação das paisagens na vida das pessoas..... | 43 |
| 3. CULTIVANDO NARRATIVAS E ESCUTA: A TRANSFORMAÇÃO DE FORMAS DE VIDA EM BENS CULTURAIS..... | 47 |
| 3.1 Cultivando o processo – construção do acervo de entrevistas narrativas..... | 48 |
| 3.2 Germinar Conexões: O Processo de Entrevista como Cultivo de Relações. | 51 |
| 4. COLHENDO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS - NARRATIVAS SOBRE OS IMPACTOS E REINVENÇÕES NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19..... | 57 |
| 4.1 Raízes de Transformação: O Jardim, o Empreendedorismo e a Recuperação de Ruth Pavanello Bianchini..... | 58 |
| 4.2 Raízes de Memórias: Os Jardins e o Legado de Dona Alba - Por Daniele Claudia Miranda..... | 67 |
| 4.3 Raízes de Resiliência: A Jardinagem como Refúgio e Renovação no Residencial das Palmeiras - Por Daiane Aparecida de Souza Piske..... | 76 |
| 4.4 Raízes de Renascimento: Conexões Ancestrais e Aprendizados no Ciclo da Natureza através da Jardinagem - Por Mateus Rauhen..... | 82 |
| 4.5 Raízes de Esperança: Amor, Fé e o Jardim de Lucélia Destefani..... | 92 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 107 |
| 6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO..... | 112 |
| APÊNDICE A - Roteiro das Entrevistas..... | 120 |
| ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP..... | 121 |

1. INTRODUÇÃO

Há um ditado lorubá que diz “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”, permita-me dizer como esse ditado se encaixa perfeitamente no contexto desta dissertação e contar como essa dissertação começou a ser desenvolvida dois anos antes de eu entrar neste programa de pós-graduação.

Como muitos, não suspeitei a vinda de uma pandemia em 2020, mas tal como a lei, o não conhecimento não me eximiu de lidar com as consequências do caos instaurado. Findei 2019 muito satisfeita com meu progresso pessoal, fechava dois anos em processo psicoterapêutico, fazia minha primeira tatuagem, decidia deixar a religião que por anos dediquei meu tempo e propósitos de vida, mas que deixava de fazer sentido. Nem dei atenção a curiosa notícia do vírus que causava um rebuliço do outro lado do mundo e caminhei para 2020 como o ano da minha autocoroação, o palco para celebrar aquilo que sempre fora, mas escondia debaixo de muito medo. Mesmo que em 03 de fevereiro de 2020, tenha sido declarada “Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV)” (Brasil, 2020), comecei o ano bem, aproveitei o carnaval na rua pela primeira vez, comecei a namorar e iniciei o meu último semestre da faculdade de Arquitetura e Urbanismo muito otimista. Ainda digeriria essa alegria das ruas e descansava o corpo do ‘festerê’, quando em 11 de março de 2020 a OMS elevou a Covid-19 da classificação de contaminação para pandemia (UNA-SUS, 2020), dando início a uma fase extremamente dolorosa e desafiadora para a humanidade. Esse período se apresentou de formas diferentes para as pessoas. Além do impacto imediato provocado pela doença, os que não foram obrigados a lidar com o luto repentino, ou as sequelas dessa enfermidade, lidaram com a impossibilidade de coletivizar e em casos mais críticos perderam suas fontes de renda, o que fez somar ao confinamento a preocupação pela próxima refeição, um corpo com fome buscará sanar antes da falta de condições sanitárias, a falta de alimento; ressalta-se que quase “35 milhões de pessoas no Brasil vivem sem água tratada e cerca de 100 milhões não têm acesso à coleta de esgoto” (Brasil, 2022).

Minha ascensão foi bruscamente interrompida pelo isolamento, em poucos meses eu teria terminado a faculdade, rompido o meu namoro e ficado desempregada. Ter uma subida vertiginosa interrompida já seria um luto gigantesco,

mas a soma dessas outras situações, foram a catapulta que me jogou no fundo do poço. Acompanhamento médico e psicológico me mantiveram estável, mas efetivamente, o gosto pela vida não voltava. Mas, a Vida escolheu se apresentar para mim de outra forma.

Era novembro de 2020, quando minha mãe me chamou para almoçar com ela e conhecer uma nova loja próxima ao seu trabalho, que nunca encontrava aberta. Era uma singela loja de plantas e itens de decoração, a jovem dona muito simpática nos recebeu e explicou que a loja ainda fechava para almoço, mas que buscava outra pessoa para compor a equipe da loja e oferecer esse horário de atendimento para o público. Minha mãe e eu nos entreolhamos, parecia uma boa oportunidade de retomar uma renda, manifestei o interesse e em poucos dias já começava a rotina com as plantas que mudariam meu estado de saúde. Era a vida, se mostrando para mim através de outros seres, foi naquela oportunidade que experimentei a vida pulsando dentro de mim a cada adubação, rega e germinar de novas folhas. E muitas foram as pessoas que pude ouvir com histórias semelhantes, como forma de se preservar, os que puderam se recolher em suas residências, buscaram distração em diversas atividades e entre elas a jardinagem teve um relevante destaque.

A busca pela conexão com a natureza através do cultivo e contato com as plantas não é novidade. Seja acolhendo a agonia mortal de Jesus em Getsêmani (Mt 26, 36) ou presenteando a pessoa amada como teriam sido os Jardins Suspensos da Babilônia (Zaidan; Felipe, 2008), as plantas exercem seu protagonismo para além do uso alimentício há milênios (Adams, 1991). Ainda em 2020, o mercado de plantas previu um aumento de 5% no faturamento em relação ao ano de 2019 (Evans; Pacífico, 2020). Mesmo sem pretensão, as pessoas se abriram para vários benefícios ao se conectar com a terra, e a ciência já vem destacando isso há algum tempo.

[...] analisou-se em pesquisas realizadas que a horticultura proporcionou um relaxamento, diminuiu a ansiedade, aumentou a autoestima e resgatou o conhecimento popular, havendo também uma significativa inclusão social (Feitosa et al, 2014).

Também não é novidade que a experiência da interação do homem com a natureza através do cultivo é fonte de grande conexão, para além das funções alimentares.

Fuga, nostalgia, ambição mundana e exaustão mundana têm sido justificativas através da longa história da jardinagem. Essas emoções humanas, frequentemente mascaradas/disfarçadas/ocultadas no mito, religião e ritual, sem mencionar nossas necessidades psíquicas comuns/ordinárias/do dia a dia, conferem à jardinagem uma dimensão de interesse que vai além da lista de plantas, condições de solo e variações do clima (Adams, 1991)¹.

Percebi que havia algo que merecia ser contado sobre isso, a jardinagem atuou e atua tão intensamente de forma a marcar histórias, mudar vidas e imprimir fortes traços de cultura onde se insere, seja em grande escala compondo paisagens urbanas ou em pequena escala com paisagens residenciais. Na sensibilidade e detalhe nos jardins japoneses ou espontaneidade e cores alegres dos jardins do brasileiríssimo Roberto Burle Marx², percebe-se o exalar de uma coletividade. Assim como os quintais de nossos avós, onde corríamos com nossos primos, exalavam acolhimento e ainda marcam as memórias de muitos. E com essa ternura, essa prática se apresentou para os curiosos que se abriram a ela, resultando belas paisagens no interior das residências e florescendo um ambiente de bem-estar emocional que reverberou para além da crise pandêmica.

Pois bem amigo leitor, era final de 2022, depois de uma nova visita duradoura da minha parceira – a depressão –, que me obrigou a passar por uma revisão de medicação, o trancamento do curso e a renúncia da bolsa de estudos que usufruía - a instituição em questão não aceitou o tempo de afastamento que minha médica recomendou - que com a ajuda de minha orientadora, a querida professora Raquel Alvarenga Sena Venera, que vi Exu jogando a pedra. Novamente me vi esvaziada de toda a força vital e me movimentava pelo efeito medicamentoso, estava consciente do meu apreço pelo curso, mas duvidava de minha capacidade de seguir entre o grupo de excelência. Eis que com muita ternura e compaixão, a professora me convidou ao seguinte pensamento: “Beatriz, vamos buscar um tema que você goste tanto, que não perceba que está escrevendo”, foi o acolhimento que precisava. Seguiram-se dias de reflexão e o orixá lançou o pedregulho, lembrei de tudo o que vivi e das histórias que ouvi, olhar o pássaro atingido pela pedra me fez querer honrar essa jornada, pois eu e outras pessoas tínhamos uma história para

¹ Tradução livre do texto original: Escape, nostalgia, worldly ambition, and worldly exhaustion have all been excuses throughout the long history of garden-making. These human emotions, often masked in myth, religion, and ritual, not to mention our garden variety psychic needs, give gardening a dimension of interest that goes far beyond plant lists, soil conditions, and the vagaries of the weather.

² Roberto Burle Marx (1909-1994) foi um paisagista e multiartista brasileiro, pioneiro do paisagismo modernista no Brasil. Ele é conhecido por usar plantas nativas e formas orgânicas em seus projetos, e por defender a conservação das florestas tropicais.

contar. Bingo! Havia achado a temática perfeita para o meu deleite e que se encaixa sob o guarda-chuva do grupo de pesquisa Subjetividade e (Auto)biografias³, do qual faço parte. O autor Felipe Rodrigues da Silva (2023), nos ajuda a compreender lindamente a preciosidade do processo de narrativa e escuta como patrimônio:

Alçar as narrativas e a escuta ao status de patrimônio — um patrimônio (em) comum da humanidade — pode ser visto como uma forma de ativismo a favor da democratização das memórias, já protegidas como direitos, e das identidades nesse jogo de poder (Silva, 2023, P 78).

E ainda completa que encarar a narrativa e escuta como patrimônio é trazer a Vida para o centro da questão (Silva, 2023, P 79). Eis então o recorte desta pesquisa: a dissertação "Enraizar-se, Cultivando Paisagens Internas Durante a Pandemia da Covid-19" tem como tema a prática da jardinagem como uma forma de promoção de bem-estar e encontro consigo durante a pandemia, tendo como objeto de pesquisa responder a seguinte questão: Como a construção de paisagens internas na experiência prática de jardinagem impactou a promoção de bem-estar, nas narrativas e experiências de indivíduos que se engajaram nessa atividade como uma estratégia de enfrentamento da aflição e desamparo surgidos na crise sanitária da Covid-2019?

Para responder à questão que nasceu na intimidade das moradas, foi necessário pedir licença para visitar essas histórias, escutar estes sujeitos e dar palco aos protagonistas. Uma vez que essa produção se ancorou em um espaço de tempo muito singular, entendeu-se que métodos sistemáticos podem fazer perder o *detalhe* em que mora o subjetivo. E foi a luz da *compreensão* segundo Paul Ricoeur que essa pesquisa caminhou rumo aos seus objetivos.

Ricoeur (2010) traz em sua obra o conceito de Jogos do Tempo, que elucida entre várias ideias, a de que enunciações assumem diferentes papéis dependendo do tempo verbal em que são apresentadas.

A necessidade de separar o sistema dos tempos do verbo da experiência viva do tempo e a impossibilidade de separá-los completamente me parecem ilustrar maravilhosamente o estatuto das configurações narrativas, ao mesmo tempo autônomas com relação à experiência cotidiana e mediadoras entre o antes e o depois da narrativa (Ricoeur, 2010, P 111).

³O grupo de pesquisa Subjetividade e (Auto)biografias discute os desafios das "escritas de vidas", entendendo o registro (auto)biográfico como uma prática de descoberta e produção de conhecimento. Os debates abrangem as conexões das (auto)biografias nas redes sociais, a democratização das narrativas, as "arquiteturas de si" e os processos de subjetivação contemporânea.

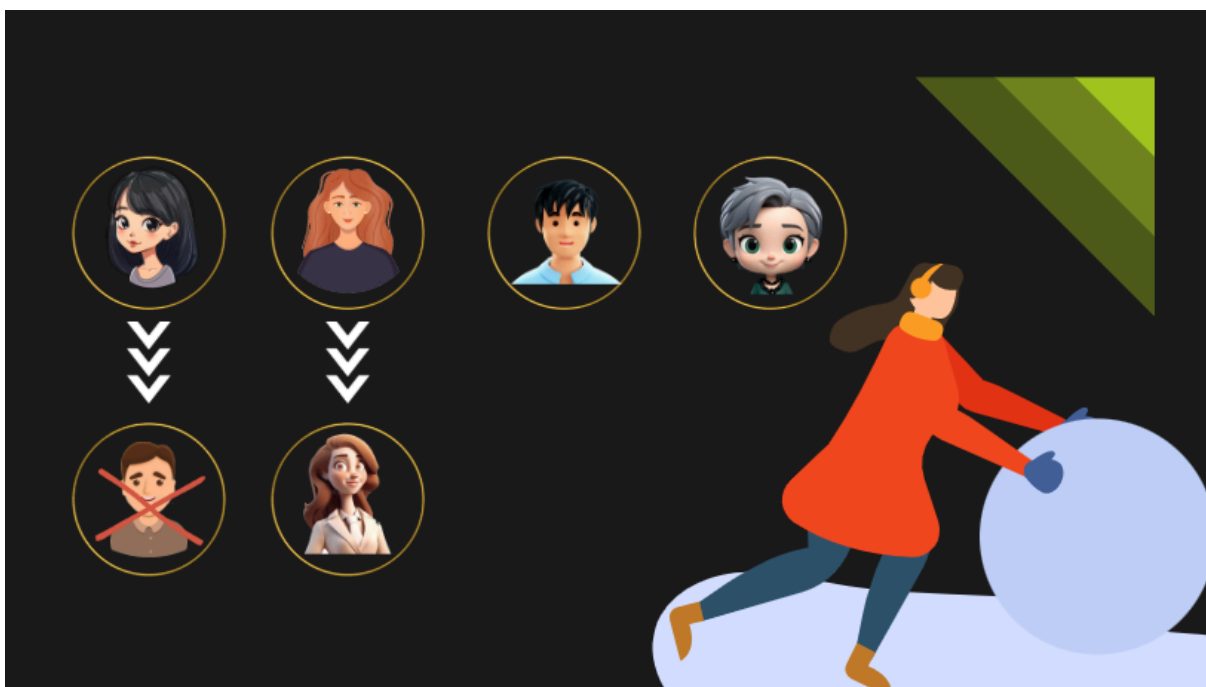
Sob essa perspectiva, Ricoeur (2010) explica que *Narrativa* abarca necessariamente enunciações passadas, excluindo falas do presente e futuro, ao revés de Discurso que exclui o passado e inclui o presente, futuro e o perfeito.

Como forma de compor o corpo de entrevistados, foi feita a captação através do Método Bola de Neve, no qual foi proposto aos primeiros entrevistados a recomendação do projeto de pesquisa para pessoas de seu convívio que passaram experiências parecidas (Vinuto, 2014). Para participar foi exigido que o entrevistado:

- Tenha ficado isolado durante parte do período decretado da pandemia da Covid-19;
- Tenha iniciado a prática da jardinagem durante o período de isolamento;
- Aceite os termos do TCLE.

Foram feitas entrevistas orais comuns, presenciais e semi-estruturadas, suas falas gravadas e transcritas. A primeira entrevistada foi Ruth Pavanello Bianchini, a jovem me recebeu em sua casa junto de sua esposa e dividiu sua história em um lindo cenário bucólico no bairro Vila Nova em Joinville, nos cedeu a entrevista e em meios as histórias nos apresentou suas plantas e projetos de plantio pela casa. Ruth recomendou a história e Otanir Mattiola, a entrevista aconteceu, mas infelizmente sua história não se encaixava nos critérios da pesquisa. Daniele, foi a segunda entrevistada, ela também nos recebeu em sua casa, um contexto mais urbano no bairro Floresta também em Joinville, a conversa se deu em sua sala de estar com cafés e docinhos, enquanto admirávamos a obra paisagística de Dona Alba sua sogra e protagonista da história. Sua fala se conectou fortemente com a história do Residencial das Palmeiras, o que a levou a recomendar Daiane - a terceira entrevistada - para dividir sua história conosco. Daiane, concedeu sua entrevista via telefone, pois apesar das belas memórias, lembrar do período pandêmico e seus desdobramentos a despertou lembranças muito difíceis, então como forma de a deixar mais confortável, se utilizou da ligação telefônica para a entrevista. As histórias de Mateus e Lucélia, me foram apresentadas no processo de divulgação de pesquisa e gentilmente cederam seu tempo, por questões logísticas, ambos preferiram ceder sua entrevista por chamada de vídeo, pois ambos residem em São Francisco do Sul, o que não impediu que acontecessem duas deliciosas conversas sobre os processos de construção das paisagens.

Figura 1 - Diagrama Método Bola de Neve



Fonte: A autora (2025)

No primeiro capítulo “Semeando Paisagens Culturais, Narrativas e Formas de Vida - Abordagens no Campo do Patrimônio Cultural”, apresentamos um levantamento teórico, em que desbravamos o conceito de paisagem com Delphim (2009), Santos (2021) e (1996), Ribeiro (2007), Besse (2014), Leonídio (2009), Lefebvre (2006), Hirsch e Michael (1995), Silveira et al. (2022), Metzger (2001), Olivo (2023), Macedo (2015) e Wehmann (2019) e como são tratadas no campo do patrimônio cultural em Ribeiro (2007) e o episódio da tentativa de inserção do termo Patrimônio Ambiental Urbano em São Paulo com Tourinho; Rodrigues (2016).

Muitas são as disciplinas que se dedicam de alguma forma a teorizar o termo Paisagem, o que o torna um conceito polissêmico e vulnerável à negação como conceito científico dada sua polissemia e subjetividade (Ribeiro, 2007). Para além da contenda científica, já se trata Paisagem como bem patrimonial há tempos, ao menos no Brasil, pois a própria “[...] institucionalização da preservação do patrimônio no Brasil em 1937, manifesta na criação do Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico” (Ribeiro, 2007, P 7).

Apesar do caráter múltiplo, costuma-se dividir o conceito de paisagem em dois grandes grupos, *paisagem natural*, que seria a paisagem sem intervenção humana, intocada; e a *paisagem cultural*, aquela que manifesta a presença de

grupos humanos. A separação entre uma e outra tem sido cada vez menos encontrada, firmando a composição paisagística como uma grande testemunha da vida na Terra, é improvável que não demonstre alguma intervenção humana - positiva ou negativa, como nos apresentou Delphim (2009), quando exemplificou formações paraenses que apresentavam uma constante de espécies que em dado momento se comprovou um plantio intencional para fins ritualísticos e econômico.

Ora, acompanhar a trajetória humana lhe confere uma essência que a faz ser muito mais do que uma moldura de belas histórias. Há uma alma que vive através de seus elementos - tangíveis e intangíveis - e que ganha mais significado através dos enredos que estes espaços testemunharam. Partindo desse princípio de que em sua 16ª Assembleia Geral somada aos festejos dos 400 anos da cidade de Québec no Canadá, o ICOMOS publica a Declaração de Québec - Sobre a preservação do "*Spiritu loci*", onde de forma objetiva e sem renunciar à poesia, discorre sobre o Espírito do Lugar e deixa claras recomendações sobre a preservação desse bem (ICOMOS, 2008).

Não é recente a percepção das consequências do distanciamento da rotina com as paisagens, as rotinas laborativas contemporâneas encapsularam cotidiano em caixotes de vidro e concreto. Ainda que estudos mostrem a ação das plantas até na purificação do ar desde a década de 1980 (NASA, 1989), foi necessário um isolamento social de nível mundial, para fazer as pessoas notarem a falta das paisagens em seu dia a dia. Passou-se a ver a formação de *paisagens internas*, espaços construídos para apreciação e qualidade de vida dentro das habitações. Assim como os espaços citados anteriormente, estes também foram concebidos sob poesia ora afável, ora melancólica e no silêncio que povoou estes anos, verdadeiras florestas urbanas em escala residencial foram plantadas.

Ora, e o que são paisagens internas se não um reflexo das paisagens que constrói-se dentro de cada um de seus jardineiros-paisagistas? O esgotamento laboral, a supressão de lazer e outras condições de adoecimento, favoreceram cenários insalubres de afastamento de si mesmo criando paisagens hostis.

E então paramos.

Figura 2 - Rita Wainer - Ilustração sobre o isolamento social causado pelo coronavírus - 2020 - Ilustração Digital - Instagram



A inércia pandêmica nos permitiu ver os espaços de enfermidade que cultivávamos fora, mas também dentro de nós. Aquele parede branca da sala começou a falar sem falar e questionar o que fazer com o tempo empregado para se arrumar para sair, investido no trânsito, mas também perguntou quem eram aquelas pessoas nas fotos que ela sustentava e porque tudo de repente parecia sem resposta. Colocar um vaso de planta pareceu uma boa ideia, mas ingênuos, não esperávamos que pondo as mãos na terra nós cultivaríamos esses jardins e eles cultivariam a gente.

Esse saber multifacetado que são as construções e vivências das paisagens abre um novo capítulo. E assim como se captou o espírito dos lugares que emolduraram memórias ancestrais, começa-se a notar o *Spiritu Loci*, também deste lado da história.

No segundo capítulo “Cultivando Narrativas e Escuta - A transformação de formas de vida em bens culturais”, problematizamos como as narrativas e a escuta sobre formas de vida se tornam bens culturais. Narrativas servem como instrumentos fundamentais para capturar a complexidade de realidades culturais. O processo de escuta é entendido como um gesto de reconhecimento e cultivo, revelando nuances e contextos únicos por meio da análise das histórias narradas. A partir de metodologias específicas, buscamos compreender como essas narrativas ganham vida, destacando a importância dos detalhes, que, conforme Venera (2023), podem oferecer pistas valiosas sobre o discurso e seu significado.

O texto abordará o processo de construção da pesquisa, considerando a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa e a elaboração das perguntas que compuseram a investigação⁴. O capítulo será concluído com a apresentação dos cinco participantes entrevistados, os quais, após manifestarem concordância com os termos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), compartilharam suas trajetórias e experiências para a composição deste estudo.

E finalizamos com o terceiro capítulo “Colhendo Histórias e Memórias - Narrativas Sobre os Impactos e Reinvenções no Contexto da Pandemia da Covid-19” no qual colhemos as narrativas das pessoas e os impactos e reinvenções de vidas no contexto da pandemia da Covid-19. Este processo foi conduzido com

⁴ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos pelo Parecer Consubstanciado n. 6.669.518 e a entrevistada assinou o Termo de Consentimento Livre esclarecido, TCLE.

profundo respeito, cuidado e sensibilidade, reconhecendo o valor de cada memória compartilhada.

Ainda que com o material de entrevista semi-estruturado, buscamos promover diálogos que ultrapassaram as barreiras de um formato pré-definido. Embora ancorados em um roteiro inicial, as conversas permitiram a abertura para histórias surpreendentes e reveladoras, priorizando, conforme mencionado anteriormente, a espontaneidade e autenticidade das falas dos entrevistados. Dessa forma, as memórias evocadas dos processos de construção das paisagens internas, não apenas contribuíram para a investigação, mas também trouxeram à tona narrativas que refletem a complexidade e a resiliência humana em momentos de adversidade. A profundidade dessas histórias evidencia o impacto da pandemia e as formas singulares pelas quais os participantes lidaram com as transformações em suas realidades cotidianas, tendo como elemento em comum a prática da jardinagem e horticultura.

Assim, esta pesquisa buscou não apenas compreender os impactos individuais da prática de jardinagem durante a pandemia da Covid-19, mas também evidenciar como essas paisagens internas, criadas em momentos de isolamento e introspecção, emergiram como instrumentos de cuidado e ressignificação da vida. Ao escutar as narrativas desses sujeitos e explorar suas experiências, pretende-se lançar luz sobre a capacidade transformadora das práticas cotidianas, revelando como as narrativas trouxeram imagens da construção de paisagens interiores, que transcenderam a crise sanitária e deixaram marcas duradouras no bem-estar e na cultura contemporânea. Esta dissertação é um convite para reflexão sobre a importância de cultivar paisagens que floresçam não apenas ao nosso redor, mas também dentro de nós. É uma aposta em aprendizagens com narrativas e escutas em uma perspectiva acadêmica que valoriza os afetos das experiências humanas.

Espero que esta introdução tenha dado a degustar um pouco dessa experiência formativa em pesquisa interdisciplinar no campo do patrimônio cultural e sociedade e despertado a curiosidade para esse universo complexo e cheio de desafios que são as escutas ativas das memórias de como as pessoas compreenderam suas experiências na pandemia do Covid-19 e na criação de paisagens internas.

2. SEMEANDO PAISAGENS CULTURAIS, NARRATIVAS E FORMAS DE VIDA - ABORDAGENS NO CAMPO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Eis uma residência camponesa; ela contém, implica relações sociais; ela abriga uma família: tal família de tal país, de tal região, de tal terreno [província]; além do que, ela se insere num sítio e numa paisagem. Bela ou pobre, é uma obra tanto quanto um produto, se bem que ela corresponde sempre a um tipo. Ela faz parte mais ou menos da natureza. É um objeto intermediário entre a obra e o produto, a natureza e o trabalho, o simbólico e o significativo. Ela engendra um espaço? Sim. Este espaço é natural ou cultural, imediato ou mediatizado (por quem? para quem?) dado ou artificial? Um e outro. Resposta ambígua a uma questão bastante clara: entre “natureza” e “cultura”, como entre a obra e o produto, existem relações complexas, mediações. Mesmo entre o tempo e “o objeto” no espaço (Lefebvre, 2006, p 126)

A paisagem é muito além do que os olhos podem ver, por trás dos belos arranjos paisagísticos ou das composições intocadas da natureza, escondem-se histórias que muitos não conseguem imaginar para esses locais. Ao longo da história é comum encontrar na literatura científica a divisão conceitual de paisagem em natural e cultural, mas passa a ser cada vez mais onipresente as definições se voltando para paisagem cultural, seja por entender que ainda que intocada a paisagem está posta em contexto social, seja pela incerteza da intocabilidade dos espaços florestais, como será debatido mais adiante.

Começaremos essa semente preparando uma cama de terra no fundo do vaso, entendendo alguns dos principais conceitos científicos que explicam a paisagem. Esta não é objeto de estudo de uma única disciplina, entre as que se propõem a pesquisar este conceito destacam-se Antropologia, Filosofia, Geologia, Urbanismo, Arquitetura e Geografia, sendo esta última inegavelmente protagonista entre as demais, sendo base teórica para a produção científica de todas.

Com uma base bem preparada introduziremos a semente na terra, desbravando como as paisagens se articulam nos contextos patrimoniais. As políticas de patrimônios são muito recentes quando comparadas a toda a trajetória de produção científica e tomou ritmos diferentes pelo mundo afora. Iremos ver adiante, que enquanto a Unesco formalizou a discussão e trouxe as paisagens para os ritos de patrimonialização a partir do Convenção para Proteção do Patrimônio Cultural e Natural organizada pela UNESCO em sua Reunião de Paris em 1972, o

Brasil já iniciou seus processos de proteção em 1937 junto com a fundação do SPHAN com a criação do Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (Ribeiro, 2007, P 7).

E por fim cobriremos essa semente com mais terra, explorando o momento em que a paisagem cruza com a vida das pessoas. Quando esse aglomerado de elementos se dá para a vida cotidiana, uma praça pode ser só um local da cidade com uns espaços de ajardinamento e alguns assentos, mas a partir do momento que um pai usa dela para ensinar sua criança a andar de bicicleta, duas pessoas terminam o relacionamento afetivo ou um grupo de manifestantes se reúne para bradar seus direitos, essa praça vira coadjuvante na história dessas pessoas e essa paisagem passa a ter muito o que contar.

2.1 Paisagens em construção: conceituação do termo

Paisagem tende a nos remeter vistas de longas perspectivas a se perder dos olhos ou espaços repletos de elementos naturais e *intocados* pelas mãos humanas. Mas o quão surpresos não ficaríamos ao descobrir que muitas de nossas paisagens favoritas em algum momento foram moldadas pelas mãos de antepassados, para diferentes objetivos.

No Pará, ilhas de vegetação irrompem no ecossistema dos cerrados e foram, durante muito tempo, tidas como formações florestais naturais. O inventário botânico desses bosques revelou a sutil existência de índices constantes e similares, em cada ilha, de diferentes plantas com diferentes formas de utilização. Em cada ilha, verificava-se a mesma percentagem de diferentes plantas com finalidades mágicas, ritualísticas e com utilidades econômicas, utilizadas pela tribo indígena que habitava a região. Tratava-se de plantios intencionais e organizados de forma muito bem planejada pelas tribos, aparentando, contudo, serem espécimes nativos. (Delphim, 2009, p 171 e 172)

É comum encontrarmos o conceito de paisagem fragmentado em dois grupos: a paisagem natural, caracterizada pela ausência de intervenção humana, mantida intocada; e a paisagem cultural (também citada como antropizada ou artificial), que reflete a presença e a intervenção de comunidades humanas. Como Delphim (2009) nos indicou, a distinção entre essas categorias tem se tornado cada vez mais tênue, visto que a maioria das paisagens, tende a revelar alguma forma de intervenção humana, performando como testemunha silenciosa de nossa passagem pelo planeta.

São muitos os elementos que compõem uma paisagem, a amálgama de produtos climatológicos, marcas de povos pré-históricos, ações vegetacionais e hidrológicas, somadas às experiências sutis e recortes históricos subjetivos. Enquanto elemento heterogêneo e mutável, produto das movimentações humanas, estruturais e funcionais, a paisagem se compõe de inscrições sobrepostas da história de um mesmo local, ainda que se modifique a partir das novas narrativas “A paisagem é um palimpsesto, um mosaico, mas tem que ter funcionamento unitário. Pode conter formas viúvas e virgens” (Santos, 2021, P 77).

Devido ao seu caráter polissêmico, diversas são as disciplinas que estudam o conceito de paisagem, a abordagem diversa torna-o suscetível à negação como conceito científico, dada sua multiplicidade de significados e subjetividade (Ribeiro, 2007). Quando confrontado por disciplinas diversas ou por propostas de épocas distintas, o conceito assume sentidos alternativos. A geografia é, possivelmente, o campo acadêmico que se dedica de maneira mais abrangente a essa investigação, alternando, por vezes, suas direções.

Em sua palestra no II Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, que ocorreu na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP em 1995, ouvimos o geógrafo Dr. Milton Santos arguir que, uma vez que entendia o espaço como sistema de objetos e sistema de ações, a Paisagem se colocava no local de sistemas de objetos e complementou “Aquilo que se dá ao nosso sensorial é a paisagem, não o espaço. A paisagem se oferece ao nosso corpo, como um corpo outro” (Santos, 1996, P 37). Se de alguma forma essa classificação faz parecer que o autor tinha uma visão inflexível da paisagem, adiante o percebemos aproximando-se das humanidades, afirma que a paisagem cristaliza um momento do passado, é o produto, não a ação (Santos, 1996, P 36). É precioso o cuidado que Santos emprega ao se colocar para este grupo, uma vez que sua área de conhecimento é a Geografia e mesmo que foi convidado para aquele encontro devido a sua contribuição acadêmica para a construção conceitual do tema da paisagem, sabia que a arquitetura e urbanismo se relaciona com o conceito de forma muito própria e fez questão de frisar esta diferença como forma de respeitar esse limiar entre as disciplinas.

O que vou trazer aqui é o ponto de vista de um geógrafo. A ideia que eu trago é uma discussão, à qual se me pedissem para dar um título, eu daria ‘Da Paisagem ao Espaço’. [...] Só que há um problema que eu queria colocar. É que um conceito, elaborado numa disciplina ou numa área do

saber, para outra área do saber raramente é um conceito também. A maioria das vezes os conceitos elaborados numa disciplina são metáforas para as outras disciplinas (Santos, 1996, P 33).

Nesta mesma ocasião o autor propõe uma definição para a função do paisagista, uma das atribuições do Arquiteto e Urbanista. Definiu-o como o produtor do quadro da vida do ser humano, além da especialidade na execução de projetos de jardins e parques, oferece o projeto de quadro material de vida, que corresponda à harmonia que se quer estabelecer na vida em sociedade. Quando se fala de vida, se fala de ações, e sendo o quadro a parte rígida, emoldura a ação que se traduz na vida das pessoas (Santos, 1996, P 37). Ainda que, adiante, afirmou crer que a maior parte das paisagens era produzida sobretudo por não paisagistas e que o trabalho do paisagista era mínimo em relação à produção paisagística (Santos, 1996, P 41).

Milton Santos foi um agente social muito ativo e não deixou de exprimir sua posição em relação a sociedade também enquanto se debruçava sobre a relação homem-paisagem, o que é possível perceber quando em seu escrito *Metamorfoses do Espaço Habitado* de 1988, nos convidou a entender que a percepção da paisagem se altera a depender da localização que nos colocamos, não somente enquanto local georreferenciado mas também como posição na sociedade, trazendo uma dimensão crítico-social que pouco vemos nesses estudos. A paisagem pode ser única, mas chegará diferente aos sentidos de quem vê da calçada, da cobertura, do alto do morro, de um teleférico ou binóculo em um mirante.

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato (Santos, 2021, P 68).

Quando se referiu aos dois tipos de paisagem, cultural e artificial, Santos (2021) propôs a reflexão da paisagem cultural como a marca humana na natureza, propondo que se assemelharia ao que Marx (2023) chamou de socialização. Argumentou que no âmbito do processo de produção humana, ocorre a produção do espaço, e como resultado, cada tipo de paisagem reflete níveis distintos de forças produtivas, tanto materiais quanto imateriais.

Assim como a geografia, a arte volta-se para o estudo e representação das paisagens a tempos, sendo possível percebê-las já nas representações rupestres

como nos apresentam Fagundes et al (2021), representações essas que os autores apresentam com dinamismo e movimento. Ainda que distante das escolas artísticas e da variedade de materiais de pintura, colocam para nós a vitalidade da produção que não se finaliza no episódio, mas também se faz na contemporaneidade no processo estético de cada observador (Fagundes et al, 2021).

Desde as representações idealizadas renascentistas, até as produções abstracionistas e impactantes do século XX, a apresentação da paisagem transcende a mera representação da natureza virgem, sendo um espaço de expressão de emoções e até manifestações políticas. Sabendo o que se passava na Europa na primeira metade do século XX, especialmente na Espanha, sabe-se que a representação da cidade de Guernica pelas mãos de Pablo Picasso, dizem muito mais do que formas humanas e animais desfigurados. A pintura que foi preparada para a Exposição Universal de Paris (Gobbi, 2017) retratou o que nenhum historiador conseguiria pôr em palavras: uma paisagem de destruição, caos e morte.

Figura 3 - Pablo Picasso - Guernica - 1937 - Óleo sobre tela - 776 cm x 349 cm - Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid na Espanha



Fonte: Gobbi, 2017

A experiência com a paisagem brasileira é de tirar o fôlego e percebemo-la, na Carta de Pero Vaz de Caminha, quando se debruça para descrever o que testemunhou ao se aproximar do litoral, evidenciando a experiência estética que viveu naquele momento:

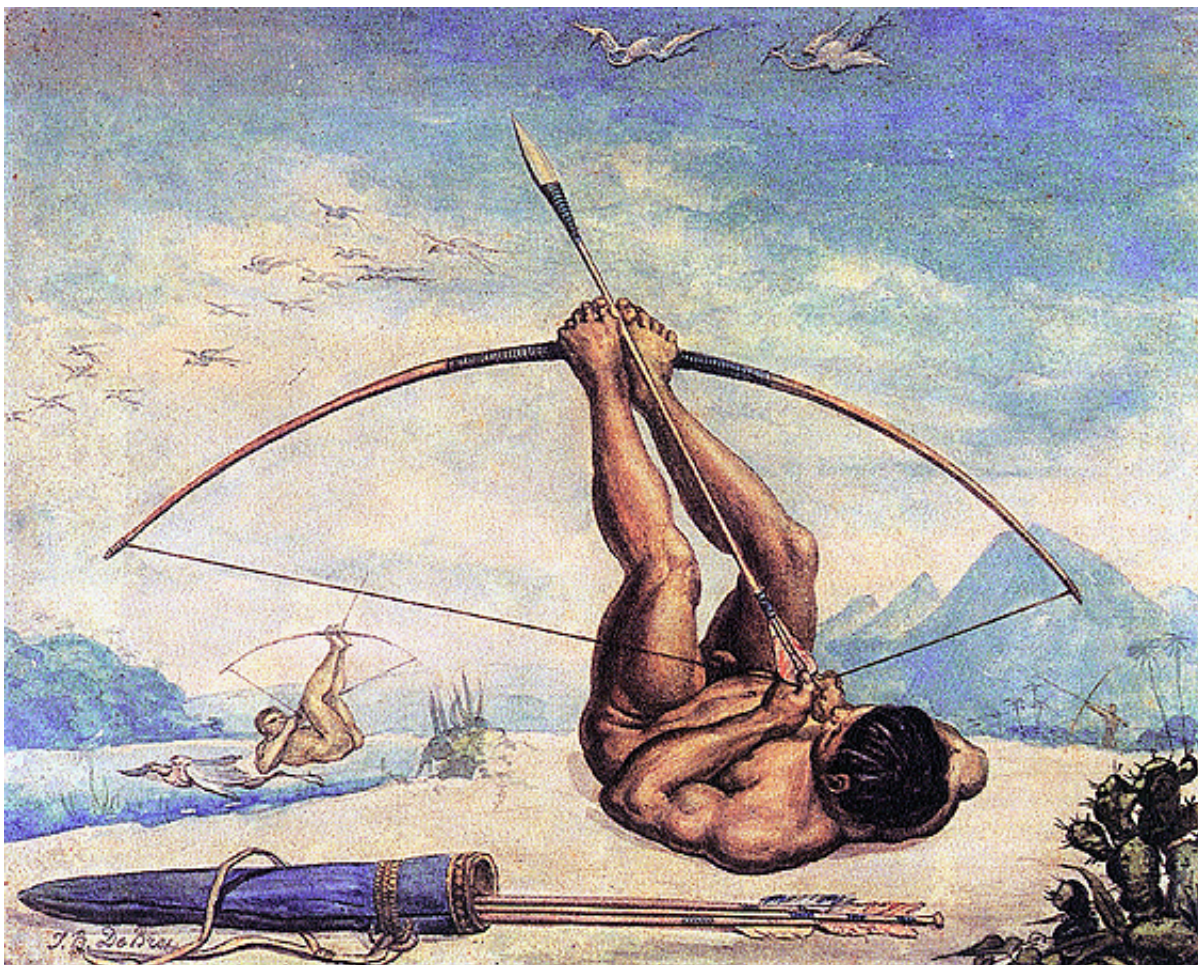
Neste mesmo dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!" (Brasil, s.d., P 2)

Padre Manoel da Nóbrega, assim descreveu a paisagem da cidade de Salvador na Bahia de Todos os Santos para o Dr. Navarro em 1549 "Semilham os montes grandes jardins e pomares, que não me lembra ter visto panno de raz tão bello. [...]; o que bem mostra a grandeza e belleza do Creador de tamanha variedade e belleza das creaturas" (Nóbrega, 1886, P 63).

A produção científica - aos termos da época - despontou com a chegada da família real no século XIX, mas muito se produziu sobre os cenários que o Brasil apresentava: crônicas, relatos, mapas e outros materiais reproduzem as impressões sobre os horizontes destas terras, como nos mostraram as falas supracitadas.

A missão francesa no Brasil, que foi um grande marco na produção das artes no Brasil, despontou em terras brasileiras no início do século XIX e deixou importantes registros de nossas paisagens. Entre os artistas que se dedicaram a representação artística destaca-se o nome de Jean-Baptiste Debret Membro da Missão Artística Francesa no Brasil, mas ainda podemos destacar Johann Moritz Rugendas, Thomas Ender, Eduard Hildebrandt, Charles Landseer, Hercules Florence e Nicolas Antoine Taunay, artistas que suas produções, somaram aos textos dos viajantes, ampliando o entendimento das paisagens daqui (Delphim, 2009).

Figura 4 - Jean-Baptiste Debret - Caboclo - 1820 - Aquarela sobre papel - 22,00 cm x 27,20 cm - Museu Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro, RJ)



Fonte: Itaú Cultural, 2024

Figura 5 - Johann Moritz Rugendas - Índios Flechando uma Onça - 1830 - Óleo sobre tela - 91,00 cm x 66,00 cm - Itaú Cultural



Fonte: Itaú Cultural, 2016

A sociedade misógina que imperava neste momento histórico, nos impediu de conhecer a visão destas imensas paisagens pelos olhos de mulheres, todavia algumas superaram esta barreira e nos presentearam com suas representações das paisagens. A inglesa Maria Graham, esteve no Brasil algumas vezes e nos presenteou com algumas produções, sendo uma das mais famosas a “Vista da Baía de Guanabara”, uma obra grande de óleo sobre tela de 190 cm x 353 cm, exposta no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, uma imagem de cores quentes de um ângulo menos famoso desta baía, de uma cidade naturalmente agitada, todavia transparecendo pacificidade.

Figura 6 - Maria Graham - Vista da Baía de Guanabara (detalhe) - 1824 - óleo sobre tela - 190,00 cm x 353,00 cm - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (SP)



Fonte: Itaú Cultural, 2024

A brasileira Abigail de Andrade nos agraciou com obras da paisagem cotidiana ímpares, pintando elementos do cotidiano carioca - de onde era natural, retratos e naturezas mortas (Itaú, 2022). Foi a primeira mulher a conquistar uma

medalha de ouro de 1º grau na 26ª Exposição Geral de Belas Artes, da Academia Imperial de Belas Artes em 1884. Uma de suas obras mais conhecidas é o quadro “A Hora do Pão” de 1889, um quadro de óleo sobre tela de 70 cm x 50 cm, um imagem que representa uma cena cotidiana em escala muito menor do que Graham representou o Rio de Janeiro, com tons mais sóbrios, pessoas de vestimentas simples, envoltas por construções de médio porte e uma vegetação robusta, trazendo contextos de uma vila simples de rotina pacífica.

Figura 7 - Abigail de Andrade - A Hora do Pão - 1889 - óleo sobre tela - 70,00 cm x 50,00 cm - Itaú Cultural



Fonte: Itaú Cultural, 2022

Ao trazer as expressões síntese e movimento, para referir as visões verticais e laterais - respectivamente - da paisagem, Jean-Marc Besse (2014) mostra que a filosofia tomou caminhos mais líricos, uma vez que apresenta uma visão poética sobre a relação com a paisagem. Assim como Santos (2021), Besse (2014) escreve sobre a experiência da paisagem que se altera a partir da localização do observador, mas imbuído de uma escrita voltada à poesia gerada na experiência e não ao fato social envolvido.

Essas duas maneiras de ver, a visão vertical, assim como a visão lateral, a síntese e o movimento, fazem parte, ambas, da nossa relação com a paisagem. E geralmente nossa relação visual com a paisagem divide-se em uma ampla gama de olhares, ângulos e pontos de vista que não são sempre compatíveis, mesmo que coexistam (Besse, 2014, P 241).

Entender que paisagens se apresentam de maneiras diferentes para diferentes espectadores, faz questionar o processo de valoração desses espaços e o quanto eles dizem da nossa história com o planeta e conosco enquanto classes sociais. Uma vez que paisagens ditas harmoniosas passam a ser mercadoria para o turismo ou o pátio da burguesia, relegando aos grupos mais empobrecidos contextos paisagísticos acidentados, caóticos e amedrontadores. Ainda nas palavras de Besse, o estudo crítico da paisagem deveria principalmente “[...] superar estas diversas operações, se podemos dizer, e encontrar, por trás das representações paisagísticas os processos históricos que lhes deram origem” (Besse, 2014, P 243).

No campo da história, Leonídio (2009) nos mostra a influência de dois historiadores na discussão de história das paisagens, Lucien Febvre e Marc Bloch, fundadores da *l'École des Annales*. O autor conta que Bloch, ao estudar a paisagem agrária da França do final do século XIX, identificou diferenças no uso da terra conforme as condições sociais, a execução do arado de forma manual fez com que a topografia se mantivesse mais tortuosa, diferente de espaço onde se utilizou de charrua de rodas que planificou o solo trabalhado. O autor também cita a influência do historiador polonês Witold Kula, que diferentemente de Bloch, distinguia a paisagem natural e a paisagem cultural, pois entendia que o meio geográfico é transformado pela força da natureza e pela força social de produção.

Diferente dos geógrafos, é presente na fala da maioria dos historiadores, o agrupamento da conceituação de espaço e paisagem, o que não necessariamente vemos na fala do sociólogo Lefebvre (2006). O autor se apoia grandemente na teoria

marxista para explicar o espaço social e com isso separa o espaço do produto ou objeto, o que entendemos por paisagem. Também percebemos a presença do que Materialismo Histórico em sua obra, ainda que não cite essa ideia, mas assim como percebemos em Santos (2021) e Besse (2014), Lefebvre (2006) nos mostra que “[...] a percepção depende do “sujeito”; um camponês não percebe “sua” paisagem como um cidadão que lá passeia” (Lefebvre, 2006, p 165).

Ao nos apresentar a paisagem pelos olhos da antropologia, Hirsch; Michael (1995) explica que a disciplina equiparava esse conceito ao corpo humano e diz que apesar de sua onipresença foi um conceito amplamente negligenciado (Hirsch, Michael, 1995, P 1). Ainda assim, mostra que se pode perceber a paisagem sob dois aspectos: primeiro como enquadramento para trazer os estudos de um antropólogo para determinado recorte visual e como maneira de localizar as pessoas dentro de um contexto físico-cultural. E completa:

Existe uma paisagem que nós vemos inicialmente e uma segunda paisagem que é produzida através da prática local e a qual nós reconhecemos e entendemos através do trabalho de campo e através da descrição e interpretação etnográfica (Hirsch, Michael, 1995, P 2, tradução própria)⁵

Sob explicações distintas de Santos (2021) e Besse (2014), Hirsch; Michael (1995) expõem dentro dos limites da antropologia, uma realidade dual de significações do termo: a distância entre análise acadêmica e a vivência da paisagem.

Este autor mostrou também a relação que se fez entre paisagem e contextos de vegetação - sendo mata nativa ou região agrícola, relacionando a imagem popular de paisagem com um sentimento bucólico, muito transmitido nas pinturas artísticas (Hirsch, Michael, 1995).

O autor conclui que paisagem é um processo etnográfico e ao fazer uma metáfora com a pintura de quadros, relaciona a vida rotineira que vivemos no ‘plano principal’, com a vida que deveríamos viver no ‘plano de fundo’. Silveira et al. (2022) reafirma essa compreensão no campo da antropologia - da paisagem como cenário do social e completa que quando a campo questiona esses atores natureza/cultura “[...] a paisagem passa a não depender mais de uma lógica analítica de “figura e

⁵ Tradução livre do texto original: There is thus the landscape we initially see and a second landscape which is produced through local practice and which we come to recognize and understand through ethnographic description and interpretation.

fundo”, e aparece como categoria interessante para abordagens processuais em etnografias que emaranham antropologia e ecologia” (Silveira et al., 2022, P 9).

Enriquecendo o entendimento da terminologia, a Ecologia da Paisagem emerge como um campo interdisciplinar de estudo, um produto da combinação de estudos da Geografia e Ecologia que enriquece os conceitos científicos associados à Paisagem. A ecologia da paisagem aborda a influência das atividades humanas sobre a configuração da paisagem e a gestão do território, em seus vieses geográficos, a relevância do contexto espacial para os processos ecológicos, em seu viés ecológico, e a importância destas relações em termos de conservação biológica (Metzger, 2001, P 3). Enquanto o primeiro se preocupa com a presença humana no espaço fruto da interação social com a natureza, o que o Metzger (2001) chamou de ecologia humana da paisagem, a segunda concentra-se nas consequências do padrão espacial, através do qual as disparidades se refletem nos processos ecológicos, o que o autor chamou de ecologia espacial de paisagens. Este campo que segundo Olivo (2023) categoriza os elementos da paisagem em mancha, corredor e matriz, também reconhece a diversidade de sentidos que o conceito pode apresentar em função do contexto e da disciplina em que é debatido, o autor ressalta que a concepção de espaço aberto, espaço "vivenciado" ou espaço de interação entre o homem e seu ambiente está presente na maioria dessas conceituações (Metzger, 2001, P 2). A Arquitetura Paisagística, por sua vez, dentre todas as disciplinas que se debruçam sobre a pesquisa da paisagem, é a que trata o conceito de paisagem de forma mais objetiva, tratando como “[...] uma ação de projeto específica que vai desde a criação, a partir de um programa disponibilizado, até o atendimento da solicitação de resolução de uma demanda social [...]” (Macedo, 2015, P 18). Considera enfoques mais morfológicos e assim visualizando o todo em partes, visando a composição projetual de paisagem. “A paisagem é considerada como um produto e como um sistema” (Macedo, 2015, P 13). Macedo (2015) explica que o processo social da ocupação e administração do território faz da paisagem produto e, que também é sistema, à medida que a vida for acontecendo sobre ela e deixar marcas de forma a intervir morfológicamente de maneira parcial ou total. O autor ainda organiza dentro do conceito três tipos de qualidade para melhor entendê-lo: (i) ambiental, que diz respeito às possibilidades de vida e sobrevivência das comunidades de seres vivos na paisagem em questão; (ii) funcional: que avalia a funcionalidade do agrupamento envolvido na paisagem estudada e; (iii) estética:

refere-se a atributos exclusivamente sociais, atribuídas pelas comunidades humanas a algum lugar. Isto é, para a arquitetura paisagística, a paisagem é um elemento a ser trabalhado, no qual o profissional se utilizando de seu conhecimento e prática projetual, propõe intervenções para compor um ambiente harmônico dentro de um programa de necessidade posto pelo requerente. Ainda que sob uma escrita mais terna, o entendimento sobre o paisagismo para a arquitetura, sempre se apresenta sob a ótica do processo de projeto.

Como as pessoas, todo projeto de paisagismo possui corpo e alma. O corpo é o universo dos elementos físicos e materiais do projeto, é tudo aquilo que pode ser representado em planta, corte e elevação e poderá ser construído, edificado e plantado. É a parte visível do paisagismo. [...] Por sua vez, a alma do projeto é representada pelo universo dos símbolos, significados e valores, que fazem parte da história e da cultura de determinado povo, lugar, região ou país (Abbud, 2006, P 34 e P 35)

Ao considerarmos que de forma massiva a paisagem aparece para esta disciplina com o sufixo “ismo” que designa tanto religiões (cristianismo, budismo), sistemas políticos (absolutismo, helenismo), doenças (reumatismo, tabagismo) e até movimentos artísticos (dadaísmo, cubismo), o que nos leva a entender o tratamento pragmático em Arquitetura. Diferente do sufixo “em” que costuma ter significado orientado ao conceito (miragem, coragem, imagem).

De mãos dadas com a arquitetura, o urbanismo estuda a paisagem enquanto um produto da ocupação do território, Bhering (2019) afirma que por vezes a criação da paisagem tende a ignorar clima, relevo e tradições locais, especialmente se for uma adequação a legislação urbanística da região, que por consequência gera qualquer paisagem. Sendo a paisagem um fato ignorado pela legislação, ela vira refém do zoneamento e parcelamento do solo, que não necessariamente está alinhado com o Plano Diretor, planejamento esse que em sua maioria tem por objetivo favorecer o fluxo urbano, o que não necessariamente quer dizer respeitar a ocupação local anterior a estes planos, a topografia e o bioma local.

Em sua tese “Habitar a Paisagem: O reconhecimento da experiência estética como direito à cidade”, Wehmann (2019) fala sobre o direito à paisagem e nos convida a repensar a dicotomia cidade-paisagem que aparece em debates sobre o conceito, considerando que assumir a existência da paisagem urbana é “[...] sancionar o direito à experiência sensível no ambiente de vida dessa população majoritária, sem relegá-la a momentos e espaços específicos, de difícil acesso e valor mercadológico significativo” (Wehmann, 2019, P 35).

Diante da complexidade do termo "paisagem", somos levados a refletir sobre a multiplicidade de suas facetas e significados. Enquanto elemento, transcende a mera contemplação visual e se revela como uma interação dinâmica entre elementos tangíveis e intangíveis, entre natureza e cultura, entre passado e presente. Assumindo que a paisagem natural se conglomere cada vez mais com a paisagem antropizada, assume-se também a necessidade de interdisciplinarizar cada vez mais o debate e ressaltando a necessidade de proteger não apenas os aspectos físicos, mas também os valores culturais e sociais associados a determinados lugares.

2.2 Paisagens e os contextos patrimoniais

O registro mais antigo que se tem de proteção da paisagem é chinês, diz respeito ao Jiuqu Xi - Wuyishan (Rio de Nove Curvas no Monte Wuyi), onde em 748 a.C. o imperador Xuanzong de Tang publicou um decreto proibindo a pesca, a derrubada de árvores e limitando a construção de edificações religiosas nesta região. Esta proteção segue em vigor atualmente (UNESCO, 2009).

Nos contextos de proteção patrimonial de nível mundial, as paisagens passaram a ser formalmente contempladas em 1962 na conferência geral da Unesco - 12ª edição que aconteceu em Paris, no qual surgiu a Recomendação relativa à salvaguarda da beleza e do caráter das paisagens e sítios. Este documento reúne 42 pontos que apresentam recomendações que vão desde a atuação governamental, orientações sobre planejamento territorial e educação patrimonial. Como era presente no senso comum, esta recomendação também destaca veementemente a diferença da paisagem natural e cultural, sugerindo inclusive sanções de recuperação fiel ao estado natural da paisagem que for modificada sem autorização, ou seja, considerando que aquilo que se via antes alteração era necessariamente a composição primária do maciço vegetal (Cury, 2004).

Destaco a seguir pontos de atenção desta publicação, sendo alguns deles pouco comuns aos documentos da época, no número 5 se aponta a importância da salvaguarda de forma geral, porém se reforça a necessidade de atenção para os espaços urbanos mais ameaçados pelo crescimento da malha urbana e pela especulação imobiliária, ainda que a recomendação foque na proteção das

proximidades dos monumentos, é uma relevante citação que considera o espaço urbano como detentor de paisagens. Ao longo da escrita se destaca a importância de criação de institutos de pesquisas como suporte às autoridades, devendo produzir publicações periódicas. Requisitou-se a urgência na criação do planejamento territorial nas áreas rurais, em especial nas regiões em vias de desenvolvimento rápido. Sugeriu-se a criação de zonas de proteção de paisagens extensas, como forma de proteger de intervenções como escavações, exploração de minérios, derrubadas de árvores etc. E proteção dos sítios isolados, sugerindo ao poder público a desapropriação do local quando necessário, proporcionando a indenização ao proprietário no caso de prejuízo. Este último ponto reforça a visão dicotômica da paisagem da época, ao desconsiderar a presença de uma comunidade no local como parte da paisagem, focando somente na composição vegetal e mineral dita imaculada (Cury, 2004).

Em 1972, outro encontro gerou grande impacto na tratativa com as paisagens. A Convenção para Proteção do Patrimônio Cultural e Natural organizada pela UNESCO, que também aconteceu em Paris, tinha o propósito de “[...] garantir a identificação, proteção, conservação, apresentação e transmissão para as futuras gerações do patrimônio natural e cultural de “valor universal excepcional” (UNESCO, 2009, P 19, tradução própria⁶). Em 1976, foi criado o Comitê do Patrimônio Mundial para implementar a convenção e gerir as inscrições da lista. O comitê conta com 21 países signatários que se reúnem anualmente para debater temas relativos à convenção, inscrição de bens, gerenciamento do Fundo do Patrimônio Mundial e outros assuntos (Ribeiro, 2007). Os Estados também saíram com o dever de identificar e preservar possíveis sítios, responsabilizando-os para apresentá-los como candidatos a patrimônio mundial. De forma geral, a Convenção deliberou que os bens poderiam ser classificados de duas maneiras: patrimônio natural ou patrimônio cultural (Ribeiro, 2007). O autor nos mostra que até 2005 os critérios culturais para a classificação de um local incluem sua representatividade como uma obra-prima do gênio criativo humano, sua expressão de valores culturais significativos ao longo do tempo, sua importância como testemunho de tradições ou civilizações, e sua exemplificação de momentos significativos da história. Além

⁶ Tradução livre do texto original: It’s purpose is to ensure the identification, protection, conservation, presentation and transmission to future generations of the cultural and natural heritage of “outstanding universal value”.

disso, o local pode ser reconhecido por seu valor como habitat tradicional ou por sua associação com eventos ou tradições culturais vivas. Quanto aos critérios naturais, um local pode ser reconhecido por sua representatividade dos diferentes períodos da história da Terra, seu papel na evolução e desenvolvimento de ecossistemas, sua singularidade em termos de fenômenos naturais ou beleza, e sua importância para a conservação da diversidade biológica.

Em toda a produção da Convenção, notamos a apresentação bipartida das categorias natural e cultural, reflexo do pensamento da época. Todavia, à medida que se apresentaram bens que se encaixavam em ambas as categorias, passou-se a classificar em caráter misto. Os encontros Comitê sucederam-se e a foi-se amadurecendo o conceito de paisagem cultural, até que em 1992 surge de um encontro preparatório na França, para reunião do Comitê que aconteceria nos Estados Unidos, uma classificação das paisagens culturais (Ribeiro, 2007):

Figura 8 - Classificação das paisagens culturais pela Unesco

| | | |
|--------------------------|--|--|
| Paisagem Cultural | (i) Paisagens claramente definidas (<i>clearly defined landscape</i>) | |
| | (ii) Paisagem evoluída organicamente (<i>organically evolved landscape</i>) | Paisagem relíquia ou fóssil (<i>relict or fossil landscape</i>) |
| | | Paisagem contínua, (<i>continuing landscape</i>) |
| | (iii) Paisagem cultural associativa (<i>associative cultural landscape</i>) | |

Fonte: Ribeiro, 2007

As primeiras dizem respeito aos espaços intencionalmente desenhados e executados por razões poéticas. A segunda, é o tipo de paisagem que parte de uma demanda social e que se desenvolveu no meio natural em resposta a ele, podendo ser relíquia/fóssil - quando se tratar de uma intervenção que parou de acontecer em algum tempo passado, ou contínua - quando ainda tem um protagonismo na

contemporaneidade. E a terceira, é a paisagem que tem seu valor conectado ao que se associa a esta, podem ter manifestações materiais humanas ou não, são paisagem associadas a fenômenos culturais, religiosos ou místicos.

Figura 9 - Sítio Roberto Burle Marx | Exemplo do primeiro tipo de paisagem



Fonte: Brasil, 2021

Figura 10 - Jardim Paleobotânico do Município de Mata - RS | Exemplo do segundo tipo de paisagem



Fonte: Rio Grande do Sul, 2018

Figura 11 - Floresta Sagrada de Osún - Osogbo, Nigéria | Exemplo do terceiro tipo de paisagem



Fonte: Unesco, 2018

Em 2005 foi homologada uma revisão nas Orientações para Guiar a Implementação da Convenção do Patrimônio Cultural e como consequência dessas reflexões que se deram após mais de 30 anos da Convenção, os critérios que foram implementados na década de 1970, separando a análise entre cultural e natural, passaram a ser 10 critérios únicos (Ribeiro, 2007).

A Carta de Atenas, publicada em 1933, apresentou alguns critérios de zelo para com as perspectivas paisagísticas, mas sua apresentação era muito distante, quase inexistente uma vez que o foco deste documento era falar sobre cidades nas condições de adensamento urbano, debatido no contexto das Escolas Modernistas de Arquitetura e Urbanismo que traziam uma visão bastante cartesiana sobre o espaço (CIAM, 1933). O Brasil foi um dos locais em que os princípios modernistas tiveram grande êxito, o que levantou nomes como Lina Bo Bardi, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, o que fez com que o país fosse influenciado pela Carta de Atenas e provavelmente por conta disso, tenha considerado instrumentos de proteção para o patrimônio paisagístico já em suas primeiras movimentações, como é evidenciado

pela institucionalização da preservação do patrimônio em 1937, manifestada na criação do Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (Ribeiro, 2007).

O Decreto-lei 25, de 1937, inicia oficialmente o Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional e junto com ele foram criados os quatro livros do tomo nos quais deveriam ser inscritos os bens a serem protegidos: o Livro do Tombo Histórico, o Livro do Tombo de Belas Artes, o Livro do Tombo das Artes Aplicadas e o supracitado Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, este último é no qual devem ser inscritas as paisagens de interesse para o patrimônio. Ribeiro (2007) conta que no anteprojeto de Mário de Andrade de 1936, havia uma preocupação muito latente com os aspectos culturais e não necessariamente proporcional para aspectos naturais, uma vez que o redator tinha uma ideia de patrimônio estritamente relacionada com arte, ainda assim pode-se perceber nas entrelinhas a citação das paisagens. Quando Andrade (2002) cita na explicação algumas das categorias de obra de arte patrimonial, algumas levam trechos sobre paisagens como:

Paisagens: determinados lugares da natureza, cuja expansão florística, hidrográfica ou qualquer outra, foi determinada definitivamente pela indústria humana dos Brazis, como cidades lacustres, canais, aldeamentos, caminhos, grutas trabalhadas etc (Andrade, 2002, P 275).

Em sua admiração pela arte popular, Andrade conectava a paisagem à etnografia e disso surgiu mais uma definição:

Paisagens: determinados lugares agenciados de forma definitiva pela indústria popular, como vilejos lacustres vivos da Amazônia, tal morro do Rio de Janeiro, tal agrupamento de mocambos no Recife etc (Andrade, 2002, P 275).

Na publicação do Decreto-lei, produto do que começou a ser esboçado no anteprojeto de Andrade, alguns temas sofreram alterações no que diz respeito ao anteprojeto, mas no que toca às paisagens, o texto publicado foi mais específico favorecendo a inclusão das paisagens culturais e naturais.

§ 2º – Equiparam-se aos bens a que se refere o presente artigo e são também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela Natureza ou agenciados pela indústria humana (Brasil, 1937)

Após a criação do órgão, poucos foram os tombamentos com foco em áreas naturais. No início evidenciou-se o patrimônio arquitetônico - muito pela presença massiva de arquitetos na instituição - especialmente exemplares do barroco mineiro

que acabou por ser escolhido como representante da produção artística e cultural brasileira (Ribeiro, 2007). Nesse contexto, o SPHAN assumiu a postura de delegar os cuidados da paisagem ambiental para a legislação ambiental e tratou a condição de paisagem no sentido de paisagismo, como a arquitetura aborda, um produto visual. É relevante trazer ao debate a hierarquia entre os livros de tombamento, Ribeiro (2007) cita que há casos em que muito provavelmente só se inscreveu no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico porque não estaria à altura para inscrever no Livro de Belas Artes que registrou a maior parte dos tombamentos no primeiro momento da instituição.

No segundo momento do SPHAN, o protagonismo do Livro de Arte passa para o Livro Histórico. Ainda assim, crescem os registros no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, fato ligado ao tombamento de conjuntos e aumento dos critérios de tombamento oriundos da Carta de Veneza de 1964 (Ribeiro, 2007). Somando a estes critérios, no fim dos anos 1970, os estudos passam a abordar fatores de “[...] ambiência histórica e sociocultural do bem tombado” (Ribeiro, 2007, P 92) e os estudos de entorno, no qual se avalia o impacto do entorno imediato tem sobre o espaço protegido, é instituído.

O Brasil não fugiu à regra e aderiu a dicotomia cultural x natural. Ainda que no fim do século 20 testemunhou a abertura para o tema das paisagens, não houve a produção de nenhum documento regulamentador para tratar da proteção das paisagens culturais e naturais. Paisagens naturais, são assistidas pelas leis ambientais e paisagens culturais, por legislações de proteção dos bens móveis, edificados e centros históricos urbanos (Delphim, 2009). O que causa uma justa preocupação considerando que o Brasil é um dos países signatários da Convenção de 1972, logo tem um dever ético de preservar suas paisagens. Somos um país de larga extensão territorial, com parques nacionais maiores do que países europeus e cultura muito diversa, temos extensa paisagem para proteger.

Na segunda metade do século XX, São Paulo ampliou as ações de preservação em seu território, através do conceito de Patrimônio Ambiental Urbano, como forma de abarcar as questões metropolitanas, ambientais e culturais que se apresentavam nos contextos de urbanização do país (Tourinho; Rodrigues, 2016, P 71) o que se aplicava muito às paisagens urbanas, uma vez que as consideremos aqui como cenário da vida na cidade. Diferente da visão da década de 1930 onde majoritariamente a proteção patrimonial focou nos contextos de pedra e cal,

realçando aqueles detentores da identidade eleita para a nação, este momento da década 1970 suscitou o olhar para o movimento da cultura das sociedades, ou seja, esse movimento, que acontece em meio a ditadura militar, sugere transferir a compreensão do patrimônio cultural da nação para a sociedade (Tourinho; Rodrigues, 2016, P 74). Essa nova visão impactou setores públicos, mas de forma especial o planejamento urbano, instaurou-se uma visão socioambiental, entendendo os impactos individuais e coletivos nas intervenções espaciais. O termo Patrimônio Ambiental Urbano, traria em sua amplitude, os espaços da cidade não só em seus marcos históricos e arquitetônicos, mas na vida e memória que reside nesses lugares. Espaço, que Santos (1996) explicou como sistemas de ações com sistemas de objetos e que enquadrou a paisagem no grupo de sistema de objetos.

Em 1978, a Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo S.A. (Emplasa), promoveu um debate sobre patrimônio ambiental urbano, a fim de elaborar uma minuta de lei para preservação do patrimônio histórico-cultural, representantes do serviço público, órgãos relativos à proteção patrimonial e da academia estiveram presentes. Mas segundo as autoras, o alcance do tema impediu a concretização que permitiria o estabelecimento de procedimentos técnicos. Ulpiano Meneses, que representava a Universidade de São Paulo, apontou a limitação ao se identificar o patrimônio ambiental urbano. Meneses (1979, P 23) apontou adiante seu entendimento do termo como um sistema de objetos que ganha significação na interação com a urbanidade, logo seu reconhecimento é plenamente social. Ainda segundo o autor, isso pode ser confundido com o Kevin Lynch (Lynch, 2011), apresenta como “imagens da cidade” uma identificação estática de elementos que permitem a leitura da paisagem urbana (Tourinho; Rodrigues, 2016, P 82). Ainda segundo as autoras, apesar de o conceito não tomar o protagonismo que lhe cabia, foi suporte para vários documentos técnicos e produções acadêmicas, o dinamismo do conceito fica claro na fala de Yázigi (2012) quando disse que o termo “[...] se reporta tanto a um conjunto existente como a um processo em permanente construção, ou seja, patrimônio ambiental deve se configurar como o ser e o porvir” (Yázigi, 2012, P 28).

2.3 Paisagens vividas - participação das paisagens na vida das pessoas

Presentes nas experiências, memórias e identidades, antes de debates acadêmicos e políticos - parafraseando Santos (1996) - as paisagens sempre se deram para nós como um corpo se dá para outro. Brotando entre os espaços urbanos ou produtos de processos naturais, as paisagens emolduram nossas interações diárias, influenciando nossas emoções, percepções e comportamentos. Neste trecho, exploraremos a participação das paisagens na vida das pessoas, e investigar a complexidade das relações entre o homem e o ambiente que o cerca. Quando acessamos o trabalho de Meireles e Souza (2013), que compartilham a experiência de docentes que se deslocam do ambiente urbano para zona rural para lecionarem e estes já relatam sentir uma experiência de transição no percurso, um rito que marca a mudança de um local para outro, revelando a profundidade com que cada professora internaliza esse evento em suas trajetórias profissionais, percebemos a força do ambiente sobre a experiência. Isso nos leva a um termo ainda pouco popular Geo(bio)grafia, que Portugal e Souza (2013) nos explicam como um termo que nos convida a refletir em como a vida é escrita e narrada a partir dos locais que ela acontece. Ainda explicam que o local que a vida é narrada é “[...] onde a geo(bio)grafização acontece, onde os enredos das experiências são tecidos, possibilitando uma interpretação de si, uma escrita de si” (Portugal e Souza, 2013, P 209).

Krenak (2020) nos mostra através de sua experiência como sua etnia se relaciona com o entorno e como isso é presente nas culturas dos povos originários da América, África e Ásia. Seu aldeamento está localizado à esquerda do falecido rio Doce e à direita está a serra Tekukrak, uma serra com nome e personalidade, as pessoas a observam e sabem como o dia será (Krenak, 2020). O rio Doce - que foi morto na tragédia da queda da barragem de Brumadinho em 2019 - é chamado como Watu, o avô deles, parte da construção de como comunidade dos Krenak e não um recurso (Krenak, 2020):

Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra (Krenak, 2020, P 47 e P 48).

Quando adentramos na relação sujeito-ambiente, nos apoiamos no campo da psicologia ambiental, um termo interdisciplinar que estuda como o homem trabalha esse ambiente para “[...] atender melhor às suas necessidades e a maneira como esse meio, seja natural ou construído, molda os homens e suas relações” (Cabral *et al*, 2022). Partindo do ponto que os espaços - urbanos ou rurais - sugestionam o ser humano de forma psicossocial, conforme expõem os autores, podemos fazer uma conversa com o conceito de Materialismo Histórico, de onde também irriga a psicologia ambiental (Sawaia, 2002 apud Feitosa et al, 2018). O que também apreendemos com Santos (2021) quando ele apresenta que a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, os sentidos são aguçados de formas diferentes a depender da localização em que se está.

Além da interação com o objeto paisagem, a experiência imaterial surge como um critério essencial na compreensão da conexão entre seres humanos e o ambiente. A imaterialidade transcende os limites entre o natural e o cultural, permitindo uma imersão profunda no significado da paisagem. Nessa perspectiva, a paisagem é percebida não apenas como um cenário físico, mas como um espaço vivo que inspira reverência, contemplação e conexão íntima. Reconhecendo esse caráter etéreo, mas também a falta de coesão sobre o tema, em 2008 na cidade de Québec no Canadá, o ICOMOS publicou a *Declaração de Québec - Sobre a preservação do “Spiritu loci”*, um documento que dedicou a promulgar princípios e recomendações para preservação do espírito do lugar, reconhecendo que paisagens são mais do que peças encaixadas em um determinado local, há uma vivência física, social e espiritual sobre os monumentos e sítios (ICOMOS, 2008). A apreensão da importância da subjetiva enquanto elemento componente dos espaços a serem preservados, era um movimento que vinha acontecendo com o ICOMOS nos anos que antecederam o encontro de 2008. Sem desrespeitar o caráter abstrato, o Conselho exigiu das autoridades governamentais que “[...] convoquem a perícia de equipes de pesquisa multidisciplinar e especialistas com tradição para melhor compreender, preservar e transmitir este espírito do lugar” (ICOMOS, 2008, P 3). Elenca como as ameaças as mudanças climáticas e conflitos entre grupos sobre determinados espaços, sobre este último recomenda a priorização no que toca às políticas e práticas específicas (ICOMOS, 2008). Como forma de proteção, recomenda a prática da educação patrimonial com as comunidades e o uso da tecnologia. Por fim, fecha o documento reconhecendo que o espírito do lugar

depende essencialmente e é transmitido por pessoas, especialmente pela comunicação, elemento que acontece pelo que chamou de meio de transmissão não formais - narrativas, rituais, atuações, experiência e práticas tradicionais etc. - e formais programas educativos, bancos de dados digitais, websites, ferramentas pedagógicas, apresentações multimídia etc. (ICOMOS, 2008, P 4).

Delphim (2009) ao comentar a publicação, nos presenteia com sua sutileza e gentileza ao nos lembrar que a misticidade compõe nossas paisagem a tanto tempo quanto a presença humana, ao nos lembrar de que o Éden da tradição judaico-cristã, não necessariamente era um lugar mas sim um estado de espírito, como Jerusalém está em uma posição geológica que poderia justificar sua função enquanto cidade sagrada para três grandes religiões e ainda Machu Picchu, localizado no alto, de onde se avista o vale sagrado dos Incas, repousa sobre duas falhas paralelas entre dois picos. O Brasil também conta com paisagens com protagonismo imaterial, nossa capital Brasília, além de ser um ícone da arquitetura e urbanismo modernista, também é parte da profecia de São João Bosco, que em 1883 sonhou com a construção da cidade e georreferenciou esse dado, assim que seus sucessores, os chamados Salesianos, souberam que o sonho de Dom Bosco estava se tornando realidade, no projeto do arquiteto e urbanista Lúcio Costa, trataram de se instalar pela cidade e ainda hoje esta congregação religiosa é presença forte e massiva na capital brasileira (Nazário, 2010). Também não se pode negar a presença da cosmovisão indígena da comunidade Guarani nas terras de São Miguel das Missões, ainda que de forma mais melancólica - uma vez que foi um espaço de supressão da cultura indígena. A presença longínqua da comunidade indígena local foi reivindicada como patrimônio e cultura a ser preservada, como detalhado por Chuva (2020) em seu artigo, que discute o Registro da Tava em 2014. Krenak (2020) reforça a relação mística dos povos originários com a terra, quando entre outras histórias compartilha a experiência dos Massai no Quênia, que abriram conflito contra os ingleses que desejavam transformar a montanha- que era um sítio sagrado em um parque.

Pouco se fala na literatura científica sobre as paisagens internas, o interior das habitações, embora seja o palco de grande parte de nossas biografias, raramente recebe a devida atenção, com poucos marcos enaltecidos e poucas memórias celebradas pela coletividade. Canclini (2000) apontou que foi próximo do início deste milênio que teriam iniciado os estudos da teatralização da vida cotidiana.

Explorar e enfatizar o conceito de paisagens internas é fundamental para uma compreensão mais íntegra da vida cotidiana e das dinâmicas sociais. Ao destacar o papel central das habitações, dos espaços e ajardinamentos internos, podemos reconhecer não apenas os elementos físicos, mas também as experiências emocionais e psicológicas que moldam nossa existência diária. Ampliar o foco para incluir essas paisagens internas nos estudos acadêmicos é essencial para uma visão mais sutil do ambiente humano e suas interações.

A pandemia da Covid-19 obrigou as pessoas a se recolherem em seus espaços habitacionais, levando-as a perceber que esses ambientes não necessariamente eram saudáveis, Pinto et al (2020) apresentam em seu artigo, como a pandemia expôs a fragilidade dos sistemas urbanos frente a ameaças como o foi este vírus e expôs a importância da qualidade áreas privadas. Nesse contexto, as paisagens internas ganharam uma nova relevância, pois a necessidade de ambientes domésticos saudáveis e funcionais tornou-se ainda mais evidente.

A paisagem enquanto elemento de coesão entre partes tangíveis e intangíveis, apresenta uma porção de vida através dos significados que carrega, dos locais que abraça e das histórias que carinhosamente retém. A compreensão e apreciação de paisagens, não só nos permitem sentir e viver a poesia, como nos conectam com um emaranhado de histórias e vivências, transcendendo a experiência material e imaterial. Dessa forma, a paisagem torna-se um espelho de nossa própria existência e um convite constante para explorarmos e valorizarmos a interconexão entre o ambiente e as narrativas que o permeiam, enriquecendo nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

3. CULTIVANDO NARRATIVAS E ESCUTA: A TRANSFORMAÇÃO DE FORMAS DE VIDA EM BENS CULTURAIS

Narrativas são ferramentas indicadas para flagrar a complexidade de uma realidade cultural em recortes de investigação. Essa aposta pode ser observada em um acumulado de pesquisas no campo da Antropologia, Sociologia, História e outras áreas das ciências humanas. O modo de ser e estar no mundo de cada grupo é construído sob muitas manifestações culturais, práticas coletivas e individuais que diferenciam comunidades mundo afora. Ao serem narradas e ouvidas, essas formas de vida se tornam bens culturais, patrimônio comum para a humanidade.

Eis a ação, mobilizar as narrativas das pessoas e compreender como elas compreenderam suas experiências. A duplicação de palavras é proposital, trata-se portanto da compreensão em segunda instância ou, melhor dizendo, uma interpretação de enunciados que comunicam uma compreensão. Neste capítulo buscaremos interpretar as experiências narradas. Ouvi-las em um gesto de reconhecimento do seu valor e no cultivo dessa escuta, compreender as narrativas e discursos coletados. Destacando as metodologias utilizadas, apresentaremos os entrevistados em seus contextos e nuances.

Tendo como ferramenta os Jogos do Tempo de Ricoeur (2010), é importante ter em vista que todo detalhe importa, como nos explicou Venera (2023), o que num primeiro momento se apresenta como “erro” de conjugação de tempo verbal, provavelmente será uma pista sobre o discurso envolvido. Isso nos reforça a magnitude do relato, abordado aqui como a prática de reviver experiências através da fala, não se trata apenas de contar uma história e sim um ato de rememoração e apropriação de identidade. Nas narrativas e discursos as histórias de vida ganham forma, nomes e sentimentos, tornando-se vivas para outros.

A experiência de construção das paisagens internas se deu de maneiras diferentes para cada entrevistado, algumas com tons de esperança e otimismo, outras com amargos toques de sofrimento, mas todas profundamente conectadas com a condição de bem-estar dos indivíduos durante o período pandêmico. Cada relato apresenta um mosaico de emoções, desafios e superações, que quando montado, apresenta uma paisagem interior da experiência vivida durante a Covid-19. Entre os entrevistados temos quem encontrou na experiência da jardinagem e consequentemente da formação da paisagem interna, uma oportunidade de

empreender, quem encontrou uma maneira de centralizar em meio ao desespero que pairava sobre nossas cabeças, quem teve na jardinagem sua única alegria em meio ao isolamento e afastamento de seus familiares e quem pode desfrutar do afeto da amizade feita entre os poucos que podiam socializar no contexto.

Acessar essas histórias complexas e sensíveis, permite-nos compreender que contextos difíceis como os vividos na pandemia serviram para nutrir as relações que também se erguem no jardim da nossa vida.

3.1 Cultivando o processo – construção do acervo de entrevistas narrativas

Trabalhar narrativas de vidas demanda uma responsabilidade considerável, assim como um procedimento médico, pois lida com a subjetividade que constitui a individualidade de cada pessoa. A coleta e compreensão dessas histórias narradas exigem um cuidado meticuloso, pois acessam as experiências e as vivências que moldam a identidade de cada ser humano. Nesse processo, foi fundamental acolher cada relato com empatia, sensibilidade e respeito, reconhecendo sempre a complexidade, o contexto e a singularidade de cada situação relatada. Cada história é única, refletindo a pluralidade de perspectivas que a tornam uma apresentação da compreensão daquele sujeito sobre a experiência humana.

Para garantir que essa abordagem fosse realizada com a devida responsabilidade ética, foi necessário submeter o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville (Univille). O Comitê foi solicitado a avaliar toda a proposta de pesquisa à luz dos princípios estabelecidos pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/2012, que orienta as práticas de pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil. Essa etapa foi crucial para assegurar que todas as diretrizes e normas éticas fossem respeitadas durante a coleta e análise das histórias de vida.

Como parte do processo de aprovação, um projeto de pesquisa foi formalmente apresentado ao Comitê de Ética, acompanhado de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos envolvidos e os seus direitos. Este documento garantiu que os participantes tivessem total compreensão e concordância com o estudo antes de sua participação. Após a análise detalhada da

proposta e do Termo de Consentimento, o parecer aprovado foi formalizado pelo Comitê em 13 de março de 2024 - Anexo A, permitindo que a pesquisa fosse conduzida de forma ética, respeitosa e alinhada com as normas estabelecidas.

As perguntas que norteiam esta pesquisa (Apêndice A) foram elaboradas durante a Atividade Obrigatória Seminário de Dissertação II, cursada no final de 2023. Nesse contexto, o processo de construção das perguntas se deu por meio de uma reflexão sobre o tema da pesquisa, considerando os objetivos e as questões centrais que se desejava investigar. A disciplina, voltada para o desenvolvimento da dissertação, forneceu um ambiente acadêmico propício para o refinamento da pesquisa, permitindo que as questões fossem formuladas de maneira clara, coerente e alinhada com a proposta do estudo.

As perguntas foram desenvolvidas não apenas para que atendessem aos requisitos metodológicos da pesquisa, mas também fossem sensíveis às especificidades do tema e ao perfil dos participantes. O processo envolveu uma análise crítica das questões propostas, considerando a importância de garantir que elas fossem abertas o suficiente para permitir uma coleta de dados rica e diversificada, mas também focadas o suficiente para que as respostas pudessem gerar resultados relevantes para o desenvolvimento da dissertação. Assim, as perguntas formuladas refletem uma construção colaborativa e cuidadosamente pensada, com o objetivo de possibilitar uma investigação profunda e reflexiva sobre o tema proposto.

Embora as perguntas formuladas inicialmente tenham servido como guia para as entrevistas, o foco principal foi dado à fala espontânea dos participantes. Esse enfoque permitiu que as entrevistas fluíssem de maneira mais natural e rica, com as perguntas sendo, muitas vezes, respondidas de forma integrada às narrativas e reflexões dos entrevistados. Dessa forma, as questões não foram tratadas de forma rígida ou sistemática, mas sim inseridas no contexto das falas, permitindo que os participantes se expressassem de maneira mais livre e aberta, o que resultou em um aprofundamento das respostas e uma maior compreensão dos temas abordados.

As entrevistas foram realizadas por meio de diferentes meios, de acordo com a disponibilidade e a preferência de cada entrevistado: presencialmente, por videochamada e por ligação telefônica. Essa flexibilidade visou garantir a

acessibilidade e o conforto de todos os participantes, permitindo que pudessem compartilhar suas experiências de maneira mais tranquila e conveniente.

Em conformidade com as diretrizes éticas da pesquisa, todos os entrevistados foram devidamente informados sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo que estivessem cientes dos objetivos da pesquisa, da confidencialidade das informações e do seu direito de participação voluntária.

Depois da realização da entrevista, a análise do seu conteúdo segue conforme as orientações de Minayo, 2021. O áudio foi ouvido atentamente algumas vezes e selecionados os trechos temáticos de interesse da pesquisa. Ou seja, por se tratar de uma entrevista narrativa, a espontaneidade por vezes permite os devaneios da memória – assuntos que foram conectados e acionados pela entrevistada naquela narrativa, mas dizem respeito a digressões da memória e pouca relação com o interesse da pesquisa. Esse primeiro recorte já é por si mesmo uma primeira análise. Foram selecionados então, trechos para a transcrição. Essa etapa permite outras possibilidades de análises, a oralidade transformada em texto escrito permite olhares em outra perspectiva sobre a mesma narrativa. Os trechos selecionados para esse artigo foram os recortes transcritos, que serão analisados, e outros trechos importantes em que a entrevistada se narra são acolhidos aqui, porém descritos em terceira pessoa, ou seja, já é uma tradução de escuta. As interpretações dos trechos transcritos são realizadas a partir de apontamentos de Ricoeur (2010), como ferramenta os jogos do tempo que evidenciam a importância de se ter em vista que todo detalhe importa, como nos explicou Venera (2023), o que num primeiro momento se apresenta como “erro” de conjugação de tempo verbal, por exemplo, provavelmente será uma pista sobre o discurso envolvido. Por isso a importância da visualização do texto transcrito que facilita flagrar esses atos de fala. O autor chama a atenção para “os diversos níveis temporais provenientes da reflexividade do próprio ato configurante” (Ricoeur, 2010, P 104). Ou seja, cada modo de enunciação tem seu sistema de tempos, incluídos e excluídos. Enquanto as narrativas incluem os tempos verbais dos passados – perfeitos, imperfeitos, mais-que-perfeito ou ainda raramente prospectivos –, elas igualmente excluem o tempo presente, o futuro e ainda um presente por vir. Inversamente, o discurso funciona no enunciado incluindo os tempos presente, futuro e excluindo os passados. “O presente é o tempo básico do discurso, porque marca a

contemporaneidade entre a coisa enunciada e a instância de discurso: é, portanto, solidário do caráter autorreferencial da instância de discurso” (Ricoeur, 2010, P 107).

3.2 Germinar Conexões: O Processo de Entrevista como Cultivo de Relações

Como sementes que germinam sob condições ideais, os entrevistados precisavam atender a alguns requisitos: ser maiores de 18 anos, ter vivenciado o período de isolamento durante a pandemia de Covid-19 e ter iniciado ou aprimorado a prática de jardinagem nesse contexto. Essas condições foram escolhidas com o intuito de garantir que os participantes tivessem uma experiência que se relacionasse diretamente com o tema central da pesquisa — o impacto do isolamento e a prática da jardinagem como forma de bem-estar. Além disso, era necessário que todos os entrevistados aceitassem os termos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o respeito à ética e à confidencialidade durante o processo.

Como critério de exclusão, foram considerados os participantes que não aceitassem os termos do TCLE, pois a transparência e o consentimento ético são essenciais para o desenvolvimento saudável de qualquer pesquisa.

Assim como no cultivo de um jardim, onde cada semente precisa de cuidados e condições adequadas para crescer, a escolha dos entrevistados foi fundamentada na busca por histórias que pudessem florescer de forma rica e significativa, proporcionando insights valiosos para o estudo.

A jovem empreendedora Ruth, de 30 anos, apresenta-nos uma trajetória de vida marcada pela resiliência, pela presença de vegetação e pela transformação. Criada em São Francisco do Sul, Santa Catarina, ela carrega na memória as vivências de sua infância, imersas no verde da varanda repleta de plantas que sua mãe cultivava. Neta de agricultores e bisneta de uma curandeira, Ruth cresceu em contato com histórias de cultivo e cuidado, elementos que moldaram sua relação com a terra e a vida.

Durante a pandemia, Ruth encontrou um refúgio inesperado nas plantas, revisitando memórias afetivas e redescobrando a jardinagem como prática terapêutica. Nesse período de pausa global, ela enfrentou uma crise de saúde mental que trouxe desafios profundos, mas também lhe proporcionou reconexões

consigo e com outros. O brechó que ela administrava com entusiasmo antes da pandemia foi impactado pelas restrições, mas a jardinagem, inicialmente um passatempo, tornou-se central em sua vida. Ela começou a cultivar plantas e a oferecer mudas como presentes para atrair clientes ao brechó, mas logo percebeu que esse gesto tinha um significado maior.

A jornada de Ruth apresentou a possibilidade em um novo modelo de empreendimento, com ela e sua esposa explorando produtos inovadores como vasos auto irrigáveis e hortas inteligentes. Mais do que gerar renda, Ruth enxerga em sua relação com as plantas um caminho para o autoconhecimento e a conexão com o mundo ao seu redor. A jardinagem é, para ela, um meio de meditação e expansão de consciência, algo que ela busca compartilhar com sua comunidade e seus clientes.

Mesmo quando os desafios financeiros levaram-na a encerrar o negócio, Ruth manteve seu compromisso com as plantas. Trabalhou como jardineira, envolveu-se em projetos de agrofloresta, segue movimentando encontros de espiritualidade intimamente relacionados ao uso de plantas, transformando o quintal de sua casa em um laboratório vivo de experimentação e sustentabilidade. Ao lado de sua esposa e amigos, ela continua multiplicando mudas e transformando espaços urbanos em ambientes verdes.

Ruth é uma mulher de muitas facetas: empreendedora, jardineira, mentora de outros em processos de recuperação pessoal e uma entusiasta da conexão com a natureza. Sua história é um testemunho de como as raízes familiares e a busca por significado podem dar origem a trajetórias de transformação e esperança.

Daniele Claudia Miranda, pedagoga de 53 anos, vive em Santa Catarina desde 2018. Natural de Curitiba, ela e sua família fizeram uma mudança significativa de Rondônia para Joinville, para cuidar de sua sogra, Dona Alba, diagnosticada com *Alzheimer*. A decisão pela cidade não foi apenas por ocasião familiar, mas também por ser o local mais próximo de Curitiba que seu esposo, Luiz, pôde ser transferido sem deixar a empresa onde trabalhava. A autonomia da idosa estava comprometida, exigindo vigilância constante.

A mudança para a cidade foi inicialmente empolgante para Dona Alba, mas em pouco tempo a idosa passou a demonstrar uma dolorosa insatisfação com a nova realidade, sofria com a distância de sua antiga casa em Curitiba, onde cultivava não apenas plantas, mas também relações com a vizinhança. Narrada como

generosa e habilidosa, ela mantinha um quintal que era um ponto de encontro, onde compartilhava frutas, verduras e ovos.

Daniele, ainda sem emprego na nova cidade, dedicava seu tempo a encontrar ocupações que mantivessem a sogra engajada. Tricô, artesanato, atividades de grupo de idosos finalmente, jardinagem foram explorados. A jardinagem, em especial, tocou algumas memórias profundas de Dona Alba, que sempre teve uma ligação especial com a prática. O jardim de Daniele tornou-se um espaço vivo e simbólico, marcado pelas histórias e habilidades da matriarca.

A pandemia de Covid-19 apresentou novos desafios para o contexto da família que lidava com as questões de uma portadora de *Alzheimer*. Dona Alba foi transferida para o Residencial das Palmeiras, uma instituição de longa permanência para idosos. Durante o isolamento, o contato com a família era restrito a chamadas de vídeo e posteriormente, visitas com Equipamentos de Proteção Individual, o que muitas vezes frustrava a idosa, que não compreendia a impossibilidade do contato físico. Ainda assim, sua conexão com a jardinagem permaneceu intacta. Cuidar das plantas no residencial era não apenas uma ocupação, mas uma forma de expressão, um elo com as memórias que lhe restavam e claro um exercício terapêutico.

Embora o *Alzheimer* e os meandros impostos pela Covid-19, Dona Alba encontrou na jardinagem um refúgio emocional. Foi também uma importante ferramenta para a família que encontrou na prática uma maneira de nutrir a relação e proporcionar bem-estar para a idosa. Dona Alba deixou um legado de resiliência e generosidade, refletido nos jardins que cultivou e nas memórias que Daniele guardará para sempre.

Daiane Aparecida de Souza Piske, é a gestora do Residencial das Palmeiras, é uma profissional que se dedica à complexidade da administração de uma instituição de longa permanência e o cuidado humanizado com idosos. O espaço iniciou suas atividades poucos meses antes da Covid-19 e através do estímulo de Dona Alba - nora de Daniele e uma das internas do residencial - a gestora implantou a atividade hortícola no Residencial. A atividade de horta foi além de uma distração das angústias vividas no contexto, uma atividade pedagógica e terapêutica, na qual os profissionais do espaço estimulavam os sentidos dos idosos através do toque na terra, com o aroma das ervas e sabor dos vegetais.

Daiane se destacou pela sua habilidade de conciliar os desafios do cotidiano pandêmico com uma visão cuidadosa para o bem-estar dos residentes. Seu

enunciado revelou uma profunda conexão emocional com o seu trabalho, evidenciando tanto os momentos de frustração, como as restrições diante das limitações legais e institucionais, como as lembranças carinhosas dos períodos marcantes vivenciando com o grupo no contexto de isolamento.

Seu olhar atento vai além das tarefas administrativas, buscando uma significação e humanizando as pequenas ações do cotidiano institucional. Ela não gerencia apenas a instituição, mas tenta criar um espaço acolhedor, transformando o Residencial das Palmeiras em um lugar de memórias e relações afetuosas.

Mateus Rauen, é um homem de 37 anos que, ao longo dos últimos anos passou por uma jornada intensa e transformadora. Sua formação primária é engenharia civil, mas decidiu abrir mão desse campo de trabalho, uma vez que se viu em conflitos éticos ao trabalhar para uma multinacional renomada envolvida em catástrofes ambientais. Essa experiência somada ao término de um casamento, intensificou a crise existencial, que o impulsionou a repensar a sua vida.

Ao início de 2020, estava em meio aos estudos de psicologia, sua nova escolha profissional. Ele trocou o ambiente que entendia como rígido da cidade de São Bento do Sul, para o litoral norte catarinense em São Francisco do Sul, em uma residência que ambientou o seu processo de renovação. Em meio ao isolamento, Mateus redescobriu a prática da jardinagem, um hábito que desfrutara a tempos e o conectava com suas raízes, já que suas avós eram exímias praticantes, produzindo nele memórias que moldaram um profundo apreço pela terra.

Para o homem, a jardinagem transcende o cultivo de plantas, é uma prática terapêutica que o conectou ao presente. O ciclo da vida das plantas permitiu a ele reflexões densas, carregadas de simbolismo. Os períodos de poda e regenerações, lhe ajudaram a assimilar o contexto que se vivia naquela ocasião, proporcionando serenidade em meio ao caos. Essas reflexões foram enriquecidas pelo arcabouço que os estudos da Psicologia e de forma especial a mitologia e arquétipos, onde se fixou em narrativas com a deusa Puta - uma deusa latina relacionada a agricultura, de forma especial a poda e ao renascimento.

O processo que foi desde a compreensão das condições de terra do seu quintal, até estabelecer uma frondosa vegetação saudável, permitiu que Mateus acessasse várias partes de si, desde sua ancestralidade, cultivando conexões com a sua própria história familiar, até seu gosto por tecnologia, se permitindo navegar por especificações de equipamentos para suporte na compostagem.

A jardinagem se tornou para Mateus um microcosmo da vida. Ele trouxe a todo momento sobre como cuidar da terra transforma não somente o ambiente físico, mas renova a alma. Ao vivenciar o processo de compostagem, pode experimentar a ação de devolver nutrientes à terra, no qual enxergou um ato de reciprocidade e gratidão. Essa prática não apenas ritmou a sua rotina, mas também ressignificou sua visão de mundo, unindo o passado ancestral com a busca por um futuro mais pleno e saudável.

Lucélia Destefani é uma professora de 60 anos, que presenteou a pesquisa com uma desafiadora história de superação, atravessou um dos momentos mais desafiadores de sua vida durante a pandemia: o diagnóstico e o tratamento contra o câncer. Enfrentar uma batalha tão árdua em meio a um cenário de isolamento social exigiu dela não apenas coragem, mas uma postura ativa e otimista diante das adversidades. Foi nesse contexto que ela encontrou na jardinagem uma poderosa aliada para o seu bem-estar físico, emocional e espiritual.

Sua rotina passou a ser marcada por rituais junto às plantas, que recebiam seus cuidados e sua amizade. Lucélia via nas plantas não apenas vegetais, mas amigas e cúmplices em sua jornada de superação. Em troca de seu cuidado, as plantas a presenteavam com perfumes, cores e uma sensação de serenidade que aliviava as dificuldades do tratamento.

A relação com seu jardim tornou-se para ela um espaço de transformação, um refúgio que permitia canalizar sua energia de forma leve e construtiva. Mexer na terra, podar galhos e ver o desabrochar de flores trouxeram a ela uma conexão profunda com a natureza e consigo mesma. A presença das plantas também evocava memórias e histórias familiares, remetendo às lições de cuidado e preservação que aprendeu com seus pais.

As plantas também foram cúmplices no processo de renovação de sua relação com o esposo Sérgio, o casal que vinha de momentos de pouca conexão, beirando a um possível divórcio, viu o amor renascer nos processos de cuidado e atenção que todo o processo de tratamento demandou. Mesmo após a partida do esposo, causada pela dengue, ela continuou com as práticas de cultivo e com a prática da Umbanda, religião que Sérgio praticou e Lucélia tomou para si.

Lucélia ensinou em suas narrativas que, mesmo diante das maiores provações, é possível cultivar leveza, gratidão e alegria. Seu jardim não é apenas um lugar físico, mas um símbolo de sua força, sua capacidade de transformar dor

em aprendizado e sua eterna busca por florescer, não importa quão difícil seja a estação.

Ao serem cuidadas e nutridas, essas histórias florescem em novas formas e significados, revelando a imensa força da conexão com a natureza durante os períodos de crise e transformação. A experiência da jardinagem, relatada pelos entrevistados, transcende a simples prática de cultivo, traduzindo o cultivo de plantas não apenas em ato de cuidado com o ambiente, mas também um meio de cura e renovação pessoal.

Cada trajetória singular expõe diferentes formas de apropriação desse vínculo com a natureza, seja como prática terapêutica, como forma de sustento ou como forma de enfrentamento das incertezas do período. Narrando estas experiências, os entrevistados resgataram memórias individuais, familiares e coletivas, mas também tiveram a oportunidade de ressignificar suas vivências, uma vez que nos colocaram suas compreensões da experiência vivida, devolver as suas narrativas sob os olhos da compressão da pesquisa, permite uma visão provavelmente não acessada.

Através dessas narrativas, compreendemos as compreensões dos entrevistados, e em parte fomos convencidas de que, assim como as plantas, cada um de nós tem o potencial de crescer e florescer, mesmo nos momentos mais difíceis. Logo, a narrativa do cultivo dessas paisagens internas, emerge então não apenas como uma prática empírica, mas como um espaço simbólico, onde passado presente e futuro se ressignificam.

4. COLHENDO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS - NARRATIVAS SOBRE OS IMPACTOS E REINVENÇÕES NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

A pandemia da Covid-19 foi vetor de diferentes vivências, afetando diferentes aspectos da vida humana, desde saúde mental e física até mudanças sociais. O presente capítulo, irá mapear e compreender junto das narrativas pessoais, impactos e reinvenções que a pandemia provocou.

Iniciaremos investigando as memórias de experiência, apoiados na escrita de Koselleck (2014) que nos elucida que as rupturas são parte da vida e que essas mudanças bruscas nos obrigam a recalcular nossos caminhos.

Em seguida, passaremos às entrevistas propriamente ditas. Cinco pessoas concederam o seu relato sobre como viveu o momento da pandemia e como a construção das paisagens internas integrou este momento.

Por fim, exploraremos como as narrativas coletadas podem elucidar sobre a experiência da busca pelo bem-estar no processo de jardinagem durante o período pandêmico, se deu.

Evidenciamos não apenas experiências individuais da pandemia, mas o papel da relação humanos-natureza no processo de bem-estar de si e dos seus, destacando essa capacidade humana - enquanto parte da natureza, de adaptação e transformação diante da adversidade.

Eis a ação, mobilizar a história de uma pessoa e compreendê-la em seu valor de patrimônio comum da humanidade, como sugeriu o historiador Paul Thompson (2006). Há que se contaminar com algo que está no banal, lá onde as pessoas sentem e vivem as histórias do mundo. Paradoxalmente, é na oralidade de uma entrevista que elas expõem a complexidade de habitar o simples. O isolamento social intensificou a rotina e denunciou um mal-estar na solidão e a característica humana gregária.

Durante a pandemia, muitas pessoas encontraram no ato de jardinar não apenas uma atividade de cuidado de plantas, mas também do cuidado de si.

4.1 Raízes de Transformação: O Jardim, o Empreendedorismo e a Recuperação de Ruth Pavanello Bianchini

Figura 12 - Mapa da Entrevista de Ruth



Fonte: A autora (2025)

Ruth, a jovem de 30 anos, passou a pandemia junto de sua então namorada – agora esposa – que se juntou a ela no mesmo espaço assim que se iniciaram as restrições, acreditando que durariam poucas semanas. Ruth é neta de agricultores, sua mãe e tios cresceram neste contexto rural, a família cultivava fumo para comercialização com o uso de agrotóxicos, como é recorrente na região do Alto Vale em Santa Catarina, e cultivavam alimentos para consumo próprio de forma orgânica. Com muito carinho, ela relata sobre sua bisavó curandeira, que atendia muitas pessoas orientando o uso de chás, fazendo partos e executando procedimentos dentro de seu conhecimento. Mesmo aposentados, seus avós seguiram cultivando alimentos em sua horta caseira e comercializando para as verdureiras da região. A jovem se emociona quando relata sobre a casa onde cresceu na cidade vizinha de São Francisco do Sul, trazendo à memória que sua mãe apreciava plantas para ornamentação, que cresceu em meio às plantas.

Quando eu era criança a gente morava no Capri não sei se tu conhece [sic], tipo a gente foi morar lá quando era criança e daí também, Meu! Nossa! A varanda inteira da mãe, sempre foi de planta sabe? de planta, planta

frutífera coisas assim então eu já tinha tipo essa memória [...] (Bianchini; Grigorio, Joinville, 2024).

A narrativa, construída no tempo passado, dá conta de apresentar a sua familiaridade com a terra e as plantas. Em outras palavras ela diz: nada disso é novo na minha história, não inventei a roda na pandemia. Mas ela enuncia ao dizer sobre esse passado, também a sua compreensão da experiência na pandemia. O que ela fez sobre esse passado até o contexto pandêmico.

Aí tipo eu fui crescendo e tal, e tipo em casa tinha assim umas ou duas flores tipo, plantinha sempre tive nunca fiquei numa casa estéril, vamos supor, sempre tive alguma coisinha, mas não com né uma vastidão né, de apartamento e tal. Eu saí com 16 anos de casa e fui morar sozinha, então tipo tinha algumas plantinhas assim. Mas antes da pandemia ali, *tava* tipo muito naquele ritmo absurdo e louco e tipo aí eu *tava* com níveis de depressão... meu... muito grande *tava* tomando a dose máxima assim dos meus remédios todos tipo no talo e nada fazia efeito. E aí graças a Deus existiu a pandemia para congelar esses momentos todos (Bianchini; Grigorio, Joinville, 2024).

As ferramentas da jardinagem estavam na memória, porém não eram centrais em seus hábitos de vida. A narrativa de Ruth surpreende ao mostrar como ela identificou no período pandêmico um alento, uma vez que já carregava as mazelas de um tratamento depressivo que a demandava muito. Foi uma oportunidade de parar e olhar para si mesmo e encontrar as antigas formas de vida em conexão maior com a terra e as plantas. A condição mundial que mergulhou muitos em um estado de profunda angústia, movimentou na jovem pensamentos que a conectaram com partes de si muito íntimas que falam de suas origens.

Mas algo chamou atenção nesse fluxo de enunciações. Entre o primeiro e o segundo trechos apresentados aqui, ambos no tempo passado, ela disse [...] que isso é lar para mim, isso é casa né? e eu sou chorona né? [...]. O “isso” a que ela se refere era a varanda da casa materna, cheia de plantas que a mãe cultivava. Ou seja, ainda é presente o que ela elege como lar, os critérios de casa para Ruth perpassaram o tempo passado e ainda que ela esteja fora da casa dos pais desde os 16 anos, ela mantém um conceito de lar. Sua enunciação também evidencia o carinho pelo qual compreende o percurso da família no campo e entende que isso é parte de quem é e no meio da narrativa, há uma pequena deixa que transparece isso em discurso. Quando fala sobre o lugar que cresceu, o ambiente tomado por plantas, ela se coloca no momento presente e reconhece que esse hábito de se relacionar com plantas a conecta com esse sentimento de aconchego e pertencimento a um lugar, e se empodera da emoção que essa (auto)afirmação lhe

traz. E foi para esse lar que Ruth recorreu na ocasião que veio a ser a oportunidade inesperada de se reorganizar mentalmente, no contexto caótico que estava mergulhada, no qual passou a não ver mais sentido, as plantas foram sua experiência de estabilização.

Ruth enuncia uma experiência dramática que somou à pandemia que foi sua adicção para suportar a pressão da vida. Ela tinha um pequeno empreendimento, um brechó que segundo ela “bombava”, mas faliu com o fechamento dos comércios na pandemia.

Bombava o brechó. Daí, na pandemia, assim, ah! antes da pandemia eu *tava* já muito adoecida digamos. Sabe? Tipo: ah! o uso de medicamentos e tal *punkzeira*, tipo de é isso daí. Não *tava* nem conseguindo mais atender também os clientes. Isso já tinha dado uma baixada, daí quando veio a pandemia aí as pessoas nem deveriam vir, baixou mais ainda o meu lucro né? E daí, tipo, com problemas mentais e mais tipo trabalho sem ganhar dinheiro a gente fica mais, de fato sim. E daí, tem mais o rolê que a gente *tava* dependente química naquela época, tipo a gente *tava* envolvido com droga assim, porque o mundo não fazia muito sentido, então além disso tudo que a gente começou a se reabilitar na pandemia, é isso hein foi *punk*. As plantas foram uma transformação (Bianchini; Grigorio, Joinville, 2024).

Neste trecho, entre as narrativas do passado, algo escapa que ainda está no presente “sem ganhar dinheiro a gente fica mais, de fato sim”. Obviamente o sustento da vida é discursivo, ainda que Ruth tenha narrado no tempo passado um “ritmo absurdo e louco” e um brechó que “bombava”, mesmo que ela tenha revisado formas de vida, mas é presente a preocupação com o sustento. Frente a instabilidade financeira que a Covid-19 lhe colocou, a empreendedora se viu diante do desafio de seguir produzindo renda, na incerteza da continuidade das restrições, com isso a jardinagem deixou de ser somente um hobby e foi agregada como parte de seu negócio:

E aí tinha que se movimentar, eu até tinha brechó ainda naquela época sabe, eu comecei a fazer plantinhas para dar de presente para as pessoas que viessem aqui, tipo incentivar elas a vir, porque o brechó era aqui embaixo. Ah! dar um mimo assim e tal né? Mas no fim, as pessoas nem deveriam sair de casa. Então, daí só que eu continuei, “aí eu quero plantar mais, não quero só para dar de presente sabe?”. Tipo aí eu continuei plantando e fazendo as coisas assim. E daí a gente queria empreender, tipo achar algum produto para fazer um *dropshipping*, não sei se tu já ouviu falar desse modelo? Você pega tipo um produto da China assim e lá eles distribuem para os seus clientes finais, tu não fica com estoque só que o produto que a gente escolheu que daí era relacionado a planta que a gente ficou né? O que que faz sentido a gente trabalhar, que a gente quer trabalhar. E daí, tipo, ah! Meu! Só consigo pensar em planta né? *Tô* tipo só vivendo isso, só o que eu faço é plantar (Bianchini; Grigorio, Joinville, 2024).

Ricoeur (2010) sinaliza, em Benveniste, a relação direta do discurso com a autorreferência, ou seja, é em um discurso que o sujeito da enunciação se mostra. Ruth que se mostrou implicada com o seu sustento no trecho anterior, aqui faz questão de se enunciar como uma empreendedora que sabe monetizar a sua reconstrução de vida. Com os trechos intercalados no tempo presente, ela diz: [...] Ah! dar um mimo assim e tal né? [...] eu quero plantar mais, não quero só para dar de presente sabe? [...]. E continua a explicando como se faz um “dropshipping” se apresentando profissionalmente segura. [...] não sei se tu já ouviu falar desse modelo? Você pega tipo um produto da China assim e lá eles distribuem para os seus clientes finais, tu não fica com estoque. O que que faz sentido a gente trabalhar, que a gente quer trabalhar [...]. Observa-se claramente uma narrativa que seguia um fluxo no tempo passado e alguns trechos como se estivesse intrusos no tempo presente. [...]E daí, tipo, ah! Meu! Só consigo pensar em planta né? Tô tipo só vivendo isso, só o que eu faço é plantar. Surpreendentemente, ela muda o tempo verbal, uma pista sobre a identidade que Ruth quer se apresentar discursivamente.

À medida que Ruth se envolveu com jardinagem, uma porção de vida brotava junto com suas plantas, o que é evidenciado no discurso quando afirmou com veemência a vontade de cultivar mais e não só como forma de presentear seus amigos e clientes. Quando decidiu, junto de sua companheira, iniciar um negócio, não houve dúvida que seria no ramo de plantas, algo que fazia sentido para ambas e já estava inserido fortemente na rotina. Aplicaram um formulário com amigos e entenderam que a maior questão era a rega, o que as levou para venda de vasos autoirrigáveis. Também investiram em um produto secundário que custou um pouco mais investimento, que foram as hortas inteligentes, um produto que permite o cultivo de plantas em espaço sem incidência solar, provendo a iluminação necessária com as luzes de cultivo.

Ainda que o negócio tenha prosperado no quesito econômico, ela insiste em narrar e discursar sobre um outro tipo de investimento – a reconexão e transformação dos sentidos da vida através das plantas. O encontro do aconchego do lar, com a revisitação de um passado da casa da infância, “[...] Mas daí tipo foi bem esse... essa paixão sabe, porque eu precisava voltar a me reconectar e tipo que fazia sentido nesse momento era voltar para o meu lar digamos o lar da criança Ruth né? Da minha infância que isso me deixava acolhida [...]”, mas ao mesmo tempo compartilhar essa descoberta com outras pessoas “[...]eu queria poder

espalhar isso para mais pessoas, queria que mais pessoas tivessem esse contato com a natureza né? [...]”.

Além de empreendedora, Ruth também apresenta seu interesse sobre o (auto)conhecimento, um cuidado de si mesma pelas plantas. Ao enunciar sua relação com as plantas hoje, se diz também uma pessoa interessada em investir na expansão da sua consciência. Ela disse:

Botar a mão na terra assim para mim é essencial, é um contato que realmente a terra me faz voltar para o momento presente né? É uma meditação. Até eu faço um tratamento com micro doses de cogumelos e ia para jardinagem. Era perfeito assim, sabe? Porque tipo, o cérebro com uma dose de expansão de consciência no meio do verde, assim, sem gente falando e tal, nossa eu entrava num mundo muito doido (Bianchini; Grigorio, Joinville, 2024).

Se antes, ela se narrou em um passado de adicção para suportar a vida frenética que estava, aqui ela se enuncia em experiências com conotação positivas, para fins de melhorias da sua condição de vida. Importa nesta interpretação a compreensão que ela externa sobre suas experiências e como as plantas e a lida com a terra e o cultivo inspiram nela uma outra identidade e percepção de si mesma. E mesmo que seu empreendimento não tenha se mantido, para ela não importa porque seu trabalho continua sendo com o que lhe causa prazer – as plantas. Nas palavras dela:

Depois que não deu tão certo e tal, fui trabalhar com jardinagem né? Daí agora eu tô lá no Mattiola né? E as plantas continuam conversando comigo né? Porque ela tem vida e, tipo, não é a mesma linguagem silábica que a gente, mas ela se comunica e esse poder assim de mais pessoas poderem ouvir elas é muito legal (Bianchini; Grigorio, Joinville, 2024).

Percebemos como a jovem conecta a jardinagem com suas relações, considerando a forma que ela traz a todo momento os seus para essas experiências. Seja solicitando a opinião dos amigos para entender qual o melhor produto para atender as necessidades deles e assim proporcionar uma experiência mais agradável e efetiva no plantio, seja trazendo para o seu processo sua parceira, de forma a proporcionar a todos a experiência do sentimento de aconchego e lar que vive junto de seus jardins, bem como a experiência de centralizar seus pensamentos no momento presente. À medida que falava sobre estes momentos, seu semblante se iluminava, ao ponto de trazer à memória de um fato que poderia ser doloroso, mas, que logo ressignificou, contou que o empreendimento que iniciou não deu

certo, mas logo surgiu uma nova oportunidade e passou a atender na função jardineira contratada por uma empresa que prestava este serviço para residências.

Citou um novo trabalho em uma mercearia de produtos orgânicos – Mattiola – e caminhou por essas lembranças com muita leveza, costurando todas elas com o fato de que as plantas conversam com ela, que têm vida e que se alegra que outras pessoas possam experimentar isso também.

A gente mexendo na horta foi mais tipo procurar uma comunidade de pessoas que tipo não são necessariamente agricultores e que estão nesse movimento de mexer com as plantas querer se conectar então a horta direção foi mais um gatilho assim de pertencimento né. A gente até *tava* indo religiosamente assim a gente se propôs a toda semana estar lá para absorver bem a experiência né? E aí a ideia era fazer, rolar esse movimento no Vila Nova, mas a gente não teve coragem de encarar ainda porque tem que ter gente né? E a gente não conhece muito a galera também (Bianchini; Grigorio, Joinville, 2024).

Ruth mostrou neste momento como a jardinagem também foi uma catalisadora de vivência de comunidade e responsabilidade social, ao se aproximar da Horta Comunitária Girassol, ela e sua parceira buscavam conexões com pessoas que dividem contextos semelhantes: moradores da área urbana e preocupados com o bom uso da terra. Mesmo morando do lado oposto da cidade, mantiveram-se fiéis aos encontros do grupo por quase um ano, como forma de absorver conhecimento, vislumbrando trazer a ideia para o seu bairro quando possível. Esse tempo verbal presente/futuro expressa bem a forma como a entrevistada se faz em suas experiências sociais. Ela e sua companheira possuem intensões de ampliar a prática em uma aposta de promoção de mudanças sociais em um mundo que acreditam.

Na necessidade de voltar a trabalhar, Ruth não teve dúvidas de que seria com jardinagem. A oportunidade de atuar como jardineira profissional surgiu de uma proposta feita em um grupo de aplicativo de mensagens, era a única mulher da equipe e executou os trabalhos no alto verão de Joinville. Percebeu ao longo dessa função, que não necessariamente a proximidade com plantas cria uma responsabilidade ambiental nas pessoas, considerando que todo o material orgânico das podas e roçadas era descartado como resíduo comum, desperdiçando a possibilidade da compostagem. O trabalho era prazeroso, porém desgastante, o que a fez optar por não passar mais do que uns poucos meses, mas além da boa experiência, a oportunidade proporcionou reforçou mais uma conexão de relação para Ruth, que estimulou um conhecido que também lidava com dependência

química, a ingressar neste trabalho, como forma de exercitar sua profissão de agrônomo, suplantada pela adicção.

Ao se apresentar anteriormente como empreendedora, depois interessada em sua própria ressignificação da vida ou comprometida com transformações de mundo mais sustentável, Ruth faz paráfrases sobre uma identidade proativa e generosamente comprometida com o social a sua volta. Ela conta sobre outros conhecidos adictos que ela incentiva a ressignificar adicionando literalmente a conexão com o cultivo como uma mudança de paisagens internas. Ela relata:

Daí assim temos outros conhecidos com problema de dependência química né aí tipo consegui puxar um desse que *tava* trabalhando, tipo na Britânia, assim de peão né? E daí eu falei: - meu! Vamos fazer, vamos trabalhar com jardinagem tu gosta (Bianchini; Grigorio, Joinville, 2024).

Ela enuncia seus resultados de sucesso na recuperação das pessoas pelas quais está comprometida. “[...] eu pergunto para ele se acha que foi um bom negócio, ele diz que sim, que se sente muito mais feliz trabalhando ali por mais que é labuta assim, só que tipo tu *tá* em contato o tempo todo com a natureza né?” (Bianchini; Grigorio, 2024).

Passado o período pandêmico, a jovem e sua companheira seguiram suas práticas de jardinagem e agrofloresta. Essas enunciações foram em maioria no tempo presente e falam sobre sua rotina de cuidados da sua paisagem doméstica.

Daí as minhas aqui o que eu te falei que agora como elas já tão tipo todas no vaso (autoirrigável) e eu não tenho muito trabalho com elas, eu só vou reproduzindo, a tipo *tá* ficando muito grande e eu posso fazer estaquinha de galho, eu vou cortando os galhos e enfiando em novos vasos até tipo bem pouco trabalho também só boto terra lá e vou enfiando ela e vou multiplicando daí agora eu também estou multiplicando botando para o quintal sabe, sem ser só nos vasos e daí digamos que pós pandemia a gente *tá* caminhando com quintal indo para lá, daí no final lá a gente *tá* fazendo nosso experimento de agrofloresta assim, todas as mudas de árvore, essas frutíferas que a gente ganha nessas feiras daí a gente cata e vai plantando lá (Bianchini; Grigorio, Joinville, 2024).

Agora com mais conhecimento, Ruth vive um processo de transformação da paisagem de sua residência, multiplicando as plantas que até então só eram cultivadas em vasos autoirrigáveis, para o quintal de sua casa. A fala colocada em forma de discurso, mostra que ainda que o processo já iniciou há um tempo, ele é contínuo. A construção dessa paisagem, também fala sobre suas conexões, pois ela volta a citar o suporte de um amigo no processo de construção da agrofloresta. Suas

enunciações são livres e espontaneamente revelam o projeto que ela está implicada no presente com projeções de expectativas de mundos mais verdes:

Ele trabalhou um tempo no MST tipo mais perto de usar engenharia dele, foi lá que daí ele ajudava no sistema agroflorestal deles, então ele teve esse contato, daí ele falava 'ah não vamos botar essa árvore perto dessa porque essa vai crescer demais' daí ele coordena ali onde que a gente põe e daí os buracos que tem que fazer são bem grandes para porque a terra é muito ruim ali né muito vermelha é compactada então a gente tenta fazer uma cova bem grande, só que é bem duro né tipo eu sozinha não faço uma cova tão grande quanto a dele e aí a gente vai botando outros substratos misturando né a gente faz compostagem naquela coisa caseira a gente faz uma compostagem basiquinha (caixas de compostagem) e a gente faz também de um canto lá com folhas maiores e deixando lá e aí só que hoje em dia daí como a gente tem galinha daí leva muita coisa para elas só que ela também vão melhorando solo porque elas ficam patinando. A ideia daí é ia fazer, a gente vai cobrindo o solo agora, lá atrás para tipo melhorar o solo. Então tudo que, lá na jardinagem eu conseguia trazer daí tipo os sacos de lixo em vez de botar na rua para levarem, meu carro era tipo podre porque *tava* sempre socado de muito saco de coisa, só que daí eu ia jogando, descarregando ali no nosso projeto de agrofloresta então já dá de ver que *tá* aumentando assim sabe a espessura, o solo *tá* ficando mais legal, daí tipo meu e era um nada assim sabe. Daí tipo as bananeiras um vizinho trouxe para gente os pés e agora a gente já colheu banana. Daí lá atrás tem cana de açúcar que veio tipo lá da vó, fica uma confusão visual né de início, só que é isso mesmo tipo (Bianchini; Grigorio, Joinville, 2024).

A experiência de Ruth com seu projeto de agrofloresta, é toda narrada no momento presente, fazendo algumas poucas conexões com momentos passados, mostrando como hoje a atividade agroecológica faz parte da identidade da jovem, isso permeia suas relações, sua rotina profissional e escolhas de vida.

O sistema de agrofloresta citado por Ruth, é objeto de estudo há tempos e sabe-se que tem potencial para melhorar o desempenho agrícola, reduzindo a fragilidade frente às variações do clima (Schembergue et al, 2017) e por isso popularizou-se com tanta força entre os ativistas de causas ambientais como Ruth. Ainda que a decisão de o adotar passe pelas condições agrônômicas, socioeconômicas e climáticas de cada região, Schembergue et al (2017) nos colocam que este sistema tem potencial de valorização da terra, pode retardar ou reverter o processo de degradação do solo e sequestrar carbono.

A jovem nos mostra em seu discurso, como o seu conceito de belo em uma paisagem se aprimorou, uma vez que passou a entender e fomentar a agrofloresta, que promove uma amálgama de espécies no consorciamento de culturas, o que ela própria relatou que é um entendimento ainda pouco aceito.

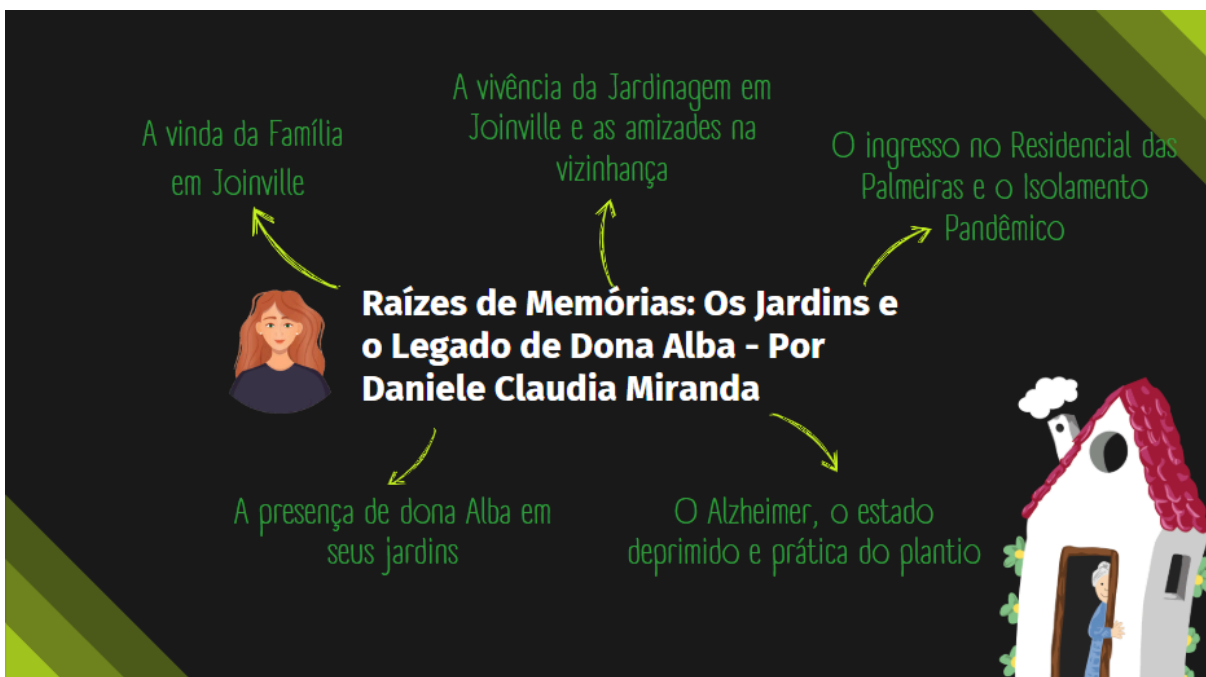
E tipo é tão legal, acho que assim uma das melhores coisas que me fez perceber assim nesse processo de pandemia e de se relacionar com verde,

de como a gente precisa de tão pouco para ter dopamina no cérebro, felicidade, que é tipo às vezes a gente né fica naquela 'ai não preciso comprar uma coisa mais, uma coisa diferente para eu ser feliz, para tipo me realizar ali' e daí meu é uma coisa que te custa né tão pouco, às vezes tu pega uma mudinha de um parente, uma coisa da vizinha ou alguém te dá e tu planta e tu começa a cuidar daquela planta e tipo te dá tão mais, te traz mais tão felicidade uma coisa simples né, a gente não precisa de muito para ser feliz (Bianchini; Grigorio, Joinville, 2024).

Suas reflexões demonstram ressignificações das suas compreensões sobre o mundo, quando ela diz: “como a gente precisa de tão pouco para ter dopamina no cérebro, felicidade, que é tipo às vezes a gente né fica naquela ai não preciso comprar uma coisa mais, uma coisa diferente para eu ser feliz, para tipo me realizar ali”, ela parece fazer referência reflexiva sobre o contexto anunciado no início da entrevista em que ela vivia na correria de uma vida que se resumia ao pagamento das contas e a adicção para processar ausência de sentidos. Passadas as questões pandêmicas, Ruth apresenta mais um discurso para mostrar que absorveu reflexões e novos princípios em sua vida cotidiana. Aponta que a prática de jardinagem permeou seu processo de desenvolvimento pessoal, tratamento de saúde, fortalecimento das relações e responsabilidade social. Assim, o que começou como uma atividade para presentear seus clientes, no auge das tensões da pandemia, evoluiu para uma ferramenta que não apenas promoveu sua saúde mental, mas também lhe permitiu integrar sua existência com um senso mais profundo de pertencimento e propósito social e político.

4.2 Raízes de Memórias: Os Jardins e o Legado de Dona Alba - Por Daniele Claudia Miranda

Figura 13 - Mapa da Entrevista de Daniele



Fonte: A autora (2025)

Abordaremos adiante a história de Daniele, a pedagoga de 53 anos vive em Joinville-SC desde 2018, a curitibana que morava no estado de Rondônia e migrou para a maior cidade do estado catarinense em vista da saúde de sua sogra, Dona Alba, agora falecida, que viveu com a doença de *Alzheimer* e foi a opção viável para que seu esposo Luiz, fosse transferido de seu emprego e permanecesse na mesma empresa. A idosa que há alguns anos vivia de forma independente, passou a demonstrar risco para si mesma e a recomendação médica foi de acompanhamento constante, precisou deixar sua residência em Curitiba e assim aconteceu, mas não sem trazer várias mudas de seu quintal.

A mudança foi uma experiência inicialmente agradável, engrandecida pela novidade, mas em pouco tempo a idosa passou a pedir a volta para sua casa em Curitiba, um momento difícil para a família, uma vez que já não era mais possível permitir que Dona Alba vivesse sozinha e não era possível a transferência da família toda à capital paranaense. Na tentativa de fazer com que a sogra se sentisse mais confortável em sua nova realidade, Daniele incentivou-a a iniciar novos hobbies:

Ela veio para cá e no começo era tudo mil maravilhas e tudo mais, depois ela não queria mais e daí ela começou a ficar muito entediada, chateada tudo que a gente oferecia nada *tava* bom. Como a gente fazia muito pouco tempo que a gente *tava* aqui, eu ainda não *tava* trabalhando, então eu *tava* em casa né com ela. Então “vamos fazer um tricô?”, “vamos!”, ela fez cachecol para família inteira, sem brincadeira, ela fez 50, 60 cachecois, assim ela fez para todo mundo da família, família grande, “vamos doar”, ela era uma pessoa muito generosa em relação a isso. Daí cansou, daí não queria mais o tricô, eu comprei, até tenho lá até hoje guardada aí da época dela. [...] Daí vamos fazer outra coisa, fomos para artesanato menina, eu que *tava* curtindo, ela começou a ficar infeliz sabe, uma infelicidade assim muito grande. Mas a Dona Alba sempre gostou muito de plantas, ela sempre gostou muito, então ela vinha assim “ó vamos plantar...”, cada uma dessas que... depois eu te levo para ver, cada uma dessas plantas que tem aqui no meu jardim... isso aqui foi completamente modificado (Miranda; Grigorio, Joinville, 2024).

Daniele narra a boa aceitação de Dona Alba, uma temporada breve que se seguiu de um período de aborrecimento que não se resolvia por nada. A fala da nora explicita como a senhora obteve um bom desempenho nas atividades que se propôs a tentar, não à toa produziu dezenas de cachecois e doou vários para sua família e para quem necessitava, todavia, a infelicidade da idosa não se extinguiu, ocupar seu tempo não foi a solução, Dona Alba sentia falta de seu lar, um lugar que viveu quase 40 anos, tomado por plantas e a partir delas, a idosa se conectava com sua vizinhança, com quem dividia os frutos de suas produções:

Os vizinhos iam lá, ela escrevia na plaquinha ‘Doa-se abacate’, ‘Doa-se milho’, ela tirava para o consumo dela e era o prazer dela... e foi bem comovente, a vizinhança, quando ela foi embora assim, né? Eles... nossa, o povo chorou, eles gostavam muito dela, mas sabiam que ela precisava, que a gente precisava fazer alguma coisa, ela *tava* se perdendo na própria... ela ia na igreja, que ficava a quatro quadras da casa dela e ela se perdia para voltar. Viveu quase 40 anos lá, todo mundo conhecia a Dona Alba, até porque com esse negócio de dar fruta, verdura, legume o povo ia lá e se refestelava, fora que ela tinha galinha tá, pessoal comprava ovos dela, ovos ela vendia, ela achava que ovos eram muito caros né e ela tratava muito bem as galinhas dela, daí com esse o dinheiro da venda dos ovos ela comprava ração para as galinhas, então o povo todo ia lá (Miranda; Grigorio, Joinville, 2024).

É possível captar no enunciado, a comoção de Daniele com a comoção dos vizinhos de sua sogra. Fica claro em sua fala, que o quintal de Dona Alba transcendeu a simples condição de um espaço dedicado ao lazer ou ao passatempo, configurando-se como um fomentador da socialização e das relações interpessoais no contexto comunitário. A senhora vivia o que já fora afirmado por Rubira (2016), o autor afirmou que as áreas verdes têm papéis não somente na preservação dos recursos naturais, mas também, como espaço para alcance de bem-estar e

qualidade de vida, uma vez que exerce funções sociais, educativas, psicológicas e estéticas.

É importante destacar em pesquisas narrativas que, embora os sujeitos da enunciação são únicos e autorais quando enunciam uma narrativa, mas aquilo que em tese é assunto individual torna-se, rapidamente, em uma história compartilhada sobre conexões sociais. Tanto Daniele, como sujeito da enunciação se mostra como um eu em conexão com um nós, a família, os vizinhos, quanto a personagem da sua história – Dona Alba –, mesmo que em condição de perda de memória, é narrada em conexões sociais.

Essa dinâmica comunitária também está alinhada com os benefícios citamos anteriormente apontados por Feitosa *et al* (2014), que destacam a relevância dos espaços domésticos enquanto territórios de interação social e convivência. A simpatia e o carisma da senhora contribuíram significativamente para consolidar sua posição de afeto no círculo da vizinhança. No entanto, é inegável que os presentes generosos oriundos de seu quintal desempenharam um papel fundamental na manutenção de um fluxo constante de visitas e na construção de vínculos afetivos que fortaleciam as relações locais. O jardim e a horta de Dona Alba, não só exerceram um importante papel na atividade de sua saúde mental, mas sobretudo mediou as conexões sociais da idosa.

Levando isso em conta, Daniele expõe seu entendimento de que incentivar a prática de jardinagem da sogra poderia constituir uma estratégia eficaz para promover sua reconexão com o sentimento de bem-estar anteriormente experimentado no ambiente doméstico. Tal iniciativa não apenas possibilitaria resgatar uma sensação de pertencimento e conforto, mas também atuaria como um mecanismo para restabelecer laços de familiaridade com atividades que outrora integraram sua rotina. Sob essa perspectiva, a jardinagem surge não apenas como um passatempo, mas como um instrumento terapêutico e simbólico, capaz de restaurar memórias afetivas e criar uma ponte entre o presente e um passado marcado por experiências de conexão com a natureza e o espaço habitado.

Estava decidido, Daniele incentivou a criação de jardins e hortas no quintal na casa de Joinville:

Daí a gente fez ali na lateral, a gente fez várias caixas, depois é óbvio que eu não ia conseguir manter, só mantive um bem pequeno. Ela se distraia um tanto com aquilo, trazia tanto prazer para ela isso, que ela, ela... Mas ela contava assim histórias, assim da vida dela de... é muito engraçado porque

ela contava muitas histórias de infância e ela associava aos canteiros né e meu marido assim “não lembro, ela nunca falou isso para nós” e então a gente não sabe se essas histórias eram reais mesmo, que os familiares dela já, todos haviam falecidos, então a gente não tinha como ir atrás dessa fonte “é isso mesmo?”, “ela falou algo de pessoas...”, “existiram essas pessoas?”, como a gente ficou sem... os filhos mais velhos nunca ouviram falar, não sabemos assim. De pessoas que ensinaram ela “olha, planta assim”, “ó um enxerto faz assim” ela dizia que ela tinha aprendido com essas pessoas, mas na infância, eu falei “caramba” da memória que acessa numa situação tão assim...” e que ninguém da família sabia disso, Isso era algo novo né? (Miranda; Grigorio, Joinville, 2024).

A família passa a viver algo novo, o surgimento de memórias até então não compartilhadas da infância de Dona Alba. O médico explicou à família que, em casos de *Alzheimer*, é recorrente que os pacientes acessem memórias remotas, frequentemente vinculadas a períodos significativos ou atividades de forte carga emocional. A fala de Daniele, enuncia que o cultivo da horta e do jardim desempenhou o papel de estímulo central, funcionando como um gatilho para acessar lembranças afetivas que estavam profundamente arraigadas em sua memória e que ela rememorava com grande carinho. A decisão da nora de incentivar práticas de jardinagem como parte da rotina da idosa, começava a mostrar resultados promissores, sinais de bem estar começavam a surgir, Dona Alba passava a se sentir mais confortável em seu novo contexto e além disso, o envolvimento com jardinagem novamente tornou-se um meio para facilitar sua integração a vizinhança, contribuindo para o estabelecimento de laços e para a construção de um sentimento de pertencimento em sua nova realidade:

Ela era bem bastante habilidosa com essas questões de plantar, de fazer muda, então o que ela fez de muda gente, ela deu muda aqui para rua inteira, de couve, de moranguinho, nossa guria! Couve, esses temperos... coentro, alecrim, era lindo assim, levava assim as mudinhas. A dona Dagmar era predileta dela, é uma senhora minha vizinha, mora sozinha, elas duas ficavam... aí eu chamava ela aqui e elas ficavam “titititi” até um tempão e tudo motivado pelo plantio, a flor... (Miranda; Grigorio, Joinville, 2024).

Daniele ressalta a habilidade com a prática de plantio, mas de forma indireta ressalta também a habilidade de socializar, compartilhando como para Dona Alba tudo era um motivo para fazer novas relações. Fazer muda para a rua inteira e chamar a vizinha para plantar e ficar de *tititi*, mostra a importância de coletivizar para a idosa, fato que também se percebe quando a nora cita a rotina dela de ir a igreja e dividir seus frutos da antiga casa com os vizinhos que praticava em Curitiba.

Os sintomas do Alzheimer foram evoluindo, Dona Alba demandou cuidados de assistência técnica hospitalar, o que levou a família a optar pelo serviço de

supervisão e assistência oferecido pelo Residencial das Palmeiras durante uma parte do dia, um local destinado à moradia e assistência de pessoas da terceira idade, próximo a universidade onde Daniele iniciou os estudos de mestrado. Infelizmente pouco depois da aproximação de Dona Alba com o Residencial, eclodiu a pandemia da Covid-19, obrigando a família a tomar uma difícil decisão:

Pandemia! É não podia mais... Aí ela a primeira coisa que eles recebem, uma instituição dessa, a secretaria de saúde lá acho que visitou eles “Ô sem visitas, não pode mais, creche não pode mais” é porque ela tinha outros idosos que faziam isso “não pode mais” daí a Daiane disse “Ô você tem duas opções: ou deixá-la e nós vamos receber... seremos os primeiros... já anunciaram né...” quando tivesse a vacina seriam... e foi mesmo isso se confirmou, seriam os primeiros a receber a vacina e .. “Você tem duas opções ou você deixa ela aqui direto né infelizmente sem vocês poderem ir, ou ela vai ficar com vocês e não tem mais como ela vir” (Miranda; Grigorio, Joinville, 2024).

A narrativa de Daniele apresenta uma figura importante e que será retomada com mais afinco posteriormente, Daiane, a gestora do Residencial das Palmeiras, que foi categórica diante das opções colocadas pelas restrições sanitárias, a família entendeu que seria mais seguro deixá-la sob os cuidados técnicos do Residencial. À época, Dona Alba se aproximava de um estágio avançado do *Alzheimer*, chegando ao ponto de não se lembrar de que havia feito refeições, oscilando entre não comer ou comer exageradamente.

A narração deixa clara a tranquilidade e confiança de Daniele em relação ao trabalho do Residencial, relatando que Dona Alba foi muito bem acolhida, bem como sua prática de plantio, levou consigo suas caixas de horta e muita vontade de plantar nos espaços cultiváveis, a ideia que foi recebida com muito entusiasmo pela equipe do local:

Eles eram muito atenciosos com ela, muito mesmo e ela sempre dizia para eles lá “faça isso, planta aquilo”, o Gláucio, que é o marido da Daiane, ele gostou muito disso, então eles ficavam os dois de “vamos fazer isso” e ele levava ela para ver o pomar, é um espaço bem bonito, um lugar maravilhoso (Miranda; Grigorio, Joinville, 2024).

Daniele, que cumpriu a função de cuidadora principal de sua sogra e buscou por muito tempo maneiras de deixá-la confortável em sua condição aqui na cidade, apresentou bastante tranquilidade na transferência dos cuidados diários para a equipe do Residencial, indicando certo grau de familiaridade com a equipe, sentimento que muito provavelmente Dona Alba também experimentou.

Por conta das restrições sanitárias, a família ficou bastante tempo se comunicando apenas por chamada de vídeo, uma maneira de atenuar a saudade:

Era tudo no online assim né, então era tudo vídeo, eles me mostravam, ela me mostrava, às vezes ela *tava* falando comigo, ela soltava o celular né e para mexer na terra, daí o meu celular (ficava) virado para Terra [risos] e eu só escutava 'pipipi pópópó' mal conseguia ouvir falar que ela falava, ela esquecia do celular daí a enfermeira vinha correndo "ai!" daí ela pegava e continuava (Miranda; Grigorio, Joinville, 2024).

A fala da entrevistada, nos permite perceber que a leveza se fez presente em algumas situações, transpondo a distância, a doença, a pandemia e a saudade. Enquanto a crise se agravava e os noticiários apenas traziam os números das vítimas e cuidados para a população isolada, nora e sogra dividiam um pouco da rotina através de chamadas de vídeo. Havia uma preocupação com o vírus de forma geral, mas percebe-se na fala de Daniele que a família, se mostrava tranquila uma vez que a equipe do residencial se mostrou muito zelosa quanto a segurança sanitária dos idosos, permitindo a pedagoga registrar memórias carinhosas desses momentos.

Considerando a frágil memória de uma pessoa portadora de *Alzheimer*, pode ser bastante desgastante os diálogos, já que o cérebro não registra as novas informações. A família tinha uma estratégia, enquanto Dona Alba tivesse um pedaço de terra para plantar, ela teria uma muda para dividir, um vegetal para compartilhar e uma folhagem para exibir. A prática da jardinagem era fomentadora da relação da família também.

A paisagem do quintal da casa foi se transformando com a prática da Dona Alba e aqui se destaca não apenas a paisagem como imagem, mas como interações interpessoais, como nos colocaram Feitosa *et al* (2014), ao afirmar que a horticultura promoveu além dos benefícios fisiológicos e mentais, interação social significativa. Primeiro com as trocas com os vizinhos e na pandemia da Covid-19, no residencial era a jardinagem, o plantio e os cuidados com os vegetais que mediavam as conexões sociais com a equipe técnica que garantiam seus cuidados. Dona Alba mobilizava paisagens para viver seus dias com o *Alzheimer*.

Apesar de sempre cultivar o contato pelas ferramentas possíveis, a família sentiu bastante a distância. Quando foi possível retornar às visitas presenciais, a família não tardou a visitá-la:

Ela sentia muita saudade, ela falava muito dessa saudade, mas assim, a gente tem foto depois te mostro, a gente precisava pôr os paramentos todos né, então a gente colocava... ela ficava ainda... a gente ficava de fora né, ela ficava sentadinha na porta e a gente não podia chegar perto ela não entendia isso, ela queria vir, a primeira coisa que ela queria fazer era dar um abraço e a gente não podia né, nossa! Meu Deus foram os momentos mais difíceis que teve, ela queria... “Porque vocês não me abraçam? Vocês não gostam mais de mim?”, “Não dona Alba não pode, tem a pandemia, tem essa doença que tá matando, a senhora ainda não tomou a vacina, não sei o que, eles não deixam.” E a enfermeira do lado, a enfermeira.. ela saia, ela falou assim... “Nossa! É muito triste ver isso, é muito triste” (Miranda; Grigorio, Joinville, 2024).

Daniele deixa claro que tão desafiador quanto administrar a distância física imposta pelas medidas de segurança – mediada pelo uso obrigatório de equipamentos de proteção individual (EPI) – foi a tarefa de comunicar a uma pessoa diagnosticada com a doença de *Alzheimer* as complexidades das restrições sanitárias impostas pela pandemia. A natureza da enfermidade, que compromete significativamente a capacidade de memória e assimilação de informações, dificultava que Dona Alba compreendesse plenamente a situação. O que podemos ver nas falas da idosa, é não apenas o impacto emocional da ausência do contato físico, mas também o sentimento de possível rejeição, que gerava sofrimento tanto para ela quanto para seus familiares.

Por mais dolorido que fosse, o enunciado mostra que a família, já habituada a lidar com as nuances do comportamento da idosa ao longo dos últimos anos, demonstrou habilidade em manejar a situação, trazendo para o grau de entendimento dela, uma explicação sobre aquele contexto estranho para a idosa:

E a gente não podia abraçar né, mas a gente ficava como a gente ficava a dois metros de distância “Nos leve lá na sua, na estufa lá para ver as suas plantas” daí a gente longe e ela contava “isso aqui foi eu que plantei, isso aqui foi o fulano que plantou, não sabe nada fez tudo errado, olha a minha como tá bonita, ó a dele ali, não sabe nem plantar, não sei nem porque se mete em fazer” ela falava assim, e daí a gente passava... ela ficava andando porque eram várias caixas né (Miranda; Grigorio, Joinville, 2024).

A entrevistada narra a sabedoria da família, que entre os paramentos e a incapacidade da idosa de compreender plenamente as restrições sanitárias, recorreu ao uso do gatilho da jardinagem para fomentar a relação e conseqüentemente promover o bem-estar de Dona Alba. Por alguns momentos a idosa não pensava em EPI, não pensava nas distâncias, se desligava das limitações do contexto sanitário e se concentrava em exhibir, com orgulho, suas mudas vigorosas e saudáveis, revelando entusiasmo e satisfação. Além disso, esses momentos geravam novas

narrativas, como as críticas bem-humoradas ao colega que, segundo ela, não demonstrava habilidade no cuidado com suas próprias plantas.

O próprio estágio do Alzheimer, deixou ela assim num processo bem depressão sabe, ela sentia uma tristeza profunda, ela mesma dizia “eu tô triste e eu não sei porquê” e lá no Residencial eles... durante a pandemia foi bem difícil, ela teve que tomar remédio para depressão, ela só queria dormir e se não tivesse no Jardim lá mexendo com as plantinhas ela só queria dormir, era o refúgio dela, que ela se sentia bem (Miranda; Grigorio, Joinville, 2024).

Diferente da primeira entrevistada, que tirou da pandemia oportunidades de crescimento pessoal e profissional, Dona Alba vinha da condição de luto de ter deixado sua casa em Curitiba e foi obrigada a deixar sua nova casa em Joinville em virtude de sua condição de saúde, obrigando-a a manter uma relação fisicamente distante de sua família, o que lhe maltratou em demasia. Desta perspectiva não surpreende que ela tenha desenvolvido um quadro depressivo, algo que era estranho para ela que era uma pessoa sempre bem-humorada, demandando a administração de medicação apropriada. Mas aqui surge a prática enquanto um foco de presença, no meio desse estado de humor deprimido. Daniele enuncia a prática como uma fuga desse estado melancólico que se somou a condição de Dona Alba, quase como se dissesse “a jardinagem a salvou novamente”.

A vacina chegou e os idosos foram os primeiros vacinados como se esperava. Dona Alba seguiu sob os cuidados da equipe do Residencial devido ao grau de assistência que demandava. A doença de *Alzheimer* seguiu avançando, ao ponto da família se preparar para montar uma UTI dentro do Residencial, o que não chegou a acontecer. Em 2023 Dona Alba faleceu rodeada de seus familiares em um quarto de hospital, deixando muitas saudades, boas memórias e mudinhas pelos jardins de pessoas que queria bem:

Sabe quando a presença dela fica tão viva, a memória? Quando o jasmim enche de flores! Ela acordava, ela ia lá e cheirava o jasmim, quando esse jasmim fica cheio de flores, assim que enche de beija-flor, a coisa mais linda do mundo, tem um que é de casa já, sempre vem o mesmo, ele fica ali, ele não se importa se a gente tá ali ou não, mas quando o jasmim desabrocha, caramba, parece que é a Dona Alba, assim sabe, que ela tinha o cabelinho branco, branquinho, branquinho, parece que a gente tá olhando ela, tanto eu, quanto o meu marido, o jasmim é o símbolo forte aqui em casa, e é incrível esse jasmim ele chega... o galho chega a pender de tanta flor que tem, nossa! (Miranda; Grigorio, Joinville, 2024).

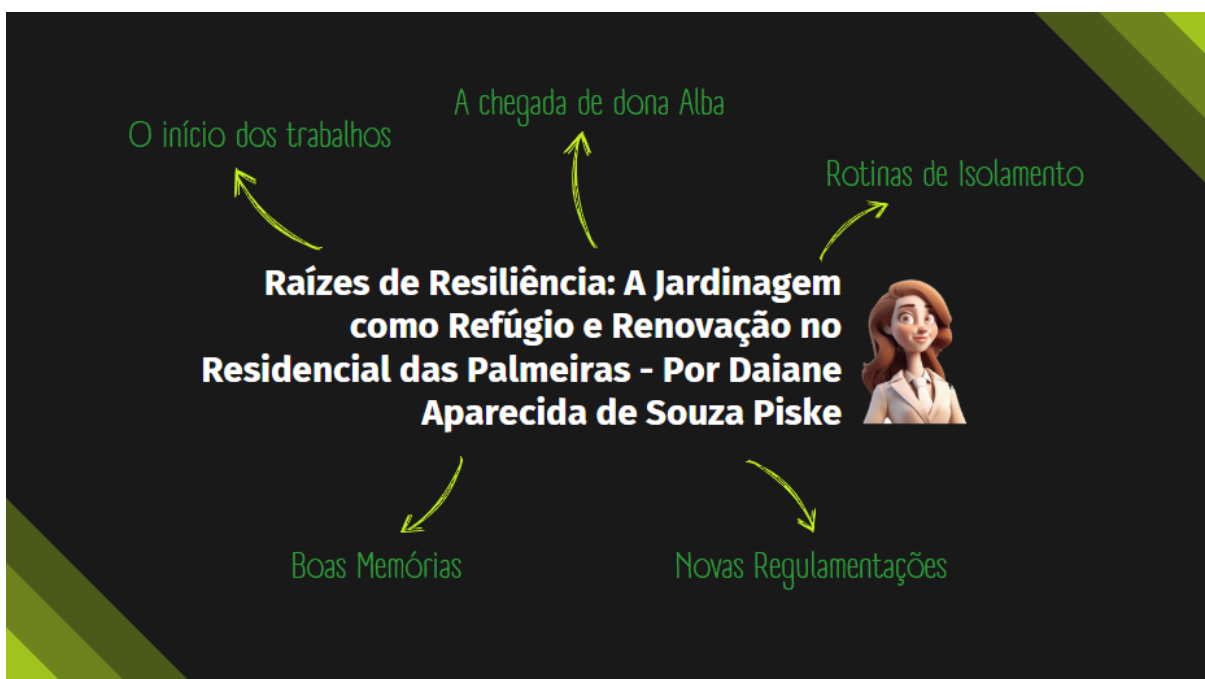
A lembrança de Dona Alba é uma memória que tem cheiro. No único enunciado discursivo registrado durante a entrevista, Daniele associa a presença de

sua falecida sogra ao aroma de um jasmim plantado pela própria Dona Alba. Uma presença imponente, porém, delicada, atrativa e acolhedora. Além disso, o arbusto, com suas flores perfumadas, desempenha um papel atrativo e acolhedor, criando um espaço que recebe os pássaros da região, os quais encontram ali um refúgio onde se sentem à vontade, quase como se fosse seu lar. O uso aqui da expressão “enunciado discursivo” faz menção ao uso da conjugação verbal no tempo presente, como já apresentado anteriormente. Daniele se põe como sujeito da saudade, como sua narrativa dizia respeito a sua relação com um outro, ela se mostra um “eu” ao final do seu enunciado.

Essa imagem do arbusto de jasmim se entrelaça de maneira simbólica à figura de Dona Alba, transformando-se em uma metáfora visual e sensorial para sua personalidade. Mesmo após sua partida, o jasmim permanece como um emblema da presença da idosa, ressignificado como um símbolo vivo de sua memória para a família. Essa associação é especialmente significativa para os familiares, que dedicaram anos de cuidado e afeto à saúde e ao bem-estar de Dona Alba. Ao longo desse período, a prática da jardinagem não apenas funcionou como uma ferramenta para melhorar sua qualidade de vida, mas também se consolidou como um elo afetivo e um legado emocional, que hoje continua a reforçar a conexão da família com a memória da idosa e com os ensinamentos vivenciados em torno do cultivo.

4.3 Raízes de Resiliência: A Jardinagem como Refúgio e Renovação no Residencial das Palmeiras - Por Daiane Aparecida de Souza Piske

Figura 14 - Mapa da Entrevista de Daiane



Fonte: A autora (2025)

A emocionante história de Dona Alba nos apresentou sua relação com o Residencial das Palmeiras e o protagonismo deste espaço na sua vivência durante a pandemia.

O Residencial das Palmeiras é uma instituição de longa permanência voltada ao atendimento da pessoa idosa, localizada na cidade de Joinville-SC. Foi fundado e é administrado por Daiane, que nos concedeu a entrevista que será aqui interpretada.

Durante o período em que Dona Alba esteve acolhida na instituição, o espaço apresentava mais possibilidades de atendimento, fato que motivou a mudança da idosa para o local. A nova condição de atendimento do local foi impulsionada, em grande parte, por alterações legislativas, especialmente no que se refere à atuação dos profissionais técnicos em enfermagem. A situação levou a uma reconfiguração dos serviços oferecidos no residencial, que atualmente direciona suas atividades exclusivamente ao modelo de atendimento chamado *home care* - comumente entendido como assistência de saúde diretamente na residência do

paciente, mas neste caso, se entende como assistência de cuidados básicos ao idoso no espaço da instituição.

O estabelecimento iniciou seus trabalhos poucos meses antes do decreto das restrições sanitárias, decorrente da pandemia da Covid-19, o que representou um grande desafio. Em seus primeiros meses, a instituição contava com um baixo contingente de idosos sob seus cuidados e o contexto pandêmico, trouxe complexidades operacionais e exigiu adaptações constantes por parte da equipe, que precisou equilibrar a ampliação de cuidados com a gestão dos riscos sanitários.

Depois de 5 meses veio a pandemia, então eu só tinha quatro idosos e não podia entrar idosos, não podia entrar e daí quando foi começado a liberar foi muito difícil ter a casa cheia por causa da restrição, que não podia família entrar aqui, o idoso não podia sair para passear né e daí nesse ponto a horta ela foi importante, naquele momento né, para equipe também e para a nutricionista, que também hoje não se encontra, todo aquele pessoal que utilizou não se encontra mais ou morreu, os idosos alguns morreram e alguns encerramos contrato e eles estão numa clínica geriátrica (Piske; Grigorio, Joinville, 2024).

Percebe-se na narrativa inicial de Daiane, a atmosfera que se apresentou para os serviços de saúde. A população em geral recebeu o “Não saia de casa!”, mas quem administrava serviços de acolhimento como o Residencial das Palmeiras, se viu obrigado a não sair, não deixar entrar e administrar essas negativas que vinham como orientações das autoridades de saúde.

Daiane explicita em sua fala que nessa circunstância restritiva, imposta pelas condições sanitárias da pandemia, surgiu a aplicação da prática de plantio. Ela reconhece o papel crucial da prática de horticultura entre os moradores e colaboradores da instituição. A prática atenuou de alguma forma, os efeitos do isolamento social, ao proporcionar momentos de interação e conexão com a natureza, especialmente em um cenário onde as opções de atividades externas eram inexistentes.

Embora alguns residentes fossem provenientes de contextos urbanos, com pouca ou nenhuma experiência prévia com cultivo de plantas ou contato significativo com vegetação, a equipe da instituição considerou importante fomentar a participação dos internos nas práticas de plantio. Mesmo entre os desinteressados, a inserção nas atividades hortícolas foi tratada como uma ferramenta para estimular a cognição, exercitar a memória e promover a interação social:

E eu também tive muitos idosos aqui que são totalmente da cidade, então eles não gostam de pôr a mão na terra não, eles não gostam, quem é da

cidade não gosta e eu só tive mesmo três idosas que gostavam de pôr a mão na terra, mas aí a gente fazia a questão de pôr a mão na terra e de plantar, a gente fazia eles cheirarem. A memória afetiva, o que o aroma trazia de lembrança para eles né e simplesmente isso, ir lá só para colher. A nutricionista tirava lá a cebolinha verde, salsinha, o chuchu, o que tinha plantado, arrancava e dava para eles, mas depois eles começaram... porque eles não gostavam muito disso... só a dona Alba e a Terezinha que gostava e a Vini, que gostavam de plantar e de tirar, aí tirava os matinhos. porque sempre vem matinho, né tirar os matinhos. Mas aí depois o que a gente fazia, era fazer elas cheirarem o chá, cheirar o chá de hortelã né, o abacaxizinho ali, o que fazia eles lembrar... então a gente fazia eles cheirarem e lembrar que aquilo era um chá, porque elas não sabiam mais o que era, nesse sentido assim, mas foi utilizado bem pouco até porque esses idosos começaram a ficar limitados e daí os que entravam não gostavam de ter acesso (Piske; Grigorio, Joinville, 2024).

A narração consegue expôr a indiferença de parte do grupo com a prática, destacando que segundo o entendimento da entrevistada, os que viveram em um contexto citadino não desfrutavam do processo de forma afetiva. Todavia a equipe adotou a prática como ferramenta didática para exercício da cognição e memória, o que se mostrou efetivo, por ser uma ferramenta de fácil aplicação e proporcionalmente de fácil entendimento. A opção por adotar uma ferramenta com adesão parcial, não impediu as atividades de estímulos por meios dos sentidos. Daiane narra a escolha de se utilizar da horta para estimular o sentido do tato - repetindo a fala “pôr a mão na terra”, como quem diz “o processo foi feito para valer” - estimulando com a colheita das ervas e vegetais, a motricidade; e o sentido do olfato, convidando-os a acessar os aromas das plantas, estimulando o resgate da lembrança do cheiro correspondente.

As residentes que demonstraram interesse e uma conexão afetiva pela prática da horticultura, vivenciaram uma experiência que transcendeu o caráter puramente didático da proposta. Para estas internas, o envolvimento com o cultivo das plantas não apenas promoveu engajamento prático, mas consolidou uma oportunidade significativa de entretenimento, funcionando como uma forma de lazer em um ambiente de restrições. Além disso, a atividade serviu como um importante motivador de interação social e foi percebida como um mecanismo de desconexão do cenário de angústia coletiva gerado pela crise sanitária. Ao lidarem ativamente com os processos de cuidado e cultivo, as idosas e a equipe que as acompanhavam, encontraram um refúgio emocional, um espaço-tempo que lhes permitia redirecionar o foco de atenção.

Infelizmente, devido às alterações legais citadas pela gestora, o espaço precisou readequar seu escopo de atendimento e com isso, passou a ser mais difícil manter o espaço de horta:

Então hoje se tornou mais uma horta que tá totalmente assim... que a gente não tá conseguindo manter porque a gente quer, nós mesmos manter para consumo nosso, tudo orgânico entende. Só que conforme a nossa falta de mão de obra, a gente não tá conseguindo manter a horta como a gente gostaria né e até mesmo de levar eles até lá também, porque quando a gente oferece eles não querem, esse meu público que tá aqui eles são mais debilitados no Alzheimer, no Parkinson, então eles gostam mais de ficar mais... dificilmente tu consegue tirar... eu só tenho três... deixa eu ver... é somente duas que gostam de andar, o resto pode andar que a gente chama deambulante, que eles deambulam, mas só param para olhar, só gostam de ficar sentados curtindo a natureza embaixo das palmeiras, *Assim menos ativos*, isso eles gostam de ficar olhando, mas hoje de pôr a mão esse público não se interessa.. não se interessa mesmo e também talvez por falta também dessa mão de obra que eu tô tendo muito grande, eu tô tendo falta de mão de obra para poder se dedicar a horta e deixar a horta mais apresentável e tem gente para plantar tudo mais e também mão de obra de cuidadores também (Piske; Grigorio, Joinville, 2024).

Daiane se utiliza do recurso da repetição para fixar o fato de que uma equipe engajada fez toda a diferença no cenário pandêmico e atribui o insucesso da manutenção da horta, pela ausência de equipe engajada no trabalho no Residencial como um todo. A entrevistada discursa no plural, mostrando que mesmo que seja a fundadora e gestora do espaço, entende a identidade do Residencial como algo coletivo, um espaço para promoção de qualidade de vida construído a várias mãos, como se dissesse, 'Este é um espaço para se construir coletivamente. Só falta o coletivo chegar'. Sua confiança na efetividade do trabalho em grupo é grande ao ponto de entender que o desinteresse dos residentes seria vencido se houvesse equipe para administrar esse momento.

Daiane relata que mesmo entre os mais debilitados, os residentes optam por se colocarem sob as palmeiras plantadas no espaço e desfrutarem de momentos de contemplação. Todavia a experiência da pandemia foi marcante o suficiente, para que Daiane entendesse que coubesse graduar a experiência contemplativa para a vivência sensorial:

Eu tô muito frustrada, porque eu não posso hoje dar sequência no trabalho da horta, porque eu não tenho mão de obra para poder fazer a horta ou alguém que se dedique a fazer um trabalho com esses meus idosos, porque hoje eu tenho que pensar no que é mais o que é mais principal, que é medicação, a boa higiene deles, eles estarem bem limpos, hidratados e tudo mais e aí o caso a horta fica como algo extra e ao mesmo tempo é frustrante para nós entendeu, abandonado ali (Piske; Grigorio, Joinville, 2024).

A interlocutora se permite transparecer a frustração que sente em relação às limitações organizacionais que enfrenta e que a impedem de dar continuidade com a aplicação dos trabalhos hortícolas. No discurso, evidencia-se uma tensão entre o reconhecimento do valor terapêutico e social da horta para os idosos e as necessidades básicas de cuidado, que serão sempre priorizadas.

A escolha de termos como “algo extra” e “abandonado ali”, revela não apenas a colocação da horta como algo secundário, mas também o sentimento de aflição associada ao abandono involuntário das atividades que se mostraram efetivas num passado muito recente, proporcionando significativo bem-estar aos residentes.

São lembranças boas né, só que é claro que a gente gostaria de continuar e dar sequência a certas ações e também me fez lembrar desses idosos também que... a morte... e a gente tá acostumada tem que lidar com isso, mas é que foi muita coisa ao mesmo tempo, entende?. Foi uma fase linda, que vai ficar no coração de cada um que viu aqueles momentos. Mas é claro que falar isso para você veio tudo na minha mente (Piske; Grigorio, Joinville, 2024).

Um discurso demonstra um tom de nostalgia e uma carga alta de emoções, as palavras da gestora são carregadas de saudade e um pesar, tanto pelas ausências dos residentes falecidos, como pela descontinuidade do trabalho que proporcionou tanto afeto entre a equipe e os internos.

Interessante o fato de a interlocutora apresentar o fato passado de forma positiva por meio de um discurso, com termos no futuro perfeito “é claro que a gente gostaria de continuar e dar sequência”, o que leva a entender uma nostalgia de algo que não aconteceu, na ocasião a sequência da produção da horta.

As narrativas de Daiane criaram uma paisagem do Residencial em movimento. A condição do presente já havia alterado a paisagem a partir da sua localização como observadora, mas ela a trouxe como um elo perdido que evidenciava uma frustração. Sua experiência no tempo presente, portanto o discurso de gestora, vivendo os desafios de ausências de mão de obra por exemplo, também foi alterado pela sua compreensão sobre aquele passado vivido na época de Dona Alba como interna. Os autores Santos (2021) e Besse (2014) escrevem sobre essa mudança de percepção da paisagem a partir da experiência de localização do observador. Daiane faz uma síntese do que viveu e do que aprendeu naquela experiência e ao mesmo tempo faz ver um movimento de mudança na paisagem do

residencial. Besse (2014, P 241) diz que “a síntese e o movimento, fazem parte, ambas, da nossa relação com a paisagem”.

Quando Daiane se coloca no presente a partir da identidade de gestora de um empreendimento, ao mesmo tempo o faz destacando o que compreende como um ideal – trabalhar com os idosos a prática do cultivo. Mesmo que a partir das preferências dos internos, ou seja, aqueles que preferem contemplar, ou as atividades de experimentação dos cheiros e sabores dos vegetais colhidos. Ela destaca uma valoração na paisagem interna construída no período da pandemia.

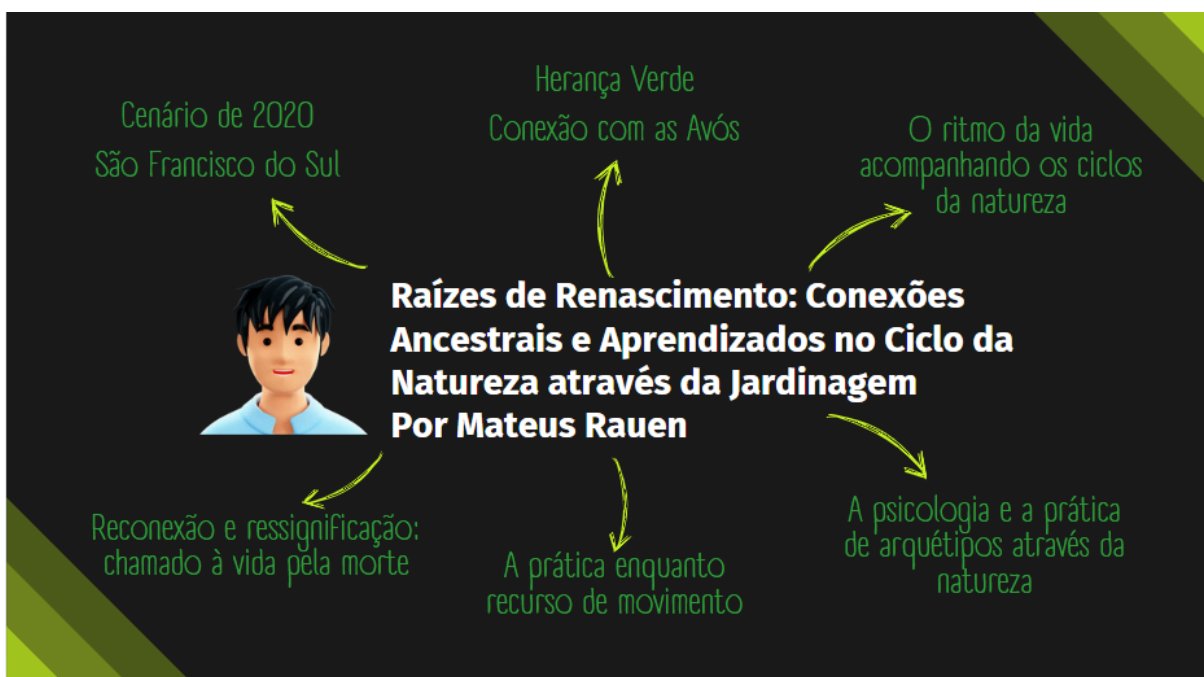
Daiane se permite vulnerabilizar durante a conversa e reafirma a saturação de situações que viveu, o que foi possível notar ao longo de toda a sua fala ao longo da entrevista, ressalta que a sua condição de profissional de atendimento ao idoso, a prepara para lidar com as questões em torno da morte, todavia isso não a imune de sentir o luto pelas ausências e processos descontinuados.

Ao mesmo tempo, a fala “vai ficar no coração de cada um” sugere que a vivência transcendeu o âmbito individual, mostrando que a gestora pode perceber como isso afetou a convivência do grupo envolvido positivamente. Porém, a menção de “veio tudo na minha mente”, sugere um revirar de memórias, que ao serem acessadas, trazem sentimentos de alegria, mas também de melancolia e frustração.

Ao utilizar da repetição “Foi uma fase linda, uma fase linda”, na construção da fala, reflete um movimento da entrevistada para frisar a importância e beleza do período recordado, evidenciando um apego emocional às memórias associadas à prática da horticultura na instituição.

4.4 Raízes de Renascimento: Conexões Ancestrais e Aprendizados no Ciclo da Natureza através da Jardinagem - Por Mateus Rauen

Figura 15 - Mapa da Entrevista de Mateus



Fonte: A autora (2025)

O engenheiro civil e psicólogo Mateus, teve uma experiência mais intimista. A pandemia se apresentou como cenário de uma fase da vida já bastante conturbada. Recém havia findado seu casamento e se percebia em crise com a sua então profissão - engenharia civil, trabalhava para uma multinacional responsável por desastres ambientais que custaram a vida de ecossistemas inteiros, o que tocava diretamente em questões morais e em consequência desencadeou a crise. No panorama incerto de 2020, Mateus decide deixar a cidade de São Bento do Sul e rumar para o litoral catarinense para a cidade de São Francisco do Sul, deixando um ambiente que considerava rígido e que cumpria um estereótipo catarinense que não o agradava, para uma região litorânea, com a expectativa de encontrar diversidade etnocultural. Este enquadramento, levou-o a cumprir as medidas sanitárias de isolamento sozinho, como uma forma de segurança sanitária, mas também como forma de cultivar um espaço-tempo para se refazer:

Começou lá, eu ainda no início da pandemia, eu *tava* em São Bento do Sul, em 2020, né? E daí, no que deu a pandemia, eu vim pra cá. Mas todo o processo foi sozinho, foi solitário e tal, porque até, tipo, não tinha o que

fazer, né? Era um momento que a gente nem sabia o que ia acontecer, o que ia, né? Mas até por segurança, eu decidi também ficar sozinho. [...] Eu parei de protelar coisa na minha vida, sabe? De repente, “ah, pô, ai, vou morar na praia depois que me aposentar”, sabe essa história de tiozão? Eu falei, “cara, bicho... Vai saber, né? Eu tô morrendo, cara, vai agora! Né?” Então, interessante, né? Foi uma oportunidade de renascimento, assim, muito forte (Rauen; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Chama a atenção o fato de que Mateus exercita um diálogo consigo mesmo, seus lampejos e decisões sucedem conversas de si para si, mostrando que ainda que ele se sentisse aflito quando aos próximos passos de sua jornada e executava mudanças buscando novos horizontes, sempre esteve em sua própria companhia, mesmo que pudesse não perceber. Compreendemos nas narrativas de Mateus um processo de reflexividade intensa e a ciência da brevidade da vida muito latente, que funcionou como combustível para as decisões que sucederam as reflexões supracitadas.

Assim como Ruth, Mateus também relata a presenças das práticas de plantio em sua família:

O processo de jardinagem pra mim é ancestral, né? As minhas avós faziam. Então, eu via muito elas fazerem. Eram duas diferentes. A vó, por parte de mãe, ela era mais florista, sabe de mexer com flor. E a vó, por parte de mãe, ela era mais tipo de horticultura, de plantar comida atrás de casa. Então, eu tive contato com as duas. Os meus pais, zero pra planta. Então, pulou uma geração. Os meus irmãos não gostam. Então, eu fui o único que acabei pegando para fazer. Tive planta tem anos, bem antes da pandemia, em *apê* mesmo, tinha uma floresta dentro do apartamento, bastante planta em vaso e tal, sempre estava fazendo. Então, foi assim, eu comecei a me aproximar da jardinagem forte lá para 2013, 2014, alguns anos antes da pandemia já. Sim, sim. Devagar (Rauen; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Enquanto neto, viu suas avós intimamente conectadas às práticas de jardinagem e horticultura. Surgiu uma inferência interessante na narrativa de Mateus, ele cita ambas as avós como maternas. Um ato falho identificado, talvez nunca saibamos por que ele acabou dizendo que as duas avós eram “por parte de mãe”. Uma mais florista e outra mais da horticultura, mas ambas com sentidos maternos? Ou seria o pai que se confundiu com traços maternos? Não temos como saber, mas nesse relato, emerge um primeiro ponto de análise discursiva: Mateus faz referência à sua família de origem, que diferentemente de suas avós, não demonstram interesse pela prática da jardinagem ou pelo cultivo de plantas. Tal circunstância parece ter despertado nele um senso de responsabilidade, ou mesmo uma espécie

de missão pessoal, de perpetuar essa prática, que ele próprio categoriza como "ancestral".

Mateus conseguiu preservar esse hábito ao longo do tempo, adaptando-o às limitações de espaço. Ele desenvolveu o que chama de “florestas” em ambientes fechados, uma demonstração de resiliência e criatividade no cultivo em contextos urbanos restritos. Algo interessante no tempo verbal do seu enunciado chama atenção, ele diz: “Tive planta tem anos”. Como já demonstrado em outras interpretações, essa pesquisa não reconhece esses supostos lapsos de conjugação como erros. Ele mistura a experiência com plantas, a qual ele compreende ter origem em sua ancestralidade, portanto, o tempo passado, com o “eu” Mateus que se enuncia como experiente amante de plantas.

Desenvolvendo essa habilidade bons anos antes da pandemia, Mateus já se dava conta dos benefícios para o bem-estar quando morou em apartamentos anos antes de 2020 e quando a Covid-19 bateu à porta, foi a prática que lhe ofereceu a mão, oportunizando-o perceber novamente a experiência de reorganizar-se a partir dela:

Nossa, são vários processos, eu acho. o primeiro processo que eu achei interessante que isso foi a jardinagem de quintal que me auxiliou que assim, é dentro do apartamento dá para fazer a mesma coisa só que quando a gente *tá* com uma conexão com a terra é em si né, ela é fica um pouco diferente. Assim uma das coisas que me ajudou é claro, é o aterrar né, eu *tá* no presente, que eu acho que foi uma das primeiras coisas assim que várias pessoas da jardinagem falam, né? Então, sai a ansiedade, sai a coisa, é pé no chão, é sentir a textura das folhas, é pegar, sentir os cheiros, né? É voltar pro mundo físico. Porque *tava* todo mundo no mundo aéreo. “Ai, meu Deus, vou morrer. Ai, meu Deus, o que vai acontecer e tal”. E essa coisa do medo da morte, a morte batendo, o contato das pessoas com a morte... Acho que, para mim, uma das coisas mais importantes da jardinagem foi o contato com o símbolo, de passar ali perto do Solstício do Inverno e ver a morte acontecendo, ver os galhos secando, ver essa coisa, fazer um ritualzinho de morte, atravessar a morte e ver a planta rebrotando ali na primavera e tal, depois de determinados cuidados. Eu acho que o contato com a morte através da planta, para mim, na pandemia, foi a coisa mais curadora, acima da questão do estar no presente só. [...] O meu irmão quase morreu de Covid, né? Foi ali bem pertinho do solstício de inverno, foi muito doido isso, né? Ele ficou... *tá* tudo bem, *tá* tudo certo, não ficou nenhuma sequela nada, mas passou assim na trave, sabe? E coisa, então assim, *tava* todo mundo assim, e eu lembro de estar exatamente nesse período, sabe? Que é o período que a gente faz poda, né? Das plantas e tal (Rauen; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Nesta fala, Mateus costura discurso e narrativa de forma espontânea, ao começar a falar sobre a contribuição da jardinagem na questão de bem-estar, inicia com um dizer discursivo “Nossa, são vários processos”, como se assumisse que estes processos ainda acontecem, mesmo declarado o fim da pandemia. Segue com

uma breve narrativa sobre como cultivar em apartamento e torna a discursar compartilhando que cultivar em um quintal lhe proporciona o contato mais imersivo com a terra, bem como atribuindo o bem-estar também a prática de aterramento, no sentido de fixar-se no momento presente. Ele cita a prática no passado, mas anuncia o benefício no presente, tornando a confirmar a continuidade da experiência no presente.

A estabilidade que a experiência de aterramento trouxe foi muito importante para ele, uma vez que havia um sentimento de pânico coletivo, experienciar o contato com os processos da natureza, fez com que Mateus enxergasse a morte como parte da vida e é nesse tema que torna a discursar. Narrar os processos da natureza lhe coloca no momento presente. Mesmo que não toque na terra, falar sobre ela, lhe faz aterrar novamente. Isso foi crucial para enfrentar o período em que seu irmão contraiu o vírus, entendendo que tudo faz parte do ciclo da natureza e que a vida, mesmo em suas perdas, carrega a possibilidade de transformação e continuidade.

Mateus cursava Psicologia quando se deu o período pandêmico, o que lhe permitiu galgar reflexões acerca de sua prática e relacioná-las com seus estudos:

Eu *tava* numa conexão muito grande, assim, estudando psicologia, né? *Tava* no meio do curso de psicologia, então *tava* estudando mitologia. E eu vi um ritual que os latinos antigos faziam, a deusa puta. Porque Puta é o nome de uma deusa. É uma deusa latina. E é a deusa que presidia a poda. Puta vem de poda, né? Então, é a deusa que eles reverenciavam nessa época, que era uma deusa relacionada à morte que, na verdade, ela dava o renascimento também, né? Porque os mistérios das plantas eram todos do feminino antigo, né? Eram as mulheres que detinham o ciclo de morte e renascimento. Então, foi um contato muito maior com algo meio ancestral, mas assim, ancestral se perde de vista, assim, ancestral que, sei lá, provavelmente, há seis mil anos atrás, tinha gente fazendo a mesma coisa, né? Então, foi se conectar com uma esfera humana diferente, com um coletivo maior. E aí, parece que o peso de uma pandemia ficou tão pequenininho, que você vê assim, cara, essas plantas estão aqui fazendo esse ciclo já tem 5, 6 mil anos, e eu preocupado com isso. Então, foi assim, foi bem curativo, assim, entender esse processo, que tem recomeços e tal, pra mim foi uma das coisas mais legais (Rauen; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Mateus é entusiasta de estudos de mitologia, semântica e semiótica. É possível notá-lo uma vez que se coloca em discurso quando se põe a explicar sobre a deusa Puta, assumindo uma postura pedagógica própria de um professor. Sua compreensão sobre a experiência narrada mostra uma memória articulada com seus saberes. Trata-se de um sujeito de enunciação que se apresenta em reflexão,

portanto, a paisagem interna que ele faz ver é também o movimento da sua busca por equilíbrio.

Compreendemos que a paisagem interna que ele nos apresentou, foi entregue a partir das reflexões da Psicologia. Mateus se mostrou na sua relação sujeito-ambiente, assim como Cabral *et al* (2022) já havia nos alertado, ou seja, como o meio natural ou construído forja os humanos e suas relações. Compreendemos as narrativas de Mateus, também em relação às orientações de Santos (2021), quando diz sobre a dimensão da percepção da paisagem em relação aos sentidos aguçados. Mateus relata as suas observações nas paisagens que constroi e como elas lhes mostravam explicações sobre o contexto de morte e renascimento da vida.

Ele narrou a sua interação com a paisagem e sua experiência imaterial que foi sendo construída desde a significação “ancestral”, até as conexões que foi criando com seus critérios essenciais. Mateus fez surgir em sua narrativa uma imaterialidade transcendente, que não estava nem nas plantas em si mesmas, nem na cultura do cultivo, mas em uma imersão profunda na significação da sua vida a partir daquela paisagem. Seu bem-estar de equilíbrio foi criado no reconhecimento de algo etéreo como um micro espaço que o ensinava sobre os sentidos mais amplos da vida.

Nota-se também o retorno do termo ancestral, aqui numa condição diferenciada, citando movimentos de milênios, o psicólogo ainda se coloca de forma muito íntima retomando a ideia de ser parte de um movimento natural milenar e que como parte dele, lhe cabe mantê-lo. Perceber a ciclicidade das plantas, também trouxe serenidade, uma vez que esse foi, é e nos dá a entender que seguirá acontecendo.

Apesar da persistência e entrega, Mateus se deparou com dificuldades, pois solo de sua residência não estava em condições de cultivo, o que o levou a buscar maneiras para recuperar a terra:

A terra aqui era horrível. Era a terra de aterramento, sabe? Então, ela é terra arada. Então, assim, botava as plantas e ficava tudo amarelo. Sim. Não tinha nitrogênio e tal. Então, eu fiz aqui uma coisa de maluco. Eu adoro uma tecnologia, né? Então, comprei um triturador daquele de resíduo, numa *black friday* né e fiz uma compostagem massa e o pessoal aqui tem barraquinha de caldo de cana né, então eu pegava sacos e sacos de caldo de cana e fazia moído. O meu jardim ficou lindo, porque eu fiz uma forragem de caldo de cana. Moída assim. E esse foi o trabalho legal. Acho que foi esse um dos trabalhos mais legais, de ver o solo ganhando vida, sabe? O

solo era completamente assim, inerte, não dava nada. E aí, com o tempo desde 2020, nesse tempo de três, quatro anos, agora *tá* uma floresta que traz as plantas pegando. Então, foi esse o desafio (Rauen; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Na fala, Mateus inicia narrando sobre as condições da terra, informando que era um espaço de descarte de material para aterro, traz um discurso onde dá um breve salto para o presente, citando como a terra se encontra hoje e torna a narrar como ela estava quando iniciou o processo de plantio. A dificuldade desencadeou um processo agradável, onde Mateus explorou seu gosto por tecnologia e adquiriu uma máquina para triturar, recolheu o bagaço de caldo de cana dos vendedores da região e cobriu o solo com esse material orgânico, o que junto com a administração de mais resíduos orgânicos, permitiu o crescimento de uma vasta vegetação.

Quando surge o discurso “Eu adoro uma tecnologia, né?”, percebemos uma faceta de Mateus pouco evidente, o rapaz com grandes apreços pela ancestralidade, apresenta gosto por tecnologia e ainda o usa para fomentar a prática de antepassados. Talvez esta seja uma boa aplicação da frase de Ailton Krenak (2022) “O futuro é ancestral”, ou ainda do que nos ensina o ideograma Sankofa, um pássaro com bico voltado para trás, que nos convida a olhar e aprender do passado para construir o futuro. Na ausência de um ancestral presente, Mateus buscou esse conexão de outras formas:

E assim, como não tem mais vó, né? Pra falar o que tu tem que fazer e tal, eu fazia, assim, algumas coisas de pesquisar e algumas coisas, como eu pratico imaginação ativa, né, por causa da psicologia, eu ia perguntar pra planta, eu perguntava pra planta, “e aí, cara, o que você precisa?” E às vezes eu respondia, né? Então, eu tinha uma determinada conversa com a planta. Então, existia essa coisa e funciona muito bem. Mas existe o sentir também, né? Tem o sentir, assim, de você falar, “cara, eu acho que essa planta precisa de uma poda ou de alguma coisa”. Tem uma sensibilidade que vem nessa prática que não dá pra explicar, né? Tu tem que ter um envolvimento com o que tu *tá* mexendo, faz todo sentido. E aí eu produzia bastante chorume, né, por causa da composteira e tal, e daí dava banho de chorume nas plantas e tudo mais. E eu tenho bastante amigo da biologia. Então, como eu tenho alguns amigos biólogos e tal, eu ia lá perguntar. O pessoal de agrofloresta (Rauen; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Vemos aqui outro jogo de tempo, onde Mateus justifica ações do passado no tempo presente. Apresenta o fato de não ter mais avó para orientá-lo no momento presente “E assim, como não tem mais vó, né? Pra falar o que tu tem que fazer e tal” e explica a ação no pretérito “eu fazia, assim, algumas coisas de pesquisar e algumas coisas”. Mais uma vez a conexão dos que o antecederam toma

protagonismo na fala e de forma discursiva, o que nos coloca o quanto o passado participa do seu presente, quase como algo identitário.

Outro escape de tempo surge quando Mateus fala de uma relação direta com as plantas, no qual surge diálogo e afeto. Acontece o discurso se colocando na condição de praticante da Psicologia “[...] como eu pratico imaginação ativa, né, por causa da Psicologia” e narração da prática já ambientada no passado “[...] eu perguntava pra planta, “e aí, cara, o que você precisa?”.

Nesse trecho, o entrevistado deixa claro como também a prática foi catalisadora de relações sociais, ainda que de forma sutil. Amizades foram acionadas para orientação técnica sobre o processo da compostagem, mostrando aqui o zelo de Mateus em fazer as coisas de maneiras assertivas e de como já agregava em seus círculos pessoas com princípios semelhantes aos seus.

Mateus salienta o exercício da sensibilidade, defendendo a ideia de que a prática da jardinagem não é algo pragmático, pois a natureza não é. A narração abre uma possibilidade de interpretação onde capta-se que a relação de Mateus com suas plantas é uma espelho da relação dele consigo mesmo. Abrir um diálogo com a planta, responder e se permitir ler a necessidade através da conexão com ela, sugere um estado de profunda sintonia interna.

Quando questionado sobre a continuidade do *hobby* após a pandemia, Mateus apresenta a prática como já sendo algo anímico, algo que já fazia, que o faz muito bem e que tem um lugar terapêutico na sua rotina. Também compartilha sobre como as fases da vida de uma planta lhe proporcionam reflexões marcantes para sua vivência. Mesmo ele narrando o quanto observa as plantas, o quanto pesquisa sobre o cultivo da terra e ainda o quanto está em conexão com esse fazer, diz sobre algo que passa pela sua sensibilidade e não é explicável.

No trecho apresentado a seguir Mateus apresenta sobre como lidar com plantas foi uma grande metáfora com o ciclo da vida:

Mas é legal ver o ciclo das plantas, sabe? Eu acho que é legal ver depois de quatro anos, uma planta que *tava* lá mirradinha *tá* gigante, *tá* ali se transformando e sempre *tá* diferente. Eu vejo que é uma coisa que a cada mexida que eu dou é um negócio, vira uma coisa diferente. Então vem a permanência da coisa. A natureza ensina muito esse trabalho pra gente também. Nada é fixo. E, assim, como que afeta pra cima o ambiente. Esse ambiente que tem planta é, tipo, é outro, pra mim, é outra coisa, sabe? Sem dúvida. Fica um ambiente vivo, né? Então, nesse sentido, eu acho que pra mim foi importante, porque, assim, eu sentia essa vida, a manutenção da vida no lugar, assim, sabe? O lugar tomando vida mesmo, assim. Sim. Bem forte, assim, essa sensação. Nossa, que legal. E eu não sei se tem, assim,

algun caso, tipo, marcante, assim, nesse sentido, Mas tem, assim, eu acho que tem um ápice aí que foi essa, tipo, pra mim, foi isso de ter vindo pra uma terra de verdade, assim, tipo, terra terr!. Sim. Não é em vaso, só. E sentir esse, essa morte, esse ciclo morte-renascimento, *pra* mim, foi a coisa mais marcante, assim (Rauen; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Nesta colocação quase completamente discursiva, Mateus traz no presente o que experienciou no passado. Por mais que se referencie a experiência vivida no seu processo de plantio do jardim ao longo do período de isolamento, o faz como quem ainda vivencia. Também coloca o protagonismo das plantas no que toca o estado de ânimo de um espaço, atribuindo à planta uma função no lar, mais do que embelezar ou entreter, uma mantenedora de vida do local.

No que toca ao contato direto com a matéria vegetal, fez muita diferença para Mateus trabalhar a terra diretamente em um quintal, para ele, tocar diretamente o solo em um espaço com potencial de vegetação significativa, é que fez sentido em sua prática.

O ciclo da vida-morte-renascimento foi um tema muito presente na fala do jovem, a assimilação do assunto foi um dos principais ganhos que relata tê-lo marcado e que o ajudou a enfrentar as questões acerca do que a pandemia apresentou:

Eu lembro muito daquela coisa do Nego Bispo, né, que ele fala que a terra dá, a terra pede, a terra quer. Eu me sinto muito alimentando a terra também. Não é só ela que alimenta a gente. Nesse processo da compostagem, eu me sinto dando de volta. Tipo, *tá* aí, vamos botar a coisa pra acontecer aqui, vamos fazer essa terra com vida, deixar ela fértil. É quase uma devolução, né? Dando um obrigado pra terra. [...] Fala, cara, quase não joga mais lixo na lixeira, sabe? Pô, *tá* tudo aqui. São só alguns descartes, algumas coisas básicas que vão tudo volta pra terra, tudo de comida e tal. E aí tinha uma coisa muito de alimentar a fauna aqui também, né? Você *tava* lá com os passarinhos, os passarinhos tinham o que comer, os gatos comem. Daí tem, aqui atrás tem mato, então vinha gambá, vinha outros bichos, sabe? Que delícia. Foi bem massa, assim. Ah, que legal. Foram quatro anos que eu fiquei aqui, de tipo, sozinho, né? Praticamente sem ver ninguém no período da pandemia, né? Mas, assim, eu não me sentia muito sozinho porque eu via isso, sabe? Eu via essa vida, tipo, cercada, assim, né? Sim. Cara, que experiência (Rauen; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Mateus enuncia em vários momentos da entrevista, as conexões que faz com seu capital cultural, além do Nego Bispo, as mitologias, os conhecimentos dos arquétipos na Psicologia. São saberes que ele vai acionando na narrativa e corroboram para a sua compreensão daquela experiência. Ele faz uma relação profundamente mística e simbólica com a natureza, mas de forma especial com o elemento terra e encontrou na prática da compostagem – compreendida como o

processo de transformação de resíduos orgânicos em solo rico em nutrientes – uma forma de fortalecer e materializar essa conexão. A prática ampliou os vínculos de Mateus com a natureza ao seu redor e tornou a conexão ainda mais significativa ao atrair a fauna local, que passou a integrar sua experiência cotidiana, oferecendo-lhe não apenas companhia, mas também um sentimento de acolhimento e interação durante os períodos de isolamento social.

Eu acho que uma das funções da pandemia foi chamar muita gente pra vida, sabe? É através da morte, assim, chamar pra vida. Meu Deus, eu vou escrever isso. Eu estava passando por um processo bem depressivo. Eu tinha terminado o meu casamento, tinha me separado, divorciado, estava com crise da profissão, da área de engenharia estava uma bosta. Que é uma merda generalizada, assim, por enquanto, pelo menos, assim, entrou crise de relacionamento, já aproveita, já bota tudo na placa, já bota tudo junto, assim, faz tudo junto, o mesmo poço, né, vai pro fundo do poço uma vez só. E foi, pra mim, foi um chamado. Pra vida, assim, para restabelecer as coisas e tal, sabe? (Rauen; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

O entrevistado expõe como vivenciou um profundo processo de reconexão e ressignificação durante a pandemia. Com o uso do recurso da contradição, descreve o momento pandêmico como um chamado à vida pela morte. Ele demonstra ser consciente das conexões de saberes que faz em sua narrativa. Isso se mostra mais claramente quando ele se mostra discursivamente no futuro e diz: “Meu Deus, eu vou escrever isso”, as reflexões não são palavras soltas ao vento, são passíveis de serem registradas em escrita. Ele que já vinha de outras crises pessoais, conseguiu retirar da pandemia, uma resposta ao contexto de incertezas e rupturas que a vida lhe apresentou, tudo isso mediado pela natureza.

Porque a gente voltou pra natureza. Teve um empurrão pra isso. Pra dizer, ‘olha pra mim, olha pra mim de novo, tô aqui. Nunca saí daqui.’ E é isso que é o mais legal, né? ‘Eu sempre estive aqui. Por séculos e séculos tô aqui, ciclando e tal.’ Ah, sim” (Rauen; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Mateus usa da prosopopeia – o que anteriormente nomeou como imaginação ativa – para mostrar a ação e presença da natureza no cotidiano. O locutor enuncia uma relação direta com a natureza, que o trata com um cuidado maternal, acolhendo seus desconfortos, quando se faz vulnerável e forte ao mesmo tempo.

Eu vi bastante justamente isso. O pessoal, de repente, ficando em casa e começando a se preocupar com a casa. A casa nunca foi foco pra muita gente. Eu adoro ficar em casa. Eu sou cancerianíssimo. Então, casa, é tudo a casa. A casa é tudo! O meu trabalho é em casa. Só que as pessoas não

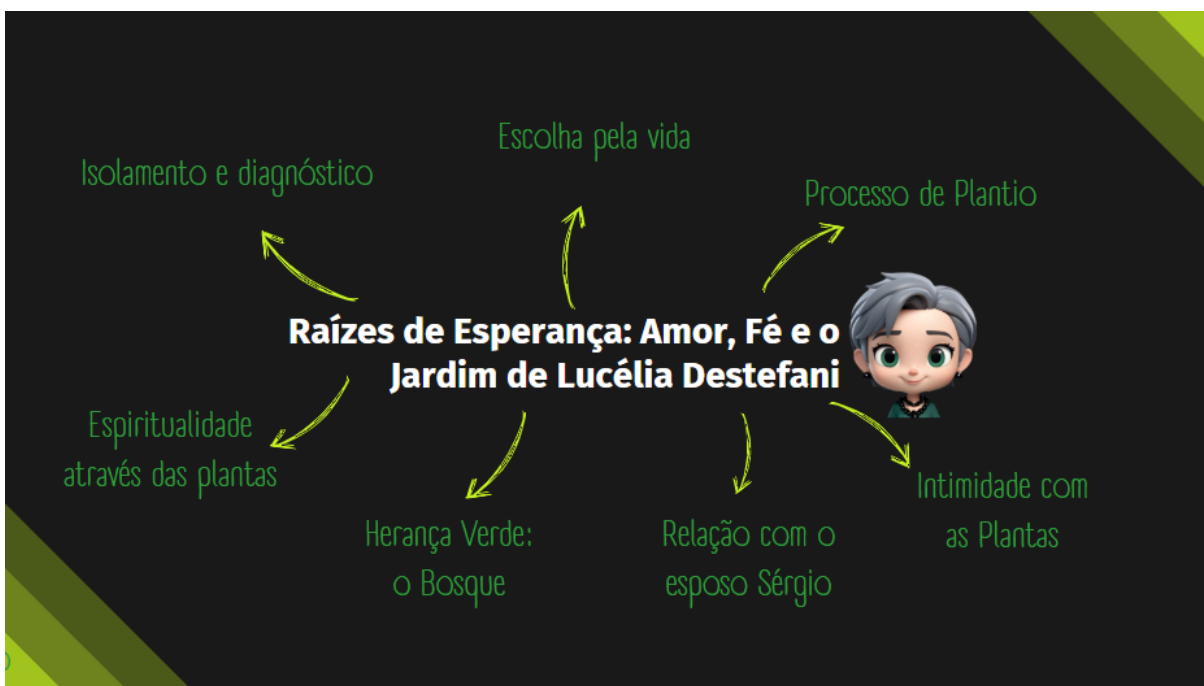
tinham esse negócio. Eu lembro assim, na época da pandemia, como tipo, coisinha de casa. Começou a vender um monte de tapete, luminária. Pessoal fazendo uns tricô pra colocar no tapete, umas coisas assim (Rauen; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

O entrevistado revela a sua relação íntima com o lar e com essa narrativa, traz novamente a sua sensibilidade à misticidade, uma vez que se mostra empático à temas de astrologia “Eu adoro ficar em casa. Eu sou cancerianíssimo”. Mateus notou o movimento coletivo na procura de tornar a casa um lugar mais aconchegante e acolhedor, o que viveu sob outra perspectiva, uma vez que já nutria uma relação de afeto com sua residência. Ele reforça e usa da repetição para mostrar seu apreço com o conforto de sua moradia “Então, casa, é tudo a casa. A casa é tudo”. A afeição pelo lar é tamanha que vivia a opção de trabalho em casa, antes disso ser demandado no período pandêmico.

A pandemia foi para esse canceriano, uma grande experiência de voltar para si, a primeira casa. Plantar, compostar, cultivar, tudo foi um caminho para perceber a beleza que existe nos caminhos tortuosos da vida, onde cada ciclo, por mais incerto, carrega em si a promessa de renovação.

4.5 Raízes de Esperança: Amor, Fé e o Jardim de Lucélia Destefani

Figura 16 - Mapa da Entrevista de Lucélia



Fonte: A autora (2025)

E é com a didática e pedagogia da professora Lucélia Destefani que encerramos esse ciclo de trocas. A mestre e professora/arte-educadora, se achegou nesse universo jardináceo por um caminho tão penoso quanto a própria pandemia. Já levava um ano do início das reclusões sanitárias que foram impostas à população, quando Lucélia recebeu o diagnóstico de câncer de mama. Na ocasião ela residia em Joinville e trabalhava lecionando na cidade vizinha de São Francisco do Sul, uma rotina corrida que estava recém-interrompida por uma licença que requisitou para execução do seu mestrado. Lucélia também estava preparando-se para se mudar para a cidade de seu trabalho, em suas palavras:

2020 foi o nosso ápice da pandemia né e aí fiz meu mestrado esse um ano na pandemia né e eu tinha assim como na pandemia a gente tinha que ficar em casa, o que a gente ia fazer né, não dava para sair não dava nada né e fui curtindo a minha casa nesse período no ano de 2021. Eu ia fazer o último ano de mestrado e eu estava pronta para ir morar em São Francisco do Sul. Eu já estava com a minha casa toda embalada, bonitinha, a minha sala era a caixa, do teto até o chão, a utilização era só para as coisas básicas do básico dentro de casa. E em abril... em março de 2021... saiu o meu diagnóstico de câncer de mama (Destefani; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

A narrativa é muito bem estruturada na temporalidade, a entrevistada costura os fatos com muita facilidade numa fala cronológica, com marcos temporais: "2020 foi o nosso ápice da pandemia", "no ano de 2021" e "em março de 2021". Marcos que organizam os eventos e estabelecem uma relação com o contexto coletivo - a pandemia - e o individual - o diagnóstico.

Iniciou a fala com tom otimista, apesar da referência ao isolamento pandêmico, Lucélia destaca a oportunidade que viu de desfrutar do seu próprio espaço, de maneira consciente e responsável, um resgate subjetivo do espaço doméstico como refúgio e espaço de identificação.

Quando traz o seu primeiro ano de mestrado, apresenta muita tranquilidade, mesmo com as limitações dos sistemas de ensino, fez o primeiro ano e se preparou para o segundo ano, uma vez que as circunstâncias lhe permitia estudar a distância, mudar para São Francisco do Sul era muito plausível e uma possibilidade que demonstrou empolgação e ansiedade que lhe pôs em movimento "[...] estava com a minha casa toda embalada, bonitinha, a minha sala era a caixa, do teto até o chão", aparentemente nada lhe demoveria da mudança, até que se apresentou esta doença.

A introdução do diagnóstico de câncer de mama representa uma ruptura narrativa e emocional. A descrição da ocasião "em março de 2021... saiu o meu diagnóstico" apresenta uma pausa perceptível, mostrando como isso impactou emocionalmente e a complexidade na abordagem do tema, ainda que Lucélia não se indisponha em nenhum momento.

Foi um baque muito grande... foi bem difícil... foi bem complicado... mas assim... eu sempre costumo dizer que... meu marido era meu alicerce de força também... e meu filho... os dois que moravam comigo... porque eu tinha uma filha que estava morando em Florianópolis. Bom... ela estudava na Universidade Federal. Então o que eu ia fazer... diagnosticada... eu não podia estudar porque... não entrava nada... porque com o processo de quimioterapia... a tua memória cai muito muito muito... Olha só... Você não tem mais aquele ânimo todo... e eu não queria me sentir doente... eu não me achava que eu ia ficar doente... eu sempre acreditei que eu ia ser uma pessoa curada... mas eu não queria passar por esse processo de uma forma de doente. Então algumas atitudes eu tomei na minha vida... eu e meu marido... para que isso não acontecesse. Uma das coisas que a gente fez foi assumir o tratamento... e dizer que esse tratamento seria assim... de uma forma leve... mais tranquila possível. A segunda foi comprar um sofá porque eu não queria ficar no quarto... porque quarto é coisa de doente e eu não queria me sentir doente... então eu queria um sofá na sala... e a outra coisa que eu fui fazer foi mexer no meu jardim. que eu acredito até hoje... que as plantas são... é uma troca de energia muito grande que tem você e as plantas. Sem dúvida. E eu... né se eu acreditar muito forte eu pensei

assim... elas que vão me ajudar a passar todo esse processo também (Destefani; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Nesta sequência, Lucélia se permite falar sobre o impacto do diagnóstico, o uso dos termos “difícil” e “complicado”, nos dão pistas de caráter desafiador que a situação impôs. A menção às dificuldades cognitivas, mostram a dimensão de fato dos efeitos do tratamento que envolveram várias etapas e interferiram na sua identidade de mestrandia.

A narrativa permite percepção do papel das relações familiares para Lucélia, com destaque para o esposo e filho que moravam com ela e a quem chamou de "alicerces de força". Essa colocação propõe uma rede de suporte emocional que sustenta sua resiliência. A menção à filha, que esteve distante fisicamente, traz uma condição específica, sugerindo um vínculo forte, ainda que mediado pela distância.

A fala sobre a dificuldade num todo é breve, entrevistada renuncia a condição passiva de doente e se põs desde o início como alguém em busca da cura, acreditando que não seria uma condição perene. Essas falas revelam resistência, a postura de "assumir o tratamento" de forma "leve" e "tranquila", reflete atitude otimista diante da situação adversa, resignificando a experiência de vulnerabilidade em uma postura de gestão sobre a própria situação.

Com o suporte familiar e a postura de controle sobre o que poderia ser controlado, Lucélia, de forma estratégica, simbólica e prática, se utilizou desse contexto como um processo pessoal e familiar, sendo a primeira decisão dar a mão para seu esposo e assumir o tratamento. A segunda decisão - compra de um sofá - nos traz o protagonismo do espaço interno nesse processo, o enunciado dá a entender que para a entrevistada o quarto serviria para espaço de repouso e nada mais, queria fugir da atmosfera de doença e entendeu que trazer um sofá para sua sala a levaria a se apropriar desse espaço como um descanso ativo, a atmosfera que Lucélia buscava era outra, o que a levou a terceira decisão “[...]a outra coisa que eu fui fazer foi mexer no meu jardim. que eu acredito até hoje... que as plantas são... é uma troca de energia muito grande que tem você e as plantas”. Lucélia, também viu nas plantas uma preciosa porção de vida, o jardim assume um papel terapêutico, mediando a relação entre a falante e a natureza. A fala sobre as plantas como "troca de energia" revela um discurso de conexão com o mundo natural, reforçando a resiliência emocional e espiritual. Sobre a mudança da casa para receber um jardim, ela fala:

Minha casa era toda de brita, o jardim na frente era brita, do lado era brita, tudo brita. Você trabalha o dia inteiro fora, não tem tempo de mexer em jardim, *taca-le* brita, né. Claro que tem aquele calor imenso, você não tem mais uma árvore na frente, nada, E pensando nisso, a gente tomou por decisão... eu, né... tomei por decisão de chamar um jardineiro um dia lá em casa. Ele chegou bem no momento em que eu não estava em casa. e ele chegou no momento em que meu marido estava em casa. Ele “ah... então tá, dona Lucélia... o que que a senhora quer?” eu disse assim “eu quero que você dê vida na minha casa! Eu quero que você mostre... que me ajude a fazer isso aqui mais bonito, mais aconchegante. Eu quero plantinhas para eu mexer, eu quero plantinhas que conversem comigo, eu quero falar com as plantas, eu quero trocar energia com as plantas.” Daí a gente começou a pensar como fazer o jardim. Meu espaço não permitia fazer alguma coisa muito grande, porque eu não ia conseguir cuidar, então eu tinha que fazer alguma coisa que eu tivesse minhas plantinhas, mas que eu também pudesse cuidar delas. Então ele trouxe várias sugestões e foi muito legal porque essas sugestões eu coloquei na minha casa. Então eu construí um jardim na minha casa... nós dois fizemos um jardim. E lá ficaram as minhas plantinhas, daí a gente plantou alfazema, plantou um pé de rosas brancas, porque o meu marido era da Umbanda e então a flor branca, a rosa branca para ele tinha um sentido muito grande. Então a gente colocou a rosa branca, alfazema e coloquei umas florzinhas amarelinhas bem pequenininhas, elas tinham um perfume maravilhoso e ela se arrastava pelo chão. Era uma planta que... era de chão... assim... ela se arrastava. Eu não lembro o nome dessa plantinha, eu sei que ela chamava um monte de abelhinhas daquelas sem ferrão sabe... ela chamava aquelas abelhinhas... então eram as brancas e as amarelinhas. Daí um vizinho vendo isso tudo... que tinha toda essa mudança... daí ele tinha uma palmeira que ele não queria mais aquela palmeira, que eram aquelas palmeiras caríssimas, de jardim, de pô dentro de casa, ele perguntou... “Ei Dona Lucélia. Você quer essa palmeira?”, “Ah eu quero, eu quero pô bem no meio do meu jardim”. Então eu fiquei... no meio do meu jardim... e ficou aquela coisa... mas daí eu plantei árvores, florzinhas, que ficam em arredor do muro para tirar aquele concreto, para ficar um muro mais agradável, mas tudo para o lado de dentro, eu não consegui fazer para o lado de fora, então eu fiz tudo para o lado de dentro. E foi... daí eu comecei a cuidar do meu jardim (Destefani; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Este trecho é marcado pela reconfiguração e ressignificação do espaço doméstico e que forma funciona como uma metáfora para as transformações que o momento demandava de Lucélia. O espaço era anteriormente caracterizado pela pedra brita, descrito como local estéril e funcional, reflexo de uma rotina direcionada às atividades laborais “Você trabalha o dia inteiro fora, não tem tempo de mexer em jardim, *taca-le* brita, né”. A narrativa apresenta a transformação, após a decisão da mudança, acontece uma reintrodução de vida através das plantas e nasce uma conexão emocional com este jardim. Acolher aquele espaço árido e cultivá-lo foi a materialização do auto acolhimento e cuidado que Lucélia decidiu ter para consigo mesma.

Essa narrativa de Lucélia desenha a mudança de paisagem no entorno da sua casa. Mas uma mudança que vai além da troca da brita pelas plantas, mas uma paisagem que conecta uma mudança emocional. A entrevistada apresenta o jardim

como um espaço de vida, energia e espiritualidade, para si e para os seus “[...] plantou um pé de rosas brancas, porque o meu marido era da Umbanda e então a flor branca, a rosa branca para ele tinha um sentido muito grande. [...]”, uma narrativa que entrelaça a memória afetiva e a espiritualidade com a prática de jardinagem, tornando o jardim um lugar de homenagens e significados partilhados.

A relação com as plantas vai além do físico, assumindo um caráter comunicativo, a troca da qual a professora falava era literal, ela empregava seu tempo, mas também seu afeto em forma de amizade. A inserção de flores específicas e de plantas com características simbólicas, como o perfume ou a capacidade de atrair abelhas, reforça a intenção de criar um ambiente vivo e significativo.

Outro aspecto importante do discurso é a interação com o entorno, exemplificado na doação da palmeira pelo vizinho, exercitando a dimensão comunitária que é muito própria da atividade com plantas.

A narrativa apresenta a posição segura da entrevistada em relação a implantação do jardim. Ainda que tenha demandado a ajuda do jardineiro, a voz ativa da entrevistada se faz presente no processo de execução deste espaço “[...] eu tomei por decisão [...]”, “[...] eu construí um jardim [...]”, afirmando sua autonomia em meio ao contexto difícil, outra boa metáfora acerca de se afirmar sobre desafios.

A fala revela também uma experiência sensorial apurada, as descrições das plantas “[...] florzinhas amarelinhas bem pequenininhas, elas tinham um perfume maravilhoso [...]” apresentam a dimensão sensorial no espaço trabalhado, conectando a falante não apenas emocionalmente, mas também fisicamente ao espaço que criou:

Daí eu tinha dias assim que eu ficava muito angustiada, aí quando eu me sentia angustiada ou quando eu vinha da quimioterapia... porque a quimioterapia te deixa muito abalada, te dá reações coisa e tal, e eu não queria me sentir assim, como eu falei eu não queria me sentir doente, porque eu não achava que eu estava doente, eu achava que eu estava num processo de aprendizagem. Então aí eu ia lá, eu conversava com as minhas plantinhas, meus vizinhos pensavam que eu era tudo louca, que eu ia falar com as plantas, aí eu ia lá quando eu chegava da quimioterapia, eu esperava o processo da quimioterapia fazer efeito, aí depois do almoço eu pegava um pouquinho de café e ia lá conversar com as minhas plantinhas, ver como é que elas estavam, se estavam bem, se não estavam, como é que elas tinham ficado passado a noite e daí assim eu fazia todo dia de manhã, todo dia à noite eu ia lá e falava com as minhas plantinhas. Aí o que que aconteceu, minhas plantinhas ficaram lindas né, porque daí eu conversava com elas, quando eu não conseguia conversar com elas, elas ficavam tristes e elas não floresciam tanto. E eu lembro que eu tinha um pé

de camélia, camélia é aquela flor branca cheirosa que dá e essa camélia nunca dava flor sabe, mas eu sempre conversava com ela e eu sempre dizia para ela que eu nunca ia desistir dela, que um dia ainda ela ia me dar flores. Mas passou o tempo, passou um tempo e muitas coisas aconteceram na minha vida, me curei do câncer, aí depois que me curei do câncer meu marido faleceu, me mudei de casa, tive que deixar minhas plantinhas lá, mas a camélia eu levei embora e fui para uma outra casa que era perto do meu pai e da minha mãe, porque eu tinha que cuidar deles também. E daí nesse ano, em maio, em maio nasceu o meu neto, fiquei vovó, ganhei um neto... em julho? Julho agora... não... deixa eu ver... nós estamos em dezembro... foi em outubro... o pé de camélia, porque eu falava com ela todo dia, o pé de camélia deu cinco flores. Ela nunca tinha dado nenhuma flor. Daí eu fotografei essas flores, ainda eu falei assim: “essas eu vou guardar comigo, essas fotos” e daí eu guardei uma florzinha, eu guardei comigo. E eu disse assim: “olha... de tanto que eu conversei com ela, todo esse processo, hoje ela me deu flores” e eu estava assim, nossa! Eu me emocionei quando eu vi (Destefani; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Nesta passagem, a interlocutora abre a relação estabelecida com as plantas, algo que foi além do cuidado literal, configurando-se como uma relação de amizade, um troca de energia e emoções. A resposta das plantas ao afeto de Lucélia, se dava com o florescimento “Aí o que que aconteceu, minhas plantinhas ficaram lindas né, porque daí eu conversava com elas [...]”. A narrativa de Lucélia mostra sua compreensão sobre como as plantas são tratadas como seres sensíveis, capazes de desenvolver uma relação afetiva e retribuir zelo e amor. Afeto que resistiu a tribulação na floração de sua camélia, ao dialogar com a planta que “nunca dava flor”, mas que um dia floresce após um período de intensa interação, a interlocutora apresenta seu traço resiliente, o que foi crucial na sua jornada de superação e remissão. Aqui se vê representada a fala de Hasselmann, Meira e Bandeira (2024) que na senda do argumento de Tim Ingold, nos colocam que “[...] pensar que os humanos manipulam as plantas é presumir que as plantas são igualmente capazes de manipular os humanos” (Hasselmann, Meira e Bandeira, 2024, P 214).

Lucélia se entende como sujeito de aprendizagem mediado pelo jardim. Durante os desafios físicos com a quimioterapia ela conversava com as plantas. Mesmo achando que os vizinhos pudessem julgá-la como louca, ela esperava o efeito da quimioterapia passar e ia conversar com as plantas.

A temporalidade marcada, é um traço da narrativa novamente. Eventos marcantes como a cura do câncer, a perda do marido e o nascimento do neto, são costurados com a relação com as plantas. O florescimento da camélia, que se deu depois do fim de seu tratamento e o falecimento de seu esposo, opera como um

marco emocional e temporal, simbolizando a continuidade da vida e a possibilidade de renovação após a perda. Fato reforçado no ato da guarda da flor.

Eis um fato importante, após a morte de seu esposo e a necessidade de cuidar dos pais, Lucélia vive uma ruptura com o espaço físico, todavia isso não se reflete em seu vínculo com as plantas, ele entende como um ciclo que se encerra, entende que não pode deslocar seu jardim, mas leva consigo a preciosa camélia e algumas outras plantas, uma maneira de carregar consigo a memória e os afetos dos processos vividos no jardim anterior. Gesto que reafirma o papel das plantas como arrimos emocionais.

Como eu *tava* fazendo o tratamento de... [câncer] eu já ficava com a minha imunidade muito baixa, então eu saía de casa para o mínimo e o necessário. Muitas coisas o Sérgio fazia para mim, né, então eu ficava muito em casa, eu tinha uma pessoa que me ajudava lá em casa, a cuidar da minha casa e a ajudar a cuidar de mim, porque eu não tinha..., tinha dias que eu não tinha força nenhuma. Então eu fiquei basicamente em casa, foi um momento muito complicado para mim, porque chegou um momento, ah... quando eu recebi meu diagnóstico, eu cheguei no meu oncologista e ele disse assim “Lucélia, eu vou dar para você tudo o que uma paciente oncológica tem direito. Tudo, tudo, tudo. Você vai perder cabelo, você vai fazer cirurgia, você vai fazer quimioterapia, dois tipos de quimioterapia...” Ele falou “Você vai fazer radioterapia, você vai fazer tudo que uma paciente oncológica tem direito.”, “Tá bom então. Vamos lá, mas eu vou me tratar?” “Vai!” E daí foi, todo esse processo e assim, se não fosse... eu digo assim, se não fosse o meu marido... Aí eu aprendi também na pandemia... foi uma coisa muito legal que eu aprendi, eu carrego comigo até hoje, que eu aprendi a rezar, a orar, porque eu não sabia o que era rezar. A gente reza, né, às vezes por rezar, mas a gente não percebe a força que tem a oração. A gente às vezes não consegue entender, a força que tem uma oração, o quanto a oração muda a vida da gente. E nesse momento foi o que eu aprendi. Na pandemia, junto com a quimioterapia eu aprendi isso (Destefani; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Lucélia evidencia o percurso de enfrentamento do câncer, seu corpo passou a ser o campo de batalha onde procedimentos intensos e invasivos confrontam a doença, como o médico lhe adiantou ela enfrentou “[...] tudo que uma paciente oncológica tem direito [...]”. A forma como a interlocutora coloca a situação destaca uma ambivalência: a segurança do cuidado e assistência acerca do tratamento, e a aceitação das perdas - cabelo, força, memória, autonomia - inerentes à condição de paciente.

A narrativa traz novamente a figura de esposo e sua importância enquanto suporte emocional e prático. Lucélia também menciona o suporte de uma pessoa para cuidados domésticos e pessoais, o que demonstra a rede de apoio que pode contar ultrapassando os vínculos familiares.

As condições de isolamento foram um agravante, restringindo as possibilidades de interação. No entanto, isso permitiu que Lucélia descobrisse a prática da oração. Um paradoxo entre limitação e crescimento pessoal, o exercício da oração, assume durante o tratamento, um papel central na reconstrução íntima da narradora. O uso do verbo “aprender” para descrever essa experiência, apresenta uma postura muito humilde, ainda que sentisse intimidade para acessar forças maiores, se coloca como quem está aprendendo. A interação entre o tratamento clínico, em sua complexidade científica e a descoberta do poder da oração, sugere uma leveza entre os dois temas para a interlocutora. A referência ao aprendizado da oração como algo que “carrega até hoje”, indica continuidade e assimilação da prática, indo além do momento específico da pandemia e do tratamento.

Lucélia encerra esta fala com um tom de esperança e de valorização do aprendizado adquirido, transformando a experiência do adoecimento em um marco de crescimento pessoal e espiritual.

Aí teve um momento em que eu tive... eu estava fazendo quimioterapia. Eu peguei Covid, caramba! E peguei mucosite. Mucosite é uma infecção que você tem na garganta. Praticamente te enche de ferida da garganta daqui de baixo até o céu da boca. Nossa. É, daí você não tem como comer, né? Daí nem sopinha. Daí eu sei que no fim eu tinha que ir com conta-gota, meio que com conta-gota assim. algodãozinho... eu colocava de pouquinho na boca, assim, para eu poder comer, porque chupar... nem pensar... né. E a única coisa que eu podia comer nesse momento, era açaí, um açaí orgânico, que daí a gente batia açaí com uma fruta, alguma coisa assim e daí é aquilo que eu consegui me alimentar. Então foi bem complicado. Foi um aprendizado muito bom, né? Aí a Covid veio também, daí eu não podia mais sair de casa. Então, pegar covid, fazer tratamento é... foi uma soma de coisas, mas eu ainda digo que eu sou muito grata por Deus por ele ter me dado essa oportunidade de passar por isso, porque foi um momento em que eu aprendi muitas coisas, muitas, muitas coisas! E eu sei... o meu marido... eu acho que eu não teria conseguido passar por tudo... A gente estava... porque assim... eu trabalhava em São Francisco, morava em Joinville, eu só vinha para Joinville no final de semana, então assim, a nossa relação de marido e mulher, ela já estava tendo assim uma... Ah ela estava assim... você sentia já que não era mais aquela coisa, aquela força toda né. Aquele fogo todo né, então você já estava passando assim... já estava mais né... Com a pandemia e com o tratamento oncológico, nossa! Mudou a vida da gente todinha sabe. A gente aprendeu a se gostar de novo, a gente aprendeu a namorar de novo, a gente aprendeu a viver a dois de novo, foi tudo um recomeço, foi isso que eu digo. Eu sou muito grata por ter tido essa oportunidade, porque eu reaprendi a amar o meu marido, eu reaprendi a amar a minha vida, me dar valor, aprendi tanta coisa que hoje eu carrego comigo, que eu só lembro de coisas boas (Destefani; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

O relato expõe um momento marcado pela intensificação do sofrimento corporal durante o tratamento oncológico, que foi agravado pela mucosite e a Covid-19, as quais se deram simultaneamente. O simples ato de se alimentar,

passou a ser desafiante demandando suporte de materiais como algodão e conta gotas, evidenciando a vulnerabilidade do corpo e a resistência necessária para lidar com essa situação extremamente desconfortável.

Surpreendentemente, esta adversidade enfrentada não demoveu a interlocutora de uma narrativa otimista, o emprego da expressão “[...] sou muito grata [...]” reforça o caráter positivo da fala, na qual os desafios tomam papel de motor de transformação e recomeço. Toda a fala revela uma habilidade de transformar o sofrimento em aprendizagem, termos como “[...] aprendi muitas coisas [...]” e “reaprender” centralizam a interlocução, indicando essa reconstrução de sentido. Apesar de mencionar desafios significativos, a narradora enfatiza o legado emocional e de certa forma espiritual dessas experiências, quando afirma “[...] só lembro de coisas boas”.

A pandemia que inicialmente se apresenta como desafiadora, assume um papel paradoxal, pois ainda que limitou fisicamente e restringiu sua liberdade de sair de casa, torna-se catalisadora da reconexão com seu esposo. O tratamento e o isolamento, acabaram transformando-se em um espaço de reencontro, convidando o casal a reaprender a “namorar” e a “se gostar de novo”. A experiência da vulnerabilidade compartilhada entre Lucélia e seu esposo, se torna um ponto de partida para a reconstrução da relação conjugal.

E é tão engraçado, porque esse processo de amizade, digamos assim, com as plantas, né? Eu carrego comigo até hoje. Porque hoje eu estou numa outra fase de vida, né? Porque as nossas... é tudo um ciclo, né? O meu ciclo de vida hoje é assim. eu vivo três dias em São Francisco e dois em Joinville. Hoje eu estou em São Francisco. Estou no Ervino... na nossa casa que a gente tem aqui. Mas aqui tem um espaço onde as plantas conversam com você, porque é uma energia tão grande que tem aqui nesse espaço que a gente tem aqui... que esse aqui é um espaço de cura sabe, para mim ele é um espaço de cura, é um espaço de ver a espiritualidade, porque a gente tem um bosque onde o meu pai construiu um caminho nesse bosque. Tu vai querer um dia vir conhecer agora. porque eu vou falar para você. E a gente tem um bosque no qual ele tem caminhos e meu pai - porque eu acho que essa coisa de cuidar de plantas assim vem do pai e da mãe também - e ele cuida daqui como se fosse o maior tesouro da vida dele, um dos maiores tesouros da vida dele, ele diz que a família dele é um tesouro e isso aqui é outro tesouro e ele plantou assim, ele planta, ele cuida tanto porque a maré destroi as plantas, então ele procurou plantas nativas para colocar dentro do bosque para reflorestar o bosque, para não deixar se acabar isso, porque aqui é uma especulação imobiliária... está tão grande que eles matam tudo que tem em volta para construir uma casa. A casinha lá não tem mais uma árvore e não tem mais nada. E aqui ele preserva tanto isso. O bosque dele tá cheio de mudas de baunilha. E é o único lugar que a gente tem aqui no Ervino, porque a gente andou por tudo quanto é lugar a gente não acha. Meu pai tem uma relação com esse bosque tão grande que ele diz que é o bosque do pirata. Ele inventa as histórias que os piratas andaram nesse bosque. Quando vem aqui ele conta as histórias que têm tesouro enterrado

e que ele sonha com o pirata que enterrou o tesouro numa árvore que ele tem aqui, bem antiga ela tem um buraco dentro da árvore e que ali de baixo existem vários tesouros. Então assim, eu acho que essa relação de amizade, de bem querer, desse encontro com a natureza, com as plantas, eu acho que vem de mãe e de pai também. A minha mãe conta que o dia que ela morrer, ela quer ser cremada, mas ela quer que a gente jogue as cinzas dela no bosque. Porque ela vai ser um passarinho que vai morar ali no bosque. Então eu acho que são essas coisas, né? Essas vivências. (Destefani; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

Os entrevistados desta pesquisa apresentaram diferentes vivências com as plantas, Lucélia desenvolveu uma amizade, algo que entende herdar de seus pais e segue nutrindo, de forma especial com o bosque que sua família cultiva na região do Ervino em São Francisco do Sul. O bosque é central no discurso como um lugar simbólico de bem-estar, refúgio e espiritualidade. Dentro do deslocamento Joinville-São Francisco do Sul, que percorre semanalmente, a narradora encontra seu refúgio nesse local que ela descreve como “espaço de cura”. É interessante notar que a interlocutora traz em formato discursivo, a informação de que no bosque as plantas “conversam com você”, ao mesmo tempo que reforça que o espaço é um local de cura, onde é possível “ver a espiritualidade”, o que propõe o entendimento de que a fala e a contemplação é parte do processo regeneração e toma um caráter identitário para Lucélia.

A relação com o bosque é apresentada como um legado familiar que une gerações. A figura do pai surge como um guardião do espaço, a pessoa que protege e de certa forma ludifica o espaço. A narrativa do “bosque do pirata”, criada pelo pai, ilustra como o espaço físico também cumpre a função de espaço imaginário e simbólico, povoado por histórias que alimentam a fantasia, o que enriquece a dimensão afetiva da família com o local.

Enquanto a mãe, que também desenvolve uma relação mística como o bosque, nutre um desejo de eternidade neste lugar, imaginando-se como parte da fauna local uma vez que faleça. Este desejo, simboliza uma visão de integral final com a natureza, a continuidade do ciclo da vida e uma visão da morte como mais uma fase da existência.

O discurso traz uma breve, porém firme crítica à especulação imobiliária e seus desdobramentos, que tem atingido a biodiversidade e comprometendo o equilíbrio da natureza na região. O que recai na fala sobre o esforço de seu pai como zelador da flora local, prezando por cultivar no bosque espécies locais e conseqüentemente, o papel do bosque como um reserva da vegetação local.

Eu todo dia ia falar com as minhas plantinhas. Todo dia eu conversava com elas, de manhã e de tarde. Só quando chovia muito, né, eu não ia. mas se não, todo dia eu ia lá, dava bom dia, eu levantava cedo, daí a menina que cuidava lá em casa... às vezes a gente não ia chegar ainda, mas eu levantava... colocava água para fazer café, já ia lá e falava oi para as minhas plantinhas. Aí se eu não pudesse dizer oi para elas, eu já ficava assim... estava faltando alguma coisa. E à noite também, daí eu ia lá, regava elas e já conversava, porque eu regava elas só à noite. Aí eu ia lá, conversava com elas, coisas e tal, eu levava o meu cachorro junto, e dizia: “Doguinho, vamos lá dar oi para as plantinhas” daí a gente dava oi, aí a noite dava boa noite, mas eu todo dia falava com elas, todo dia. E eu continuo tendo esse hábito até hoje (Destefani; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

A narrativa destaca a relação dialogada com as plantas, uma fala que humaniza as plantas, atribuindo-lhes sensibilidade e reciprocidade, o que ressignifica o ato de cultivo como um intercâmbio de energia e afeto. A rotina com suas plantas toma uma dimensão ritualística, que conecta Lucélia com o mundo natural e a espiritualidade.

Eu continuo... várias coisas que eu fazia em 2021 eu continuo fazendo hoje, várias coisas, só que de formas diferentes. Antes eu fazia... eu não tinha espaço para fazer meditação, eu meditava no meu quarto. Hoje, quando eu estou aqui na praia para fazer minhas meditações, eu vou no bosque. Hoje não dá porque está uma chuva imensa, daí eu não consigo ir, daí eu estou intocada aqui no quarto. Mas assim, o hábito de falar com as plantas continua, você sabe, continua. E em casa quando eu chego em Joinville, lá nas minhas plantinhas que eu levei da casa onde eu morava, que nem a minha dália, a minha arrudinha, eu tenho espinheira santa, eu tenho alecrim, eu tenho louro, tudo isso eu trouxe da minha casa, espada de São Jorge, outras plantinhas que eu trouxe, eu venho e elas vêm comigo foram comigo e eu não sei se é por causa disso. Porque quando eu podo alguma planta, então eu sempre peço perdão, primeiro eu digo assim, para ela me dar licença, eu peço para ela me dar licença, mas eu tenho que cortar porque ela está ficando, perdendo muita força, se ela me dar licença para eu cortar... para ela vir mais bonita... para vir mais forte... para trazer mais alegria para a gente... e ela agradecendo... ficando florida... coisa e tal. Então eu sempre falo, isso é um hábito que eu tenho de falar com elas e eu fiz isso lá em casa numa rosa, cor de rosa, que na casa que eu fui morar tinha um pezinho de rosa lá, bem pequenininho e eu comecei a fazer isso e podava elas. Há uma época até que todas as rosas que eu podava nunca vinha nada. Morria tudo, não dava mais flor, não sei se eu não sabia podar, o que que acontecia. E ali agora não. Eu converso com ela, peço licença. Meu Deus, toda semana tem flor. Ai, que máximo. Toda semana tem uma rosa. Daí eu levo agora, eu tenho um neto, né? Daí eu levo o Leon lá, daí nós vamos cheirar a rosinha, daí a gente conversa com a florzinha, sabe? E é o que a gente consegue fazer assim, né? Mostrar pra ele. Aí ele vai lá acariciar a plantinha, ver a textura da florzinha, da folha e assim, Então é o que carrega comigo (Destefani; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

A narradora enfatiza a continuidade das práticas de autocuidado desenvolvidas nessa temporada, onde também se encaixam as práticas de plantio. A adaptação desses hábitos nos novos contextos, evidencia a importância dessas

ações como estratégia de bem-estar.

O ato de podar as plantas, toma um caráter cerimonial, notado pelo cuidado em pedir licença e perdão no ato de corte. Uma ritualização que carrega o momento com intenções simbólicas, como fortalecer a planta e favorecer sua beleza. O resultado do trabalho - desenvolvimento saudável - é narrado como uma resposta ao trato generoso.

O ato de envolver o neto no cuidado e interação com as plantas, vêm da interlocutora como uma prática pedagógica, mas também transforma o momento em uma prática geracional. Essa pedagogia da natureza, marcada por acariciar folhas e flores, incentiva o desenvolvimento de uma sensibilidade ecológica e uma conexão emocional com o ambiente desde cedo. A fala aponta para o valor do ensino por meio da experiência, criando vínculos afetivos entre gerações e a natureza.

Meu esposo sempre [esteve] junto comigo né, andar de manhã quando ia eu e ele, eu ia sozinha porque ele trabalhava, daí ele fazia o jornal dele mesmo em casa né, eu ia de tarde ia nós dois, daí nós dois ia lá, molhava plantinha, conversava com elas, se tinha matinho a gente já tirava, sabe mas isso foi uma construção de dois, o meu filho nunca quis se envolver “Ai mãe, tem que... tem que...”. Mas era bem complicado, assim jovem é outro papo né. Então, mas eu e o Sérgio, assim, a gente sempre juntos, a gente ia lá, conversava com as plantinhas, via se precisava, “Ah, estou precisando de terra, então vamos comprar terra!”, então sempre ele participou muito, né, comigo. Eu acho que um pouco eu aprendi dele também, né. Eu acho que o pessoal, os umbandistas, o pessoal das religiões de matriz africana têm uma coisa com a natureza muito grande, né? Muito, muito, muito... e eu aprendi muito isso com ele e isso fica muito marcado. Ele tinha as plantinhas dele, que eram dos guias dele e assim vai... E hoje eu estou tendo as minhas, que também são meus guias... então daí eu entrei na religião dele também, depois que ele me deixou, que ele morreu... Daí eu fui para a Umbanda também. Eu já [ia, somente] não assumia, né... Hoje já é diferente, hoje eu já faço parte da corrente, mas na época não, na época eu só acompanhava ele. Ah, não sei te dizer, só sei que uma preta velha anda comigo, né? Então, onde que ela anda, vai um monte de erva junto, sabe disso, né? Onde tem uma preta velha, tem erva, então... (Destefani; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

A fala destaca a prática de jardinagem como um cultivo conjunto entre a narradora e seu esposo, reforçando a importância do apoio dele, nesta e em outras ações da rotina deste momento. Os gestos cotidianos — como molhar as plantas, verificar a terra e retirar o mato — tornam-se, na fala, rotinas que alimentaram a cumplicidade e espiritualidade do casal. Mesmo com o pouco envolvimento do filho nos processos, ambos criavam oportunidade para que ele pudesse se juntar aos pais.

A presença ativa do esposo moveu Lucélia a caminhar na direção das coisas que eram importantes para ele também. A religião do esposo é intimamente

ligada à natureza - como é próprio das religiões de matriz africana - e ela, que já o acompanhava em algumas oportunidades, se permitiu envolver mais nas práticas e hoje assume como sua também, mesmo após seu falecimento.

Lucélia cita a companhia de uma Preta Velha, uma entidade que é uma importante representação na Umbanda, simboliza sabedoria, cura e conexão com a ancestralidade. Ao conectar a presença da Preta Velha com as ervas, evidencia uma conexão indissociável entre espiritualidade e natureza, colocando as plantas como mediadoras dessa egrégora. A Umbanda, assim como as demais manifestações religiosas afro brasileiras tem uma conexão vital com a natureza, seus espaços sagrados são ambientados com muitas ervas de funções sagradas e a manipulação dessa vegetação para qualquer motivo, incorre em condição de muito respeito “[...] o momento certo de retirá-las do ambiente é sempre antes do nascer do sol. Faz-se necessário pedir permissão aos donos da mata: Oxóssi e os caboclos” (Hasselmann; Meira; Bandeira, 2024, P 214).

Ao relatar o ingresso formal na Umbanda, a interlocutora apresenta um discurso com atributo identitário que se consolida após a perda do esposo. O reconhecimento de sua relação com a religião, mesmo que ainda iniciante, denota uma caminhada de autodescoberta e aprofundamento na espiritualidade, permeada pela memória da boa experiência junto de seu cônjuge.

É, não, mas é porque, assim, é uma coisa leva a outra né, não adianta mesmo, não adianta tu querer lutar contra porque essa energia são forças muito maiores. Eu sei que assim a gente ia a gente ia muito para as cachoeiras né, na pandemia a gente por isso que eu digo assim eu acho que foi através da religião que eu e o Sérgio a gente conseguiu se conectar mais também sabe, teve um monte de coisas que fizeram parte da nossa vida e essa conexão muito grande assim sabe, da religião, das plantas, do envolvimento nosso. Daí estava só nós dois. A vida era nossa, era nós dois, porque o Vítor ficava quase o dia inteiro na escola, então ficava só nós dois em casa. Nós dois assistíamos a TV juntos, nós dois, ele fazia todas as comidas gostosas que eu gostava, ele fazia, para que nós pudéssemos sentar e almoçar juntos, daí na janta a gente fazia com que o Victor também socializasse com a gente, mas a gente praticamente passava o dia sozinhos, então assim, a gente aprendeu a se reencontrar, a se amar, a se ver como um casal de novo, o respeito sempre teve, tudo sempre teve, mas aquela chaminha estava começando a se apagar e daí com isso tudo aquilo veio a florescer, veio acender aquela chama e hoje ele faz muita falta para mim, porque hoje eu já não tenho... essa parte minha, mas é muito louco, é uma coisa muito doida (Destefani; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

A interlocutora compartilha o entendimento de que seu ingresso na religião era algo já lhe cabia desde antes de optar por ela. Além do caráter identitário que a religião lhe presenteia, Umbanda surge como elemento fundamental na reconexão

do casal. A fala conecta diretamente a prática religiosa à natureza e à vida cotidiana, indicando que esses espaços de espiritualidade, como o contato com as cachoeiras e as plantas, fortaleceram os laços entre os dois.

A narrativa de Lucélia aproxima temas etéreos à sua experiência, desde a imaginação de seu pai quando fala do bosque, a religiosidade do marido, a Preta Velha e o poder curativo das ervas e assim compreende a prática de cultivo das plantas sob uma insígnia espiritual. Entendemos, por exemplo, do fator pelo qual o ICOMOS (2008) chamou atenção para o caso de Québec. Ao recomendar a preservação de um parque, orientou pela atenção ao espírito do lugar. Lucélia apreendeu justamente a importância subjetiva das paisagens. Quando fala do bosque ela diz exatamente sobre algo como um tesouro, como seu pai o atribuía. Ela chama atenção para a especulação imobiliária, como uma ameaça de perda desse tesouro. A preservação dessa paisagem não é apenas as plantas que a maré estraga e seu pai refaz, mas uma energia curativa.

A narrativa também atribui grande importância aos pequenos gestos rotineiros com o esposo, como assistir TV juntos, preparar refeições e compartilhar momentos simples. A ênfase que a entrevistada coloca nos detalhes e o destaque para os momentos a sós, reforça a ideia de que para ela, o amor e a convivência são construídos nos pequenos rituais diários, da importância dos momentos reservados para nutrir a relação. A ausência de Sérgio é mencionada sob sutil emoção, quando a entrevistada cita “ele faz muita falta para mim” transmite não apenas a saudade, mas também a força de um vínculo que foi renovado na experiência atribulada do isolamento e da doença, mas com graciosidade na toada da natureza.

Quando questionada sobre a possibilidade de ter passado todo esse período sem a prática das plantas e se teria vivido experiências semelhantes, ela respondeu:

Eu acho que assim, não seria a mesma coisa. Eu acho que não seria dessa forma mais leve. Eu acho que seria de uma forma mais... mais seca, assim... sei lá né, porque... eu acho que não. Eu acho não, eu tenho certeza, que a mesma coisa não seria e tenho certeza também de dizer que, como eu resolvi levar de uma forma leve, então as plantas nesse momento elas me ajudaram nesse processo. Me ajudaram muito porque a planta tem o poder de transmutar energias também. Então se você não estivesse também aceitando isso, era mais difícil, mas eu acho que eu procurei elas ou elas me chamaram, sei lá como vamos levar, mas eu acho que assim eu e as plantas, a gente conseguiu fazer com que esse processo fosse muito mais leve, mais saudável sabe, porque elas me ensinaram muito e deram mais cor também à minha vida, porque senão ia ser uma coisa cinza coisa e tal e ali não, ali tinham as florzinhas que eram amarelinhas, as branquinhas, aí que eu adorava aquelas florzinhas. E assim, foi uma construção muito gostosa assim né, então eu acho que assim, foi muito importante eu ter

tomado essa atitude e ter feito esse trabalho nesse momento, mexer com a terra, mexer com as plantas, conversar com elas. Eu conversava com elas e em troca elas me davam o perfume. Então eu acho que essa troca foi muito gostosa. Acho que foi muito interessante. Eu não consigo carregar as plantas comigo. Não consigo. Não dá. Infelizmente não dá. Mas a gente tem uma relação e quando você cria isso, isso parece que aumenta mais ainda, né? Essa tua troca de energia, né? Então depois O que falta quando tu não tem? (Destefani; Grigorio, Joinville-São Francisco do Sul, 2024).

A fala de Lucélia evidencia o seu entendimento das plantas como mediadoras de todo esse processo de resiliência emocional e espiritual. A relação com a natureza é apresentada como um canal da metamorfose vivida. A menção ao poder das plantas de “transmutar energias” reforça um discurso que vincula o bem-estar individual a práticas simbólicas e sensoriais relacionadas ao cuidado com o ambiente natural.

A relação de reciprocidade onde a interlocutora, conversa e zela pelas plantas e em resposta recebe perfume, configura um processo de humanização das plantas, que promoveu uma troca que legitimava a relação de Lucélia com o espaço natural. A escolha de palavras como “construção” e “gostosa” sinaliza um processo prazeroso e intencional, no qual a relação com a natureza é vista como um trabalho constante e benéfico.

O entendimento de uma relação energética com as plantas, permeia toda a narração. A entrevistada atribui a elas o protagonismo no equilíbrio espiritual e emocional, trazendo a ideia de que essa troca é capaz de tornar os percalços da vida mais leves. A visão das plantas como seres que “chamam” ou “acolhem” sugere um vínculo quase espiritual, alinhado a crenças e práticas ligadas à natureza como fonte de cura e equilíbrio.

Ao partilhar sua experiência, Lucélia nos presenteia com uma terna poesia. Permitiu-nos viajar em suas descrições sensoriais, das cores das flores ao perfume recebido em troca. A professora teve condições de escolher lidar com a sua condição de saúde de uma forma leve e assim o fez, mostrando a força da postura ativa diante de desafios de saúde e reconhecendo a natureza nesse processo como amiga e condutora no processo de transformação pessoal. E como agradecimento, a natureza lhe devolveu, perfume, cores, afetos, histórias e vivências com a divindade. Ao contar sobre como transformou adversidades em aprendizado e conexão, Lucélia nos inspira a enxergar a força que emerge da harmonia entre o humano e o natural, revelando que, mesmo diante dos maiores desafios, é possível florescer com gratidão e leveza.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seriam as paisagens internas uma resposta para as angústias humanas? Ou seria o processo de construção delas através da prática de jardinagem? Uma situação não exclui outra. Comprovamos ao longo do processo de investigação, como os termos de paisagem natural e paisagem cultural, facilmente se perdem um dentro do outro. As narrativas que acompanhamos trouxeram processos de construção de paisagens, executados em ambientes antropizados, todavia cumpriram o papel de portais de contato com a natureza, proporcionando aos seus criadores uma conexão ímpar com o ambiente natural e consigo mesmos. Tal relação reflete o que Milton Santos (1996) chamou de paisagem como um corpo que se oferece a outro corpo, tornando palpável a interação entre ser humano e ambiente.

A pesquisa da paisagem ultrapassa a noção de espaço físico e se apresenta como um campo multidimensional e interdisciplinar, onde a história, a ecologia e a subjetividade se encontram. Como visto, o caráter híbrido das paisagens – entre o natural e o cultural – revela-se um testemunho silencioso das interações humanas com o meio e com os ciclos do planeta. Ao revisitarmos os exemplos históricos, culturais e artísticos, confirmamos que as paisagens são palimpsestos vivos (Santos, 2021), repletos de camadas sobrepostas de narrativas humanas e naturais, e que a dicotomia entre natureza e cultura, tão presente no imaginário coletivo, não sustenta a complexidade da experiência paisagística.

Seja na análise do espaço urbano, nas práticas culturais dos povos tradicionais ou no ato simples e transformador da jardinagem, a construção e a vivência das paisagens emergem como uma forma de diálogo. Esse diálogo revela não apenas os vestígios de passados compartilhados, mas também as possibilidades de futuro, onde a conexão entre o homem e a terra pode ser reimaginada sob uma ótica mais integrada e consciente. Assim, conclui-se que compreender e cultivar as paisagens – externas e internas – é um exercício de resgate de identidade, pertencimento e esperança. Afinal, como Santos (2021) e Delphim (2009) nos lembram, a paisagem é mais do que aquilo que vemos: é aquilo que sentimos, vivemos e moldamos enquanto indivíduos e sociedade.

Seriam as paisagens parte do processo de construção patrimonial para a sociedade e portanto dignas de proteção? A proteção das paisagens — sejam

naturais ou culturais — remonta a práticas ancestrais e ganha contornos mais definidos em legislações e convenções ao longo do tempo. Seja a proteção do Rio de Nove Curvas no Monte Wuyi, na China (UNESCO, 2009), um dos registros mais antigos de proteção de paisagens que data de 748 a.C.; sejam os movimentos que surgiram em 1962, na 12ª Conferência Geral da UNESCO, em Paris, onde foi lançada a “Recomendação relativa à salvaguarda da beleza e do caráter das paisagens e sítios”, um documento que estabeleceu diretrizes para proteção e planejamento territorial, abordando desde a educação patrimonial até a regulamentação governamental.

O Brasil adiantou o debate e em 1937, institucionalizou o debate com o Decreto-Lei 25, que criou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). A partir de então, os bens passaram a ser registrados em livros específicos, entre eles o Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Entretanto, ainda prevalece uma dicotomia entre os aspectos naturais e culturais no tratamento das paisagens no Brasil. Delphim (2009) nos coloca que enquanto a legislação ambiental cuida das paisagens naturais, as culturais são protegidas por normativas voltadas a bens materiais e centros históricos. O autor destaca que a ausência de um marco regulatório específico para paisagens culturais e naturais evidencia a necessidade de maior integração entre as diferentes áreas de proteção.

No contexto internacional, o amadurecimento do conceito de paisagem cultural culminou em sua classificação pela UNESCO em 1992, durante um encontro preparatório na França. As paisagens culturais foram categorizadas em três tipos principais: aquelas desenhadas intencionalmente por motivações artísticas; as que surgem de demandas sociais e se desenvolvem em resposta ao meio natural; e as associadas a fenômenos culturais, religiosos ou místicos.

Ao considerar essas discussões históricas e conceituais, percebemos que a compreensão da paisagem como um elemento essencial do patrimônio é um processo em constante evolução. A complexidade desse tema exige abordagens interdisciplinares que integrem saberes técnicos, culturais e ambientais, reconhecendo a paisagem não apenas como um objeto de contemplação, mas como um reflexo dinâmico das relações entre a humanidade e o meio em que vive. Para países como o Brasil, cuja riqueza paisagística é incomensurável, o desafio reside em equilibrar desenvolvimento, conservação e inclusão das comunidades locais na

gestão desses bens, promovendo uma verdadeira integração entre natureza, cultura e sociedade.

A paisagem enquanto elemento a ser vivido transcende sua materialidade ao compor a trama das existências humanas, incorporando emoções, memórias e relações que se entrelaçam com o espaço físico. Essa vivência manifesta-se em experiências cotidianas, no simbolismo de lugares e na espiritualidade de territórios que dialogam com as identidades coletivas e individuais. Ao considerar o conceito de *geo(bio)grafia* apresentado por Portugal e Souza (2013), reconhecemos que a vida humana é escrita e narrada nos espaços que ocupamos, sendo a paisagem parte integrante dessa narrativa.

As paisagens, sejam naturais ou construídas, tornam-se espelhos vivos que refletem os significados atribuídos por quem as habita. Esse conceito se aprofunda ao observarmos como diferentes culturas e povos originários interpretam e se relacionam com seus territórios. Ailton Krenak (2020) nos mostra que para os Krenak, o rio Doce, chamado Watu, era mais do que um recurso natural — era um avô. Essa relação com o rio transcende a racionalidade utilitarista, evidenciando uma conexão espiritual e afetiva. Da mesma forma, a Serra Tekukrak é descrita com um nome e personalidade, interagindo com o cotidiano da comunidade.

Esses exemplos demonstram que a vivência das paisagens é moldada por elementos tangíveis e intangíveis. Os sentidos humanos, como nos alerta Milton Santos (2021), são fundamentais para essa percepção. A experiência sensorial que temos dos lugares nos conecta à dimensão simbólica da paisagem, que muitas vezes é ameaçada por conflitos territoriais ou pelo impacto das mudanças climáticas, como alertado pela Declaração de Québec, que com muita sensibilidade propôs que voltássemos nossos olhos para a cosmovisão da paisagem (ICOMOS, 2008).

Nos defrontamos então com as paisagens internas, que muitas vezes são negligenciadas nos estudos acadêmicos. A pandemia de Covid-19 trouxe à tona a importância desses espaços privados e suas implicações no bem-estar psicológico das pessoas. Pinto *et al* (2020) destacam que a qualidade dos ambientes habitacionais se tornou central para a vida cotidiana. Nesse sentido, os interiores das habitações emergem como cenários essenciais das biografias individuais, refletindo não apenas elementos físicos, mas também as experiências emocionais e psicológicas vividas em seu âmbito. E aqui começamos a nos deparar com as belas histórias que ouvimos nesta pesquisa.

Preparar o solo, plantar a semente, cobrir com terra e adubar, tudo isso nos levou a cinco pessoas que simbolicamente abriram seus portões e nos convidaram para ver as suas plantas. E nós, como beija-flores curiosos, voamos por belas plantas e colhemos memórias incríveis.

Ruth, Daniele, Daiane, Mateus e Lucélia, passaram a pandemia sob condições diferentes, mas os caminhos levaram para a mesma prática. Ao colocarem a mão na terra, foram conduzidos pela natureza para um processo de reconexão consigo e com os seus. Alguns já tinham contato com a prática, como a habilidosa Dona Alba, narrada na entrevista de Daniele, outros fizeram um esforço e começaram a desbravar com afinco durante a pandemia, como a querida Lucélia. A jovem Ruth, se permitiu um processo de transformação social e místico ao se aprofundar na jardinagem, que já exercitava timidamente, mas que sempre viu em seu entorno através de sua família. Mateus também se reconectou com a memória familiar à medida que acessava a prática, mesmo não tendo mais as avós - a quem atribui a herança ancestral do prazer pela prática, ele sente e nutre a conexão com elas através da natureza, de quem aprendeu e segue aprendendo. E Daiane, a gestora do Residencial das Palmeiras, narrou a bela experiência vivida entre os idosos que viveram no espaço ao longo dos períodos de restrição e como o projeto hortícola foi especial tanto para a socialização como para exercício de cognição dos internos, a saudade com que relata o vivido, permite assimilar a importância da prática e o afeto desenvolvido por ela.

Os vários sentidos interdisciplinares de paisagens estudados no início dessa pesquisa foram sendo reconhecidos nas narrativas dos entrevistados. Não por terem anteriormente estudado algum deles, mas porque nos serviu de lente de interpretação e de escuta, que os compreendemos e reconhecemos as variações de sentidos que apareceram sobre as práticas de jardinagens. Como ação empreendedora, cuidado de si, conexão espiritual, ativismo agro, cura, exercícios cognitivos e sociais entre outros tantos sentidos que foram narrados e compuseram as paisagens internas apresentadas. Igualmente a expressão paisagem interna ganhou algumas variações de sentido – por um lado as paisagens foram se fazendo nos espaços internos do *lockdown* e ao mesmo tempo, foram também se reconfigurando internamente nas vidas dos narradores jardineiros.

Ora, que bela paisagem vimos nascer!

Paisagens que não veremos concorrer às competições da Festas das Flores, mas que com certeza fizeram da Cidade das Flores um lugar muito mais bonito de se viver.

6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- 6.1. ADAMS, William Howard. **Nature perfected**: gardens through history. New York: Abbeville Press, 1991. 356 p. ISBN 0896599191.
- 6.2. ANDRADE, Mário. **Anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional**. Revista do Patrimônio, Brasília, n. 30, 2002.
- 6.3. ABBUD, Benedito. **Criando paisagens**: guia de arquitetura paisagística: guia de trabalho em arquitetura paisagística. 4. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2006. 208 p.
- 6.4. BESSE, J -M. **Entre a geografia e a ética**: a paisagem e a questão do bem-estar. Trad. Eliane Kuvashy e Mônica Balestrin Nunes. GEOUSP – Espaço e Tempo (Online) São Paulo v. 18 n. 2 p. 241-252, 2014.
- 6.5. BHERING, Iracema Generoso de Abreu. **O URBANISMO E A PAISAGEM DESEJADA**. 2019. 363 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, UFMG, Belo Horizonte, 2019.
- 6.6. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução dos Monges de Maredsous e revisada por Frei João José Pedreira de Castro O.F.M. São Paulo: Editora Ave Maria, 2005, 56ª Edição.
- 6.7. BRASIL, **Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. 1937. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_25_de_30_11_1937.pdf . Acesso em: 17.março.2024
- 6.8. BRASIL. Ministério da Cultura. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Brasília: MEC, [s.d].
- 6.9. BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria MS/GM nº 188, de 3 de fevereiro de 2020**. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV) [Internet]. Diário Oficial da União, Brasília (DF), 2020 fev 4 [citado 2020 mar 4]; Seção Extra:1. Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388> Acesso em: 07 abr. 2023.
- 6.10. BRASIL. Paulo Sérgio Vasco. Senado (org.). **Estudo aponta que falta de saneamento prejudica mais de 130 milhões de brasileiros**. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/03/estudo-aponta-que-falta-de-saneamento-prejudica-mais-de-130-milhoes-de-brasileiros>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- 6.11. BRASIL. **Sítio Roberto Burle Marx é reconhecido como Patrimônio Mundial da Unesco** | Plano Nacional de Cultura. 2 ago. 2021. Disponível

em:

<https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/sitio-roberto-burle-marx-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-mundial>. Acesso em: 30 jun. 2024

- 6.12. CABRAL, Daniel Welton Arruda; BOMFIM, Zulmira Aúrea Cruz; SOUSA, Luiz Lacerda. **Relação afetiva pessoa-ambiente e participação social: um estudo com os mapas afetivos**. *Psicologia Política*, v. 22, n. 54, p. 312-329, 2022.
- 6.13. CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. 3. ed. São Paulo: Usp, 2000.
- 6.14. CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. **Carta de Atenas**. Atenas: 1933. Caderno de Documentos Nº 3: Cartas Patrimoniais. Brasília: IPHAN, 1995.
- 6.15. CHUVA, Márcia. **Patrimônio Cultural em perspectiva decolonial: historiando concepções e práticas**. (2020). In Alice Duarte (ed.), *Seminários DEP/FLUP*, v.1. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, p. 16-35. <https://doi.org/10.21747/9789898969682/seminariosv1a1>
- 6.16. CURY, Isabelle. **Cartas patrimoniais**. 3. ed. Brasília, DF: Edições do Patrimônio, 2004. 407 p. ISBN 8573340150.
- 6.17. DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **O Patrimônio Natural no Brasil**. In: SANDRA DE CÁSSIA ARAÚJO PELEGRINI; RAMBELLI, Gilson; FUNARI, Pedro Paulo A. *Patrimônio cultural e ambiental: Questões legais e conceituais*. [Campinas, Brasil]: UNICAMP/NEPAM, 2009. 245 p. ISBN 9788539100200.
- 6.18. EVANS, Fernando; PACÍFICO, Fernando. **Mercado de flores 'renasce' durante pandemia e projeta faturamento 5% maior em 2020**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/11/08/mercado-de-flores-renasce-durante-pandemia-e-projeta-faturamento-5percent-maior-em-2020.ghtml>. Acesso em: 07 abr. 2023.
- 6.19. FAGUNDES, Marcelo; DOS SANTOS GRECO, Wellington; MARQUES BANDEIRA, Arkley; ARCURI SUÑER, Marcia. **Paisagem e suas interfaces em pesquisas sobre arte rupestre: Um estudo de caso em Serra Negra, alto vale do Araçuaí, Minas Gerais, Brasil**. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 74–103, 2021. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/904>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- 6.20. FEITOSA, Maria Zelfa de Souza et al. **Afetividade, território e vulnerabilidade na relação pessoa-ambiente: um olhar ético político**. *Revista de Psicologia*, online, v. 30, n.2, p. 196 – 203, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5505>

- 6.21. FEITOSA, V.A.; CABRA, S.A.A.O.; ALENCAR, M.C.B.; UCHOA, S.A.O.; SILVA, H.M.L. **A horticultura como instrumento de terapia e inclusão psicossocial**. Revista Verde, v.9, n.5, p.7-11, 2014.
- 6.22. MARIA FORTUNA E NELSON GOBBI. **Coronavírus**: artistas fazem campanha pró-quarentena e transmitem na rede shows, peças e cursos. 17 mar. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/coronavirus-artistas-fazem-campanha-pro-quarentena-transmitem-na-rede-shows-pecas-cursos-2-24309226>. Acesso em: 31 mar. 2025.
- 6.23. GOBBI, Nelson. **Há 80 anos, Pablo Picasso começava a pintar 'Guernica'**. 1 maio 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/ha-80-anos-pablo-picasso-comecava-pintar-guernica-21279653>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- 6.24. HASSELMANN, Janaína Gonçalves; MEIRA, Roberta Barros; BANDEIRA, Dione da Rocha. A Macaia invade a selva de pedra: os quintais produtivos da assistência e sua contribuição para o patrimônio da saúde umbandista. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, v. 27, n. 1, p. 22, 2024.
- 6.25. HIRSCH, Eric; MICHAEL, O'Hanlon. **The anthropology of landscape - perspective on place and space**. Nova Yorque: Oxford Univerdity Press, 1995. 280 p.
- 6.26. ICOMOS/CANADÁ. **Declaração de Québec**: Sobre a preservação do "Spiritu loci", 4 de outubro de 2008. Quebec: ICOMOS/CANADÁ, 2008. Disponível em https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf. Acesso em 27 set 2023.
- 6.27. ITAÚ, ABIGAIL de Andrade. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22147/abigail-de-andrade>. Acesso em: 05 de agosto de 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- 6.28. ITAÚ, CABOCLO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/110880-caboclo>. Acesso em: 15 de dezembro de 2024. Verbete da Enciclopédia.
- 6.29. ITAÚ, ÍNDIOS Flechando uma Onça. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2016. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/83549-indios-flechando-uma-onca>. Acesso em: 15 de dezembro de 2024. Verbete da Enciclopédia.
- 6.30. KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. 352 p

- 6.31. KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 128 p. ISBN 978-6559211548.
- 6.32. KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 104 p. ISBN 978-85-359-3241-6.
- 6.33. LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. < Disponível em http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_arq_interface/1a_aula/A_producao_d_o_espaco.pdf Acesso em nov/2024 >
- 6.34. LEONIDIO, Adalmir. **O conceito de paisagem em História**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM
- 6.35. LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3. ed. [S. l.]: WMF Martins Fontes, 2011. 240 p.
- 6.36. MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: USP, 2015. 148 p.
- 6.37. MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023. 912 p.
- 6.38. MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Participação em debate**. In: São Paulo (Estado). Secretaria de Negócios Metropolitanos. Emplasa. Unidade de Ação Comunitária. Comunidade em debate: Patrimônio Ambiental Urbano. São Paulo: Emplasa, 1979, Caderno de divulgação do debate "Patrimônio Ambiental Urbano em São Paulo", promovido pela Emplasa em 27 set. 1978, p. 20-33.
- 6.39. MEIRELES, Mariana Martins de; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Experiências espaciais e (auto)biografia: geobiografizando a vida e profissão em contextos rurais**. In: MEIRELES, Mariana Martins de; SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa (auto)biográfica - narrativas de si e formação. Curitiba: CRV, 2013. p. 266. ISBN 978-85-8042-730-1.
- 6.40. METZGER, Jean Paul. **O que é ecologia de paisagens?** *Biota Neotropica*, v. 1, n. 1-2, p. 1-9, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1676-06032001000100006>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- 6.41. MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- 6.42. NASA. **"Interior Landscape Plants for Indoor Air Pollution Abatement"**, 15 de setembro de 1989. Saint Louis: MS NASA/1989. Disponível em <https://ntrs.nasa.gov/api/citations/19930073077/downloads/19930073077.pdf>. Acesso em 27 set 2023.

- 6.43. NAZÁRIO, Moisés. **Senado federal - 50 anos de Brasília** :. 10 abr. 2010. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasilia50anos/not08.asp>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- 6.44. NÓBREGA, Manuel da. **Cartas do Brasil (1549-1560)**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886. 258 p.
- 6.45. OLIVO, Carla Martins. **Paisagem do Antropoceno: o projeto da paisagem sob o paradigma ambiental**. 2023. 181 p. Tese de Doutorado — Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023.
- 6.46. PINTO, Maria Rita; VIOLA, Serena; FABBRICATTI, Katia; PACIFICO, Maria Giovanna. **Adaptive reuse process of the Historic Urban Landscape post-Covid-19: The potential of the inner areas for a “new normal”**. Vitruvio - International Journal Of Architectural Technology And Sustainability, [S.L.], v. 5, n. 2, p. 87, 22 dez. 2020. Universitat Politecnica de Valencia. <http://dx.doi.org/10.4995/vitruvio-ijats.2020.14521>.
- 6.47. PORTUGAL, Jussara Fraga; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Geo(bio)grafias: narrativas de professores de escolas rurais**. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa (auto)biográfica - narrativas de si e formação. Curitiba: CRV, 2013. p. 266. ISBN 978-85-8042-730-1.
- 6.48. RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007. 152 p. ISBN 9978-85-7334-054-9.
- 6.49. RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. A configuração do tempo na narrativa de ficção. v. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- 6.50. RIO GRANDE DO SUL. **Jardim Paleobotânico de Mata será tombado nesta sexta-feira**. 4 jun. 2018. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/jardim-paleobotanico-de-mata-sera-tombado-nesta-sexta-feira>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- 6.51. RUBIRA, Felipe Gomes. Questões ambientais urbanas: discussões e reflexões teóricas sobre as áreas verdes localizadas em centros urbanos. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 33, n. 1, p. 20, 2016.
- 6.52. SANTOS, Milton - **Da paisagem ao espaço: Uma discussão**. In: II ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL, 2, 1995, São Paulo. Anais do II ENEPEA. São Paulo: Universidade São Marcos/FAUUSP, 1996.
- 6.53. SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo, SP, Brasil: Edusp, 2021. 132 p. ISBN 9788531410444.

- 6.54. SCHEMBERGUE, Altamir; CUNHA, Dênis Antônio; CARLOS, Sabrina de Matos; PIRES, Marcel Viana; FARIA, Raiza Moniz. Sistemas agroflorestais como estratégia de adaptação aos desafios das mudanças climáticas no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 55, n. 1, p. 9-30, jan. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1234-56781806-94790550101>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- 6.55. SILVA, Felipe Rodrigues Da. **Narrativas de vida e formação docente: bolsistas do PIBID em história e suas identificações com os direitos humanos**. 2023. 282 p. Teses de Doutorado — Univille, Joinville, 2023.
- 6.56. SILVEIRA, Pedro Castelo Branco; CARDOSO, Thiago Mota; GODOI, Emilia Pietrafesa de. **Antropologias da Paisagem**. *Ruris* (Campinas, Online), [S.L.], v. 13, n. 2, p. 7-17, 8 ago. 2022. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UNICAMP. <http://dx.doi.org/10.53000/rr.v13i2.17036>.
- 6.57. THOMPSON, Paul. **Histórias de vida como Patrimônio da Humanidade**. In: WORKMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez. (Cord.). *História Falada: memória, rede e mudança social*. São Paulo: Sesc; Museu da Pessoa, 2006.
- 6.58. TOURINHO, Andréa de Oliveira; RODRIGUES, Marly. **Patrimônio ambiental urbano: uma retomada**. *Revista CPC*, São Paulo, Brasil, n. 22, p. 70–91, 2016. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i22p70-91. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/111915>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- 6.59. UNA-SUS (org.). **Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus: Mudança de classificação obriga países a tomarem atitudes preventivas**. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 07 abr. 2023.
- 6.60. UNESCO; ICOMOS. **World Heritage Cultural Landscape**. Tradução Própria. Paris: UNESCO, 2009
- 6.61. UNESCO. **Osun-Osogbo sacred grove**. 9 mar. 2018. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1118/gallery/>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- 6.62. VENERA, Raquel ALS. **O que fazer com a palavra do outro: jogos de tempo em narrativas e discursos**. In: VENERA, Raquel ALS. *Educação estética: a pesquisa / experiência nos territórios das sensibilidades*. Joinville: Univille, 2023. v. 2, p. 456. ISBN 978-85-8209-122-7.
- 6.63. VINUTO, Juliana. **A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um Debate em Aberto**. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, AGO/DEZ 2014.
- 6.64. WEHMANN, Hulda Erna. **Habitar a Paisagem: o reconhecimento da experiência estética como direito à cidade**. 2019. 284 f. Tese (Doutorado) -

Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

- 6.65. YÁZIGI, Eduardo. **O patrimônio ambiental urbano**: uma conceituação ampliada e aperfeiçoada. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. IX, n. 1, p. 22 - 51, junho 2012.
- 6.66. Z AidAN, Lilian PenteadO; FELIPPE, Gil. **Do Éden ao Éden**: jardim botânico e a aventura das plantas. São Paulo: Senac, 2008.

REFERÊNCIAS ORAIS

- 6.67. BIANCHINI, Ruth Pavanello; GRIGORIO, Beatriz Cristina Valentini; entrevista oral [jul. 2024, Joinville]. Entrevistadora: Beatriz Cristina Valentini Grigorio. Entrevista concedida para ao projeto de pesquisa “Enraiza-se - Cultivando Paisagens Internas Durante a Pandemia da Covid- 19”.
- 6.68. DESTEFANI, Lucélia; GRIGORIO, Beatriz Cristina Valentini; entrevista oral [dez. 2024, Joinville]. Entrevistadora: Beatriz Cristina Valentini Grigorio. Entrevista concedida para ao projeto de pesquisa “Enraiza-se - Cultivando Paisagens Internas Durante a Pandemia da Covid- 19”.
- 6.69. MIRANDA, Daniele Claudia, GRIGORIO, Beatriz Cristina Valentini; entrevista oral [jul. 2024, Joinville]. Entrevistadora: Beatriz Cristina Valentini Grigorio. Entrevista concedida para ao projeto de pesquisa “Enraiza-se - Cultivando Paisagens Internas Durante a Pandemia da Covid- 19”.
- 6.70. PISKE, Daiane Aparecida de Souza, Beatriz Cristina Valentini; entrevista oral [ago. 2024, Joinville]. Entrevistadora: Beatriz Cristina Valentini Grigorio. Entrevista concedida para ao projeto de pesquisa “Enraiza-se - Cultivando Paisagens Internas Durante a Pandemia da Covid- 19”.
- 6.71. RAUEN, Mateus; GRIGORIO, Beatriz Cristina Valentini; entrevista oral [ago. 2024, Joinville]. Entrevistadora: Beatriz Cristina Valentini Grigorio. Entrevista concedida para ao projeto de pesquisa “Enraiza-se - Cultivando Paisagens Internas Durante a Pandemia da Covid- 19”.

APÊNDICE A - Roteiro das Entrevistas

1. Como você se aproximou da prática da jardinagem?
2. Sob que condições de isolamento você passou a pandemia?
3. Na sua experiência, como a jardinagem contribuiu para o seu bem-estar mental durante a pandemia?
4. Quais são os desafios que você enfrentou ao praticar jardinagem durante a pandemia e como superou esses obstáculos?
5. Como a jardinagem impactou suas rotinas diárias e sua capacidade de lidar com o estresse associado à pandemia?
6. Você acha que a experiência da jardinagem durante a pandemia teve um impacto duradouro em sua abordagem à vida cotidiana e ao autocuidado?
7. Como você vê o papel contínuo da jardinagem em sua vida pós-pandemia?

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Enraizar-se e Construindo Paisagens Internas Durante a Pandemia da Covid-19

Pesquisador: BEATRIZ CRISTINA VALENTINI GRIGORIO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 76309823.7.0000.5366

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.699.022

Apresentação do Projeto:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 6.669.518.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 6.669.518.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 6.669.518.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 6.669.518.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 6.669.518. A pesquisadora responsável encaminhou o TCLE devidamente revisado.

Recomendações:

Nada a informar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto "Enraizar-se e Construindo Paisagens Internas Durante a Pandemia da Covid-19", de CAAE "76309823.7.0000.5366" teve sua(s) pendência(s) esclarecida(s) pelo(a) pesquisador(a) "BEATRIZ CRISTINA VALENTINI GRIGORIO", de acordo com a Resolução CNS 466/12 e

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro

Bairro: Zona Industrial

CEP: 89.219-710

UF: SC

Município: JOINVILLE

Telefone: (47)3461-9235

E-mail: comitetica@univille.br

Continuação do Parecer: 6.699.022

complementares, portanto, encontra-se APROVADO.

Informamos que após leitura do parecer, é imprescindível a leitura do item "O Parecer do CEP" na página do Comitê no sítio da Univille, pois os procedimentos seguintes, no que se refere ao enquadramento do protocolo, estão disponíveis na página. Segue o link de acesso <http://www.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/prppg/setores/area-pesquisa/comite-etica-pesquisa/status-parecer/645062>

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|-------------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2246911.pdf | 29/02/2024 11:21:48 | | Aceito |
| Outros | Carta_resposta_Beatriz_Grigorio.docx | 29/02/2024 11:20:38 | BEATRIZ CRISTINA VALENTINI GRIGORIO | Aceito |
| Outros | Carta_resposta_Beatriz_Grigorio_assinado_assinado.pdf | 29/02/2024 11:20:17 | BEATRIZ CRISTINA VALENTINI GRIGORIO | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_R03.pdf | 29/02/2024 11:19:51 | BEATRIZ CRISTINA VALENTINI GRIGORIO | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto_Detalhado.pdf | 13/11/2023 17:58:28 | BEATRIZ CRISTINA VALENTINI GRIGORIO | Aceito |
| Declaração de concordância | DECLARACAO_DE_PARTICIPACAO.pdf | 13/11/2023 17:52:06 | BEATRIZ CRISTINA VALENTINI GRIGORIO | Aceito |
| Brochura Pesquisa | Projeto_Plataforma_Brasil.pdf | 13/11/2023 17:48:28 | BEATRIZ CRISTINA VALENTINI GRIGORIO | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha_de_Rosto.pdf | 13/11/2023 17:25:09 | BEATRIZ CRISTINA VALENTINI GRIGORIO | Aceito |

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro

Bairro: Zona Industrial

CEP: 89.219-710

UF: SC

Município: JOINVILLE

Telefone: (47)3461-9235

E-mail: comitetica@univille.br



UNIVERSIDADE DA REGIÃO
DE JOINVILLE UNIVILLE



Continuação do Parecer: 6.699.022

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOINVILLE, 13 de Março de 2024

Assinado por:

**Marcia Luciane Lange Silveira
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro

Bairro: Zona Industrial

CEP: 89.219-710

UF: SC

Município: JOINVILLE

Telefone: (47)3461-9235

E-mail: comitetica@univille.br

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data 10/04/2025.

1. Identificação do material bibliográfico: () Tese (x) Dissertação () Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Autor: Beatriz Cristina Valentini Grigorio

Orientador: Raquel Alvarenga Sena Venera

Coorientador: Mariluci Neis Carelli

Data de Defesa: 26/02/2025


Título: Enraizar-se: Cultivando Paisagens Internas sobre a Pandemia da Covid-19

Instituição de Defesa: Univille

3. Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral (x) Sim () Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.

Documento assinado digitalmente
 BEATRIZ CRISTINA VALENTINI GRIGORIO
Data: 10/04/2025 16:27:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do autor

Joinville, 10/04/2025

Local/Data